

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA



**INSERÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS:
COMPARAÇÃO DOS PERCURSOS DOS DIPLOMADOS DO
SISTEMA DE APRENDIZAGEM E DO ENSINO PROFISSIONAL**

Catarina Cristino Pereira

**Mestrado em Sociologia
Especialidade em Família, Educação e Políticas Sociais**

Julho, 2008

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA



**INSERÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS:
COMPARAÇÃO DOS PERCURSOS DOS DIPLOMADOS DO
SISTEMA DE APRENDIZAGEM E DO ENSINO PROFISSIONAL**

Catarina Cristino Pereira

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Sociologia

Especialidade em Família, Educação e Políticas Sociais

Orientadora:

Professora Doutora Maria Natália de Carvalho Alves, Professora Auxiliar,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Julho, 2008

Resumo

Esta investigação enquadra-se nos estudos sobre a inserção profissional dos jovens e teve como objectivo comparar a trajectória de inserção profissional de dois grupos de diplomados da via profissionalizante de ensino, o Sistema de Aprendizagem (SA) e o Ensino Profissional (EP).

Os dados secundários foram recolhidos no âmbito do Estudo de Avaliação do Sistema de Aprendizagem (IESE/Quaternaire PT, 2007), através de inquérito por questionário, tendo sido seleccionada uma amostra de 698 diplomados do SA e 195 do EP, correspondente ao total de jovens que após a conclusão do curso optou por ingressar no mercado de trabalho. O foco da análise incide em dois momentos dos percursos de inserção: o primeiro emprego e a situação profissional dos jovens cerca de três anos após a conclusão do curso.

Os resultados obtidos revelam diferenças no perfil socioeducativo dos jovens, com o grupo do SA a concentrar jovens oriundos de famílias menos escolarizadas e a ser mais marcado por trajectórias escolares descontínuas e reprovações.

A construção de trajectórias-tipo de inserção profissional permitiu comparar um conjunto de dimensões chave do acesso ao emprego e do tipo de emprego obtido pelos diplomados. Os resultados confirmam a diversidade dos percursos de inserção profissional, mas com grandes semelhanças nos dois grupos. Ao longo dos primeiros três anos de ingresso no mercado de trabalho, as trajectórias de inserção profissional dos jovens distribuem-se por *percursos de precariedade*, caracterizados pela ausência de contrato de trabalho e salários baixos; *percursos de estabilidade*, que se distinguem pela obtenção de um contrato de trabalho estável e a remuneração de salários médios e *percursos ascendentes*, que apresenta como elementos distintivos a posse de um contrato de trabalho, ainda que não estável, e os melhores salários.

Palavras-chave: Inserção profissional de jovens; Relação educação/emprego; Via profissionalizante de ensino; Estudo comparativo.

Abstract

This research is linked to studies on youths' professional insertion and aimed to compare trajectories of two groups of graduates from vocational training: "Sistema de Aprendizagem" (SA) and "Ensino Profissional" (EP).

The secondary data was gathered in the context of the Evaluation Study of SA (IESE/Quatenaire PT, 2007) through an inquiry, after which we selected the total of graduates that decided to access the labour market: 698 graduates from SA and 195 from EP. This study focus on two moments of professional insertion trajectories: the first job and the professional situation three years after they finish their training.

The results show differences in the social-educative patterns of the two groups: SA graduates belong to less qualified families and their school trajectories are more discontinuous and characterized by more school failure.

The construction of a typology of professional insertion trajectories allowed us to compare a set of key dimensions of the access to the labour market, as well as the type of jobs graduates had.

The results confirm the diversity of the professional insertion trajectories, but with great similarities in the two groups. Throughout the first three years of ingression in the labour market, the trajectories of professional insertion of the young are distributed in *precariousness trajectories*, characterized for jobs without an employment contract and low wages; *stability trajectories*, that are distinguished by the attainment of a stable employment contract and medium wages and *ascending trajectories*, that are distinguished by the ownership of an employment contract, although not stable, and best wages.

Keywords: Professional insertion of young people; Relation education/job; Vocational education and training; Comparative study.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não seria possível sem o apoio de quem mais de perto acompanhou a sua construção.

Pela motivação, ajuda e incentivo, em momentos diferentes mas essenciais deste meu percurso, agradeço, com igual significado, ao IESE - Instituto de Estudos Sociais e Económicos, na figura do Dr. António Oliveira das Neves, pelo enquadramento profissional de aprendizagem permanente e pela confiança em mim depositada ao incentivar a realização deste Mestrado, à Professora Doutora Natália Alves, pela exemplar orientação que me concedeu e pelo seu enorme empenho e disponibilidade, à Professora Doutora Helena Carvalho, pela paciência e dedicação com que me ajudou a descobrir as potencialidades da análise multivariada de dados, ao conjunto de professores que conheci ao longo da minha trajectória académica, a quem devo parte da minha vontade de aprender e, por último, mas não menos importante, àqueles que estão sempre presentes.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. EDUCAÇÃO, ECONOMIA E EMPREGO	3
2.1. Da crença na educação, à crise do desemprego	3
2.2. A via profissionalizante de ensino em Portugal: uma aposta renovada	7
2.3. A problemática da inserção dos jovens na vida activa.....	8
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	13
3.1. Relações entre o mercado de trabalho e a inserção profissional dos jovens.....	13
3.2. Organização da oferta formativa – factor indutor dos trajectos de inserção?	14
3.3. Características individuais: factores contra e a favor da inserção profissional	16
3.4. Questões de partida da investigação e opções metodológicas	16
4. COMPARAÇÃO DO PERCURSO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL DE DOIS GRUPOS DE DIPLOMADOS ATRAVÉS DO ENSINO PROFISSIONALIZANTE.....	19
4.1. O que aproxima e/ou diferencia os jovens do SA e do EP?	19
4.2. A inserção profissional dos diplomados do SA e do EP	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
5.1. Abreviando a resposta às questões de investigação	41
5.2. Parar para reflectir.....	43
5.3. Pistas para o futuro.....	44
6. BIBLIOGRAFIA	46
7. ANEXO METODOLÓGICO	49
Anexo 1. Nota sobre o potencial comparativo entre o SA e o EP	50
Anexo 2. Nota técnica sobre o processo de recolha de dados	52
Anexo 3. Matriz do modelo de análise.....	54

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Evolução do número de matriculados no EP e no SA	16
Tabela 2. Universo e amostras dos inquéritos por questionário	17
Tabela 3. Síntese dos traços sociográficos dominantes dos diplomados	22
Tabela 4. Factores subjacentes à opção pelo curso: identificação de dimensões	24
Tabela 5. Motivos subjacentes à opção pelo curso: identificação de dimensões	25
Tabela 6. Perfis de estabilidade da situação profissional nos três anos seguintes à conclusão da formação	29
Tabela 7. Mudanças de profissão dos diplomados entre o primeiro e o último emprego	31
Tabela 8. Indicadores distintivos das características do emprego obtido nos dois grupos de diplomados	34
Tabela 9. Perfis de primo-inserção dos diplomados	37
Tabela 10. Perfis de inserção profissional dos diplomados	40

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Taxa de desemprego do total da população e da população com menos de 25 anos, em Portugal e na Europa	5
Gráfico 2. Frequência da via profissionalizante no nível secundário, em Portugal e na Europa	7
Gráfico 3. Taxa de desemprego da população portuguesa (25-64 anos), por nível de escolaridade	14
Gráfico 4. As escolhas formativas dos diplomados do SA, por sexo	21
Gráfico 5. As escolhas formativas dos diplomados do EP, por sexo	21
Gráfico 6. Indicadores de trajectória escolar dos diplomados	23
Gráfico 7. Grau médio de importância atribuído às dimensões que influenciaram a opção pelo curso, por modalidade formativa	24
Gráfico 8. Grau médio de importância atribuído aos factores de motivação que influenciaram a opção pelo curso, por modalidade formativa	26
Gráfico 9. Diplomados empregados, ao longo do tempo	28
Gráfico 10. Primo-inserção do grupo SA	35
Gráfico 11. Primo-inserção do grupo EP	36
Gráfico 12. Inserção profissional do grupo SA	38
Gráfico 13. Inserção profissional do grupo EP	39

1. INTRODUÇÃO

Até às crises dos anos setenta, a educação era concebida como um instrumento fundamental para diminuir as desigualdades sociais e como uma condição indispensável para assegurar o crescimento económico. O paradigma que então prevalecia associava a escola aos valores de igualdade e justiça social das sociedades democráticas e, simultaneamente, assistia-se a transições lineares entre a escola e o mercado de trabalho.

A constatação de que a escola reproduz as desigualdades sociais, a par do aumento do desemprego, em particular do desemprego juvenil, fragiliza a sua posição ideológica e traz para a agenda política a discussão sobre o papel da educação no combate ao desemprego.

Na origem da profissionalização dos sistemas educativos, processo que se inicia nos anos 80, está patente uma reacção dos sistemas educativos a um mercado cada vez mais exigente e global. O crescimento do desemprego juvenil legitima a criação de políticas destinadas a favorecer a inserção profissional dos jovens no mercado de trabalho, processo cada vez menos linear (com sucessões entre situações de desemprego e de emprego) e mais precário.

Este trabalho baseia-se na caracterização das trajectórias de inserção profissional dos diplomados de duas modalidades de formação do ensino profissionalizante implementadas em Portugal em meados dos anos 80: o Ensino Profissional (EP) e o Sistema de Aprendizagem (SA). O seu principal objectivo é *comparar os processos de inserção profissional* dos jovens que concluíram formação em ambas as modalidades, com base em dados recolhidos através da aplicação de dois inquéritos por questionário, um dirigido a diplomados do Ensino Profissional e outro a diplomados do Sistema de Aprendizagem. Os dados analisados foram recolhidos no âmbito do Estudo de Avaliação do Sistema de Aprendizagem (IESE/Quaternaire PT, 2007)¹.

A guiar a análise secundária dos elementos recolhidos, procuramos resposta para as duas questões que orientam a nossa investigação: “*O que aproxima e/ou diferencia os jovens do SA e do EP?*” e, fundamentalmente, “*O que distingue a inserção profissional dos diplomados do SA e do EP?*”.

A análise realizada foca-se na comparação do perfil socioeducativo dos dois grupos de diplomados, que concluíram a sua formação em 2003, e das suas trajectórias de inserção no mercado de trabalho. Caracterizadas estas duas dimensões, incidimos a análise,

¹ Esse Estudo centrou-se na avaliação do SA, no âmbito do qual o grupo de diplomados do Ensino Profissional foi analisado no estatuto de grupo de controlo.

essencialmente, sobre as condições de acesso ao emprego e o tipo de emprego que obtiveram, destacando as diferenças e semelhanças dos modos de inserção dos diplomados do SA e do EP.

O *Capítulo 2* deste trabalho recolhe contributos do conhecimento construído em torno das relações entre educação, economia e trabalho, dando especial atenção à problemática da inserção dos jovens na vida activa.

No *Capítulo 3*, contextualizamos a investigação no modelo de análise adoptado, que constituiu a espinha dorsal deste trabalho, e que se entrecruza com os principais resultados dos inquéritos aos diplomados do SA e do EP, os quais são apresentados no *Capítulo 4*.

No *Capítulo 5* sistematizamos as principais conclusões da investigação e as reflexões por esta suscitada.

Este documento é complementado por um capítulo de *Anexos*, de natureza metodológica, que inclui os seguintes elementos: (i) nota sobre o potencial comparativo das duas modalidades formativas; (ii) nota técnica sobre o processo de recolha de dados, (iii) matriz do modelo de análise; (iv) resultados dos inquéritos e (v) formulários de inquéritos, os dois últimos dos quais são apresentados em CD.

2. EDUCAÇÃO, ECONOMIA E EMPREGO

2.1. Da crença na educação, à crise do desemprego

A relação entre educação e economia tem alimentado um extenso debate teórico em torno da discussão das relações entre educação, produtividade e crescimento económico, cujas raízes históricas remontam ao final da 2ª guerra mundial e dão corpo à teoria do capital humano.

O crescimento económico que marcou esse período histórico e a consolidação dos regimes democráticos na maior parte dos países europeus criaram o pano de fundo para a expansão dos sistemas educativos, assente na crença de que o investimento público e privado na educação, e o acesso generalizado de todos os cidadãos à educação, são condições fundamentais para assegurar o crescimento e a modernização das economias nacionais, assim como o rendimento das famílias.

A desigualdade no acesso à educação é substituída, neste período, por princípios políticos que defendem o acesso, em massa, à educação, tendo por base uma concepção ideológica da educação como um meio de combate às desigualdades sociais. A difusão da teoria do capital humano, suportada em resultados parcelares de estudos sobre a mobilidade social nas sociedades industriais (Boudon, 1973) e sobre a relação entre nível de habilitação e remuneração, a par do aumento dos rendimentos das famílias (que assim podiam dispensar os jovens de contribuir para o rendimento do agregado) e da melhoria das condições de vida das populações, difundiram a percepção de que as oportunidades de mobilidade social dependiam apenas da vontade de cada indivíduo em investir na sua trajectória escolar.

A teoria do capital humano resulta do desenvolvimento das teorias neoclássicas que assumem os postulados de que o mercado tem um funcionamento perfeito e de que o comportamento dos indivíduos decorre da procura racional pelo maior benefício. Boudon (1973) transpõe para o campo da sociologia os fundamentos desta teoria económica para explicar a tomada de decisão dos indivíduos acerca das suas opções escolares. Será a análise racional de ponderação de custos e benefícios decorrentes da opção por mais educação que justifica a procura de formação académica, porque se acredita que esse é o melhor caminho para obter emprego e melhores condições de vida.

Duas críticas se destacam a esta teoria. Por um lado, a educação e a formação não podem ser encaradas unicamente como um repositório de conhecimentos, porque implicam a capacidade de os concretizar, aspecto determinante no acesso ao emprego. Por outro lado, dados

empíricos colocam reservas à linearidade da relação entre formação, produtividade e salário, em que assenta a teoria do capital humano².

Das críticas à teoria do capital humano, surgem renovações da sua concepção original, como sejam as “teorias credencialistas” (Rose, 1998), que explicam o valor dos diplomas por um efeito de mercado e não pelos conhecimentos adquiridos na formação inicial, i.e., os empregadores utilizam os diplomas como um sinal para estimar as capacidades produtivas, prováveis, dos indivíduos.

Nos anos 70 começa a ruir a visão ideológica da educação como meio para a diminuição das desigualdades sociais e inicia-se um novo ciclo da reflexão científica entre educação-economia.

Os trabalhos de Bourdieu e Passeron (1970) destacam o papel da escola na reprodução das desigualdades sociais, o qual é confirmado pelos trabalhos de outros autores, como Prost (1992) e Perrenoud (1986) que consideram que, sob a aparência da unificação e igualdade, a escola divide e reproduz as diferenças sociais entre operários e burgueses, através de mecanismos próprios, como as fileiras do sistema de ensino.

Bourdieu (1972) introduz o conceito de habitus, para designar a interiorização pelos indivíduos de regras sociais que lhes indicam o sentido da dominação de que são objecto e que determinam os seus destinos profissionais, legitimando e reproduzindo as diferenças de classe. Não obstante a visão demasiado determinista da acção humana que trespasa este conceito, na medida em que anula a capacidade de acção e inovação dos actores sociais, a teoria da reprodução enquadra o estudo das desigualdades sociais produzidas na escola, tendo servido de suporte às críticas lançadas às políticas educativas durante os anos 70³.

Apesar de questionado o contributo directo da educação para o crescimento económico, as transformações que acompanham a evolução dos mercados de trabalho na sociedade contemporânea vêm atribuir uma nova visibilidade a essa relação.

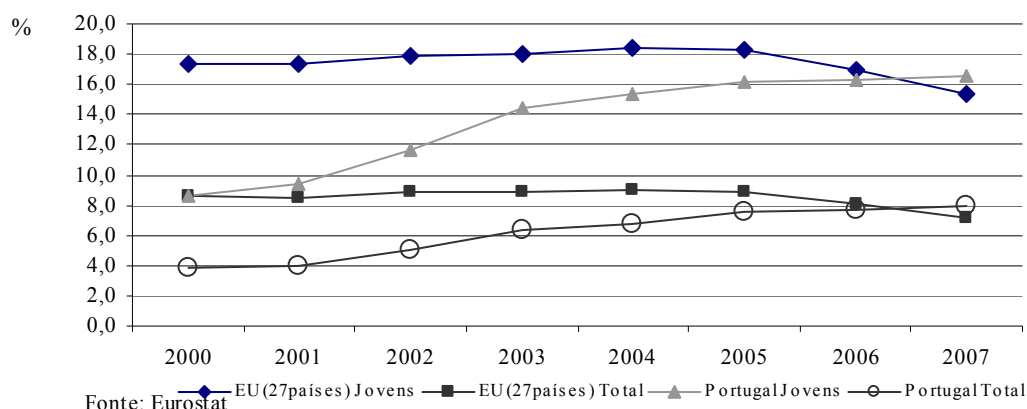
Na Europa e em Portugal, desde 2001, que a taxa de desemprego nos jovens regista uma tendência crescente, associada à evolução das tecnologias de informação, a par do

² Refiram-se três resultados identificados por Eicher (1979) que demonstram o desfasamento entre a teoria do capital humano e evidências empíricas: a) a correlação entre despesa em educação por aluno e crescimento PNB tem um valor quase nulo; b) existe uma grande variância nos níveis de remuneração para um mesmo nível de habilitação; c) em muitos países, a evolução da repartição de rendimentos fica muito aquém do esperado, tendo em conta o aumento significativo do nível médio das habilitações verificado.

³ Na actualidade, o conceito de desigualdade aplicado ao contexto escolar ganha um novo significado. Com o número de efectivos escolares a aumentar de forma significativa, ganha visibilidade o fenómeno do insucesso escolar, recolocando a tónica da (des)igualdade de oportunidades na garantia dos resultados escolares.

abrandamento do crescimento económico nos países industrializados e da deslocalização das indústrias para países onde a mão-de-obra é mais barata, indicando que aos jovens estão reservadas dificuldades acrescidas de entrada no emprego⁴.

Gráfico 1. Taxa de desemprego do total da população e da população com menos de 25 anos, em Portugal e na Europa



No mercado de trabalho que recebe os jovens recém-formados (independentemente do nível de escolaridade que possuem): (i) desenvolvem-se novas formas de organização do trabalho, capazes de responder às necessidades de modernização e inovação permanentes, e que privilegiam o recurso a trabalhadores qualificados, que trabalham em equipas semi-autónomas, mas convivem, ainda, com formas tradicionais, associadas a mão-de-obra pouco qualificada; (ii) o recurso às tecnologias da informação e da comunicação cria novas desigualdades no acesso ao emprego, já que o acesso e uso desta ferramenta está longe de ser universal; (iii) oferecem-se vínculos laborais precários, predominando a celebração de contratos a termo certo ou outros tipos de vínculo não permanente, especialmente para aqueles que ingressam no mercado de trabalho e que, frequentemente, experimentam várias actividades precárias enquanto aguardam por uma situação mais estável, adiando projectos pessoais (como a constituição de família ou a compra de casa) pouco compatíveis com uma situação profissional “atípica”; (iv) alteram-se as estratégias de recrutamento da mão-de-obra, criando um fosso entre trabalhadores altamente qualificados, especializados e afectos a tarefas de coordenação e planeamento, e trabalhadores genéricos, pouco qualificados e que circulam entre vários postos de trabalho (Azevedo, 2007). Como marca distintiva das sociedades contemporâneas, assiste-se a um fenómeno de polarização do emprego, que acentua as desigualdades entre empregos de topo, ligados à gestão e a profissionais técnicos

⁴ No Plano Nacional de Emprego para o triénio 2005-2008 pode ler-se que o aumento da taxa de desemprego dos jovens, face à generalidade da população activa, em simultâneo com a diminuição da sua taxa de emprego, confirma dificuldades acrescidas de entrada no emprego por parte desse grupo da população.

especializados, os quais são designados por Reich (1996) como analistas simbólicos, e empregos de base (principalmente na área da saúde, do cuidado às crianças e aos idosos e do comércio a retalho), diferentemente valorizados na sociedade e que se traduzem em salários e condições de trabalho desiguais (Atkinson, 2005; Castells, 2002).

As constantes mutações do mercado acarretam outro tipo de tendência: a de os indivíduos ficarem institucionalmente menos protegidos porque, sem contratos estáveis de trabalho, têm menos direitos sociais e estão mais dependentes das condições de negociação individual. Para Beck (1992), essa tendência alimenta um fenómeno de individualização do trabalhador no processo de trabalho, inscrito num processo mais geral de responsabilidade individual.

Neste contexto, a educação surge reinvestida de um duplo papel: contribuir para aumentar a competitividade das economias nacionais, no quadro de uma internacionalização crescente, e combater o desemprego juvenil. Na esfera política, sob o paradigma da Aprendizagem ao Longo da Vida, transmite-se a ideia de que o investimento em educação é condição fundamental para acompanhar as mutações do mercado de emprego e que cabe a cada indivíduo a responsabilidade em apostar na sua formação, como forma de prevenir a exclusão do mercado de trabalho. Segue-se o pressuposto de que o aumento da educação possa estar associado a um aumento da empregabilidade em termos quantitativos e qualitativos (OCDE, 1997), mas, sobretudo, que a produção de certas qualificações e competências possa ser tão ou mais facilitadora dessa transição e empregabilidade. Dito de outra forma, a formação surge associada à necessidade de responder a um mercado instável, que requer dos jovens a capacidade para se manterem, simultaneamente, empregáveis e aprendentes ao longo da vida⁵.

No nosso país, os investimentos recentes em matéria de política educativa passam por garantir a diversidade da oferta de educação e formação, nomeadamente, através da aposta na via profissionalizante de ensino, no sentido de uma aproximação crescente da educação à esfera do trabalho.

⁵ Esta foi, aliás, uma das principais questões levantadas pela OCDE na sua avaliação sobre a transição da educação e formação inicial para a vida activa em Portugal: “a transição dos jovens da educação para o trabalho tem de ser vista na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, ou seja, ultrapassar o problema da transição envolve mais do que pôr os jovens a trabalhar. É também importante que os jovens portugueses tenham o conhecimento, as competências e as atitudes para se tornarem aprendentes activos ao longo das suas vidas” (OCDE, 1999:17). Como a própria OCDE conclui, as características do próprio sistema de EFP são naturalmente decisivas para este objectivo que “requer um sistema de elevada qualidade de educação e formação inicial, assim como estruturas e percursos que providenciem efectivas transições da educação para o mercado de trabalho e deste para a educação novamente” (OCDE, 1999:18).

Nesta investigação, optou-se por dar particular atenção à via profissionalizante de ensino, para enquadrar o contexto em que se desenvolvem duas importantes modalidades que servirão de suporte empírico a este trabalho: o Ensino Profissional e o Sistema de Aprendizagem.

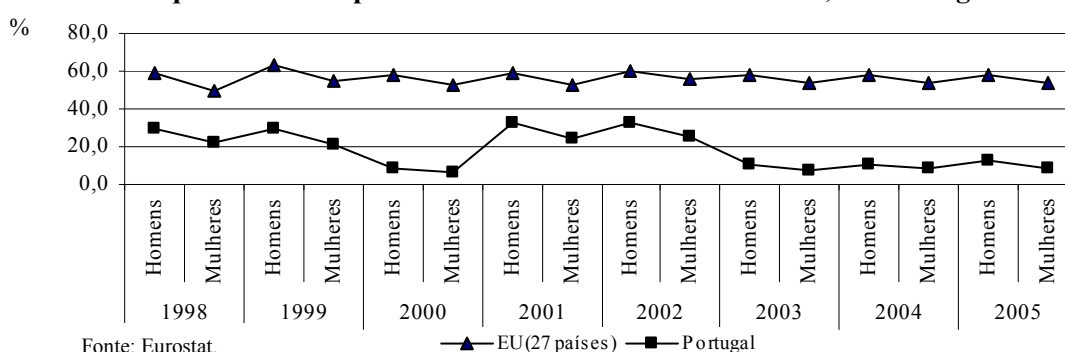
2.2. A via profissionalizante de ensino em Portugal: uma aposta renovada

A aposta política na via profissionalizante de ensino, em Portugal, tem início nos anos 80. Em 1980, não havia nenhuma formação sistemática com certificação escolar e profissional; quatro anos depois, iniciou-se a “experiência pedagógica” do ensino secundário técnico-profissional e, nessa altura, o Sistema de Aprendizagem (criado em 1984) era a única resposta de formação que atribuía dupla certificação: escolar e profissional.

A evolução da via profissionalizante do ensino segue no sentido de mais escolaridade e da diversificação da oferta, com o surgimento, no final dos anos 80, das Escolas Profissionais. Estas passam a abranger a educação secundária, tal como acontece actualmente com o Sistema de Aprendizagem, prevendo a possibilidade de progressão para o nível superior de ensino.

Em Portugal, a procura do ensino profissionalizante é, por tradição, fraca, e particularmente pouco atractiva para as raparigas. Na média dos países da UE, a procura dessa via pelos jovens é significativamente superior. Ainda que se mantenha a tendência para serem ofertas mais procuradas por rapazes, a diferença de procura por sexo não é tão acentuada como em Portugal, como o gráfico seguinte ilustra.

Gráfico 2. Frequência da via profissionalizante no nível secundário, em Portugal e na Europa



A esta situação não são certamente alheios nem os valores culturais dominantes que atribuem supremacia à cultura académica sobre os saberes técnicos e profissionais, revelando vestígios da diferenciação social que, segundo Sérgio Grácio, esteve, durante décadas, associada ao ensino técnico (Grácio, 1997), nem as políticas salariais que tendem a privilegiar os diplomados com o ensino superior, nem o prestígio social dos cursos e profissões.

Actualmente, a Iniciativa Novas Oportunidades avança com uma aposta forte na via profissionalizante de ensino, nomeadamente através da expansão do ensino profissional para as escolas secundárias públicas, pretendendo a aproximação, gradualmente até 2010, ao valor médio da procura desse tipo de ensino registado nos países da Europa, o qual se aproxima, na última década, de metade dos jovens que frequentam o ensino secundário (como ilustra o gráfico anterior).

Apesar das críticas à teoria do capital humano, é a reapropriação social da mesma que constitui o principal argumento legitimador das políticas educativas em curso, como defende Weir (1991). Para este autor, a fórmula clássica da teoria do capital humano evoluiu para mais educação de matriz profissionalizante = mais recursos humanos qualificados = mais competitividade = mais riqueza = redução do desemprego juvenil (Weir, 1991). A finalidade da educação transforma-se, novamente, da intenção de garantir a igualdade de oportunidades (de acesso e sucesso) para todos, com vista à diminuição das desigualdades sociais, para a necessidade de responder a exigências concretas da alteração dos mercados e ao aumento do desemprego dos jovens.

O binómio educação/economia reforça-se, com a educação a reassumir um papel instrumental em duas componentes essenciais da economia: a competitividade e o emprego, e o discurso e as práticas de política educativa confundem-se com a necessidade de qualificar melhor os jovens para que a sua inserção profissional seja facilitada. Este tem sido, desde os finais da década de setenta, um foco importante da preocupação dos poderes públicos que tem originado várias medidas específicas, no âmbito das políticas de emprego, de educação/formação e da juventude, que visam o apoio à inserção socioprofissional dos jovens⁶.

2.3. A problemática da inserção dos jovens na vida activa

Ser jovem, hoje, é pertencer a uma geração que tem em comum, entre outras coisas, um processo de socialização profissional singular, marcado pelo acesso ao emprego num contexto de desemprego e de precariedade.

Não obstante a diversidade de interpretações possíveis do fenómeno do desemprego juvenil, com enfoque em factores conjunturais (como a Teoria do ciclo, que defende que o

⁶ Segundo Azevedo (2007), entre o fim dos anos 90 e o início dos anos 2000, as políticas públicas de apoio à inserção podem ser agrupadas em cinco grandes domínios: prevenção do abandono escolar precoce, informação e orientação escolar e profissional, reforço do ensino e da formação inicial profissionalmente qualificante, apoio à inserção socioprofissional de jovens, e apoio à criação de emprego.

desemprego é um fenómeno cíclico, dependente dos relançamentos e abrandamentos da economia) ou, por outro lado, em factores estruturais (como a Teoria Estrutural, que enfatiza as mudanças na estrutura das qualificações produzidas pela modernização tecnológica do tecido produtivo), ou outros, um facto é inquestionável: o desemprego tem vindo a assumir-se como um elemento presente na transição da escola para o mercado de trabalho e a ter uma duração cada vez maior (Lindley, 1986), o que transpõe para o período de integração dos jovens no trabalho, uma dimensão de problema social.

Para além do fenómeno do desemprego, os jovens são alvo privilegiado de empregos precários. Rose (1998) destaca o fenómeno da precarização do emprego dos jovens e as contradições que lhe estão subjacentes, concluindo que os jovens possuem habilitações superiores aos restantes activos, mas ocupam empregos menos qualificados; a formação constitui uma protecção face a situações de desemprego, mas não garante a obtenção de um emprego coincidente com as qualificações dos jovens.

É esta realidade que vem alimentando a investigação em torno desta problemática, interessando para este trabalho, num primeiro plano, compreender o quadro conceptual subjacente ao estudo do fenómeno da inserção profissional e, num segundo plano, sistematizar os principais *outputs* da investigação científica realizada.

O conceito de inserção profissional e a pertinência do estudo deste fenómeno

A expressão inserção profissional é de origem francófona e passa a ser generalizadamente utilizada quando as dificuldades dos jovens em aceder ao mercado de trabalho se intensificam e a passagem da esfera da educação para o mercado de trabalho passa a ser um processo longo e complexo (Alves, 2007).

Nessa expressão cabem várias dimensões de um mesmo problema social - económica, social, cívica e simbólica - na medida em que o emprego é, simultaneamente, uma condição vital para a estabilidade económica, para o estabelecimento de redes sociais e para a construção da identidade do indivíduo, e uma arma contra a exclusão social. Por isso, falar de inserção profissional é também falar de inclusão social.

Cientificamente, é consensual que a inserção profissional já não é nem um período garantidamente curto, nem um processo simples. As concepções deste processo e da temporalidade do fenómeno em causa distinguem-se em três linhas principais de pensamento: economicista neoclássica, economicista de outras correntes e sociológica.

A visão economicista neoclássica defende que as dificuldades de inserção profissional resultam, sobretudo, de “disfuncionamentos” do mercado de trabalho que derivam deste não estar a funcionar de modo perfeitamente concorrencial, de haver difíceis ajustamentos entre a educação e a economia e da deficiente informação entre a oferta e a procura. Neste posicionamento, está patente uma visão neoclássica da sociedade constituída por indivíduos racionais, que agem de acordo com a maximização dos seus interesses, num contexto igualmente racional e claramente definido. Vincens (1981) é um dos representantes desta linha de pensamento. Preocupado em definir o fim do período de inserção profissional, considera que esse só estará concluído quando: (i) o emprego obtido for durável (ou seja, nada indique que os indivíduos venham a precisar de mudar de emprego no futuro próximo); (ii) se trate de um emprego que os indivíduos não pretendam, voluntariamente, abandonar e (iii) que deixem de procurar outros empregos ou de estudar com a intenção de obter novo emprego. Vernières (1993) defende esta perspectiva individual de inserção profissional, a qual define como sendo o processo a partir do qual os indivíduos que nunca pertenceram à população activa acedem a uma posição estabilizada no mercado de emprego, obtida através da celebração de um contrato de trabalho, mas também quando os indivíduos possuem experiência profissional suficiente para transformar em produtividade os conhecimentos adquiridos na sua formação. Para este autor, a inserção profissional é também um processo institucionalizado, decorrente da variedade de políticas públicas de emprego e formação que visam facilitar a inserção profissional dos jovens. Na linha de pensamento de Vernières, de que a inserção profissional é um processo institucionalizado, Rose (1998) defende uma concepção de inserção (ou transição, no conceito que utiliza) como um processo socialmente estruturado, na medida em que nele intervêm vários actores como o Estado ou as empresas. É também um processo singular, porque se circunscreve a um período isolado na vida dos jovens, complexo, porque integra elementos relacionados com a formação e o exercício de uma actividade profissional e também porque representa a passagem por diversos estatutos (aprendiz, estagiário, empregado, desempregado, formando...). É longo, porque se dilata no tempo e, por último, diversificado, porque ocorre de diferentes formas e ritmos.

De uma visão macro-estrutural da inserção profissional, demarcam-se as abordagens que realçam os constrangimentos que envolvem as escolhas e as oportunidades de inserção de cada indivíduo, nomeadamente no que respeita aos modos de regulação do mercado de trabalho, às estratégias de recrutamento das empresas e aos sistemas de educação-formação que frequentaram. Os estudos de raiz sociológica valorizam, sobretudo, a dinâmica das

trajectórias sociais dos jovens, traduzindo a forma como cada indivíduo gere, activamente, os recursos disponíveis (como os empregos, a formação pós-escolar, os apoios institucionais, o apoio familiar, etc.) em função do seu projecto individual (que combina os objectivos pessoais face ao emprego e a própria experiência de vida). Nesta corrente destacam-se um conjunto de autores, como Dubar (1991) e Nicole-Drancourt e Roulleau-Berger (2001), os quais concebem a inserção como um processo de socialização e de construção identitária.

O caminho da investigação realizada

Os estudos que se centram na compreensão do fenómeno da inserção profissional dos jovens, em Portugal, são poucos e recentes. Pelo contrário, em países como a França, a Grã-Bretanha ou os Estados Unidos, existe uma longa tradição de investigação e conhecimento acumulado. Sob a responsabilidade de entidades de natureza vária, a investigação realizada incide sobretudo em abordagens predominantemente longitudinais, de seguimento de *cohortes* de jovens (p.e., inquéritos de percurso do CEREQ que reconstituem as trajectórias de inserção dos jovens desde a saída dos estabelecimentos de ensino até três ou cinco anos depois).

A maioria da investigação realizada nesses países centra-se na oferta, ou seja, na análise das características individuais da oferta de trabalho e na forma como estas influenciam o acesso dos jovens ao emprego, pondo em evidência o efeito que variáveis como o sexo, a idade, o nível de formação ou o tipo de curso de formação imprimem às trajectórias de inserção. Neste quadro, refira-se o estudo de Wolbers (2000), realizado na Holanda, que demonstra que os indivíduos com formação vocacional correm menos riscos de desemprego do que os da formação geral.

A partir dos anos 80, começam a emergir os estudos centrados na procura que, em oposição aos anteriores, privilegiam o papel desempenhado pelas empresas e pelas suas políticas de gestão de recursos humanos.

Em França, surge uma nova linha de investigação, a da construção de trajectórias-tipo, que permite classificar uma *cohorte* em função dos seus modos de inserção. A este propósito, Alves (2007) refere-se à tipologia de Grelet, Pottier e Viney como um bom exemplo desta corrente de investigação. Estes autores identificaram quatro percursos-tipo de inserção profissional dos jovens que terminaram uma formação tecnológica curta: (i) percurso de desemprego recorrente; (ii) percursos de inserção lenta e difícil, (iii) percursos de instabilidade de emprego; (iv) percursos ascendentes.

No nosso país, a recolha de dados sobre a inserção profissional dos jovens tem sido assumida por diferentes entidades, que focam a análise em grupos específicos de diplomados, distintos pelo tipo de formação recebida ou pela entidade promotora: o OEVA (Observatório de Entradas na Vida Activa) analisa a inserção dos ex-formandos que concluíram formação promovida pelo IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional), a CIME (Comissão Interministerial para o Emprego), a dos diplomados de cursos financiados por fundos comunitários. Esta distinção resulta na desarmonia da informação recolhida e na impossibilidade de análises comparativas continuadas, que permitam traçar a relação entre os diplomas obtidos pelos jovens e as suas trajectórias de inserção.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Da complexidade da relação entre a formação e o mercado de trabalho resulta que a desvantagem dos jovens perante o mercado de trabalho, sobretudo em termos da qualidade dos empregos disponíveis nos primeiros tempos, é condicionada pela forma como os mercados de trabalho e os próprios sistemas de educação-formação estão estruturados, no que respeita às formas de recrutamento valorizadas.

3.1. Relações entre o mercado de trabalho e a inserção profissional dos jovens

A investigação do fenómeno da inserção profissional centrada na procura coloca em contraste dois tipos principais de estruturas de mercado de trabalho: mercados de trabalho internos (ILM) e mercados de trabalho ocupacionais (OLM) (Gangl, 2003a). Quando os sistemas de educação-formação têm uma orientação relativamente geral e os mercados de trabalho internos dominam, os jovens adquirem as suas competências, sobretudo, no emprego. Neste caso, a maioria dos jovens acede ao mercado de trabalho por um nível profissional inferior e está em desvantagem quando compete com outros trabalhadores que já estão empregados na empresa e em melhores posições (em termos de salários, perspectivas de carreira e segurança de emprego). Pelo contrário, nos mercados de trabalho “ocupacionais” ou assentes numa lógica de “profissionalização”, os jovens qualificados numa dada área têm, efectivamente, uma significativa probabilidade de encontrar emprego que esteja de acordo com a sua qualificação profissional.

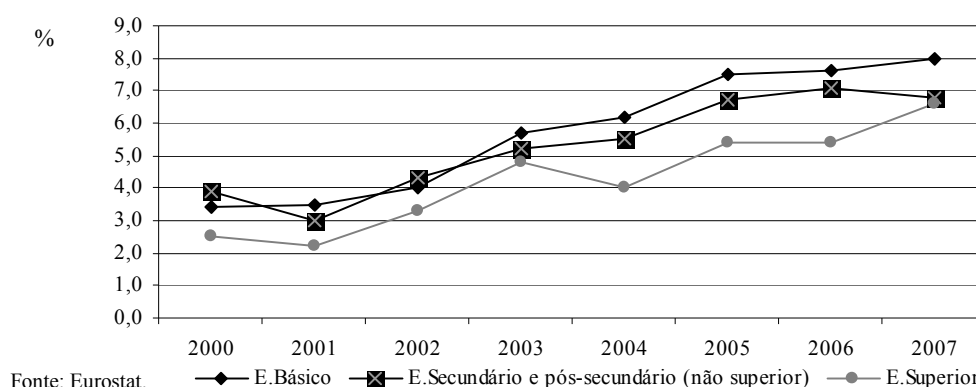
Portugal, tal como os restantes países do Sul da Europa, não se integra totalmente em nenhum dos modelos referidos (o Reino Unido, a Irlanda, a França e a Bélgica representam sistemas ILM e a Dinamarca, a Alemanha, a Áustria e a Holanda, o modelo OLM), existindo uma marcada separação entre o período escolar ou de formação e o mercado de trabalho⁷, e com as qualificações escolares e a experiência profissional a exercerem, ambas, uma forte influência no processo de inserção profissional, com baixos níveis de mobilidade após o primeiro emprego obtido. Estas especificidades justificam a definição de um modelo tricotómico dos padrões europeus de entrada dos jovens no mercado de trabalho.

Ao passo que na maior parte dos países europeus, a educação é a variável individual que explica as diferenças do desemprego e precaridade, nos países do Sul da Europa, nem o tipo,

⁷ Para além desta diferença, é nos países do Sul que há maior proporção de jovens que não está inserida no sistema de educação e formação nem está a trabalhar, assim como de jovens que abandonaram a escola precocemente (Wolbers, 2003).

nem o nível de educação são suficientes para explicar as elevadas taxas de desemprego registadas junto dos jovens (Gangl, 2003b), não obstante o facto de a taxa de desemprego diminuir em relação inversa ao nível de escolaridade obtido: a taxa de desemprego dos diplomados pelo ensino superior é inferior à dos diplomados do ensino secundário; por sua vez, esta é inferior à dos jovens com escolaridade ao nível do ensino básico.

Gráfico 3. Taxa de desemprego da população portuguesa (25-64 anos), por nível de escolaridade



Mas a “preferência” do mercado por recursos mais qualificados não é generalizada e num tecido económico nacional ainda pouco desenvolvido, em matéria de inovação e desenvolvimento tecnológico, essa suposta preferência parece pouco consistente. O Plano Nacional de Emprego para o triénio 2005-2008 (DGEEP, 2006) refere que a taxa de desemprego dos jovens tende a assumir uma importância mais relevante do que no passado entre os detentores de qualificações mais elevadas (nível superior e intermédio).

Azevedo (2007) conclui que a actual segmentação do mercado de trabalho, entre segmentos primários (que requerem mão-de-obra qualificada e mais prestigiados) e segmentos secundários (com empregos indiferenciados e menos bem pagos) funciona, face à saída dos jovens da escola, como atratora ou retardadora. Os segmentos de mercado disponíveis para uma mão-de-obra pouco qualificada, de baixo-custo, funcionam como atratores e são, sobretudo, os jovens oriundos de famílias mais pobres que são atraídos para um ingresso prematuro e pouco qualificado no mercado de trabalho. Por outro lado, os segmentos de mercado que requerem trabalhadores qualificados incentivam o prolongamento da permanência no sistema de educação-formação.

3.2. Organização da oferta formativa – factor indutor dos trajectos de inserção?

Como tivemos oportunidade de referir anteriormente, por trás da diversidade de oferta formativa actual parecem subsistir valores de esfera ideológica que associam a oferta, *grosso modo* organizada em cursos académicos (especialmente vocacionados para o prosseguimento

de estudos para o nível superior e tutelados pelo Ministério da Educação) e cursos profissionalizantes (dirigidos para a inserção no mercado de trabalho, tradicionalmente tutelados pelo Ministério do Trabalho), ao perfil sociográfico dos jovens estudantes.

A fraca procura do ensino profissionalizante no nosso país sugere a valorização social dos trajectos escolares predominantemente académicos, alimentada quer pelas origens do ensino profissionalizante, quer pela associação de algumas ofertas de natureza profissionalizante a grupos em risco de abandono escolar e/ou inseridos em contextos sociais desfavorecidos, como é exemplo o enquadramento legal que origina o Sistema de Aprendizagem.

Curiosamente, se na maioria dos países da OCDE, os jovens do ensino académico têm melhor desempenho escolar que os do ensino pré-vocacional ou vocacional, em Portugal essa distinção não é evidente. Os resultados do PISA evidenciam que, na média dos países da OCDE, os jovens de 15 anos que frequentam o ensino pré-vocacional ou vocacional⁸ no nível secundário obtêm uma classificação inferior, face aos jovens do ensino geral/académico, em termos de performance em Matemática (e, de forma semelhante, em Leitura e Ciências), diferença que se mantém mesmo quando se entra em linha de conta com os factores socio-económicos dos jovens. Mas, em Portugal, quando controlada a variável da situação socio-económica, os jovens de 15 anos no ensino vocacional demonstram performances mais positivas face aos jovens de 15 anos que frequentam o ensino geral/académico (a par do Luxemburgo e do México) (OCDE, 2007). Também um estudo do IESE revela resultados escolares comparativamente superiores por parte do ensino profissional, com base na comparação da taxa média de conclusão dos ciclos de formação 1997/2000 e 1998/2001: 64% em cursos profissionais, 45% nos cursos gerais e 24% nos cursos tecnológicos (IESE, 2003).

Ainda assim, as representações sociais construídas em torno do ensino profissionalizante, a par de um fraco sistema de orientação escolar e profissional, influenciam de forma decisiva as escolhas dos jovens e das suas famílias que optam, tendencialmente, por cursos gerais.

Actualmente, beneficiando do impulso da Iniciativa Novas Oportunidades, tanto o EP como o SA registam uma procura crescente por parte dos jovens, sobretudo na formação de nível III (equivalência ao 12º ano de escolaridade), conforme regista a tabela seguinte.

⁸ Para a OCDE (2007), o ensino pré-vocacional corresponde a programas de educação maioritariamente desenhados para preparar os jovens para o ingresso no ensino vocacional, que por si só não garantem a obtenção de uma qualificação profissional relevante para o acesso ao mercado de trabalho, o que só é possível através do ensino vocacional.

Tabela 1. Evolução do número de matriculados no EP e no SA

	Ensino Profissional	Sistema de Aprendizagem
2002	30.792	17.241
2003	31.346	18.737
2004	33.620	20.811
2005	33.341	21.697

Nota: Valores para o Continente, ensino público e privado.

Fonte: EP: Estatísticas da Educação-ME; SA: Relatórios de Execução-IEFP.

3.3. Características individuais: factores contra e a favor da inserção profissional

Além do tipo de mercado e da forma como este regula o acesso dos jovens ao emprego, ou da influência que o tipo de qualificação de que os jovens são detentores exerce no acesso ao emprego, estudos realizados comprovam a relação entre os traços individuais dos jovens no processo de inserção profissional.

Sobre esta relação, optamos por referenciar, sinteticamente, um conjunto de evidências avançadas por essas investigações:

- Quanto menor a idade, maior a vulnerabilidade face à precariedade e ao desemprego, apesar de, em geral, este ter uma duração menor do que nos adultos (Grelet & Mansuy, 2004; Lollivier, 2000; Balsan, Hauchane & Werquin, 1996);
- As dificuldades no processo de inserção profissional - em termos de dificuldade em obter emprego, maior vulnerabilidade ao desemprego e à precariedade, maior risco de desclassificação sócio-profissional e salarial - incidem mais intensamente nas raparigas (Grelet, 1997; Marry, 1992; Eckert, 2001; Tessier, 2002; Lollivier, 2000, Bonnal, Fleury & Rochard, 1999), apesar de a diferença em relação ao sexo masculino diminuir com o aumento da escolaridade (Eckert, 2001; Couppié, Epiphane & Fournier, 1997);
- Quanto maior o nível de qualificação académica, menor o risco de desemprego e precariedade (Pottier, 1992; Marry, 1992; Lollivier, 2000; Martinelli, Simon-Zarca & Werquin, 1999), de passar por dispositivos de emprego-formação (Werquin, 1997) e de desvalorização salarial (Poulet, 1996).

3.4. Questões de partida da investigação e opções metodológicas

Num contexto de aposta na via profissionalizante de ensino para diminuir o desemprego juvenil, esta investigação pretende ser um contributo para a construção de conhecimento em torno dos percursos de inserção profissional dos jovens portugueses que conciliam a obtenção de uma qualificação escolar com uma qualificação profissional.

Para tal, propomo-nos comparar o percurso de inserção profissional dos jovens de duas modalidades de formativas de natureza profissionalizante, similares no público-alvo a que se dirigem e nas áreas de formação que promovem: o Sistema de Aprendizagem e o Ensino Profissional⁹.

Interrogamo-nos: *Existirão diferenças no processo de inserção profissional dos diplomados do SA e do EP?*

A resposta a esta questão pressupõe, primeiro, caracterizar os dois grupos de jovens, em termos do seu perfil sociográfico e de percurso escolar, de forma a perceber: “*o que diferencia e/ou aproxima os jovens do SA e do EP?*”

Para responder a estas questões, recorreremos à comparação de um conjunto de indicadores de caracterização da inserção profissional de dois grupos de diplomados: 698 diplomados do SA e 195 diplomados do EP, que tiveram uma experiência profissional após o curso (2003-2006).

Tabela 2. Universo e amostras dos inquéritos por questionário

	Universo	Inquéritos recebidos	Amostra seleccionada
Ex-formandos do SA	4.078	767	698
Diplomados do EP	2.201	221	195

Os dados foram recolhidos em 2006, no âmbito do Estudo de Avaliação do Sistema de Aprendizagem (IESE/Quatenaire PT., 2007), através de dois inquéritos por questionário e respeitam a percursos de formação de nível III de qualificação, concluídos em 2003¹⁰.

A selecção da amostra de diplomados do SA garante a representatividade do universo, em termos de áreas de formação. A selecção da amostra do EP respeitou as áreas de formação mais representadas no universo do SA, pelo que a amostra obtida não é representativa da distribuição do universo de diplomados do EP, por área de formação¹¹.

Do total de inquéritos recebidos, foram excluídos, para efeito desta investigação, os diplomados que optaram pelo prosseguimento de estudos e que após o curso nunca tiveram uma experiência profissional, os quais representavam cerca de 11,4% do total de inquéritos recebidos do EP e 6% do SA.

⁹ O Anexo 1 sistematiza um conjunto de notas sobre o potencial comparativo das duas modalidades.

¹⁰ O Anexo 2 apresenta uma nota metodológica sobre o processo de recolha de dados através do Inquérito a ex-formandos do SA e do Inquérito a Diplomados do Ensino Profissional. O Anexo 3 apresenta a matriz do modelo de análise adoptado. O Anexo 4 apresenta os resultados dos inquéritos por questionários, cujos formulários constituem o Anexo 5.

¹¹ O procedimento adoptado na selecção da amostra do EP consistiu na: 1) identificação das áreas de formação mais representativas do universo do SA; 2) identificação do número de inquéritos de diplomados do EP a obter para cada área, de forma a manter a mesma proporção que a existente no SA; 3) selecção aleatória de Escolas profissionais com cursos nessas áreas; 4) solicitação às escolas dos contactos dos diplomados que finalizaram formação em 2003 nas áreas seleccionadas; 5) envio postal dos inquéritos para os diplomados.

O facto de a grande maioria dos indivíduos optar por ingressar no mercado de trabalho, após o curso, confirma que ambas as modalidades se orientam predominantemente para o acesso ao mercado de trabalho, em oposição a outras modalidades do sistema de educação e formação que são mais direccionadas para o prosseguimento de estudos, como os cursos de carácter geral do ensino secundário ou os cursos tecnológicos.

A natureza da informação recolhida parte dos seguintes pressupostos:

- (i) a conclusão da formação é o critério adoptado para definir o início do processo de inserção profissional (integrando os poucos casos dos indivíduos que já tinham tido uma experiência profissional anterior ao curso)¹²;
- (ii) o foco da análise incide em dois momentos dos percursos de inserção: o primeiro emprego e a situação profissional dos jovens no momento da inquirição (cerca de três anos após a finalização da formação). Actualmente, é consensualmente aceite pela comunidade científica que os estudos de inserção devem centrar a recolha de dados no período que medeia entre a saída do sistema educativo e a estabilização no mercado de trabalho, a qual se situa, em média, entre os três e os cinco anos (Rose, 1998);
- (iii) a análise realizada inscreve-se, sobretudo, nas condições de acesso ao emprego e no tipo de emprego a que os jovens acederam, após a conclusão da sua formação, seguindo uma abordagem comparativa, que pretende destacar as diferenças e semelhanças dos modos de inserção de dois grupos de diplomados.

Tratando-se de uma metodologia comparativa, as duas modalidades foram consideradas “amostras independentes” e a análise estatística utilizada foi sobretudo o Teste do X^2 , nos casos de variáveis nominais, e para comparar médias, os testes de diferenças de médias. A análise de componentes principais permitiu identificar dimensões de motivação para o ingresso na formação, e complementar a análise acerca do que aproxima e/ou distingue os diplomados do SA e do EP. Por fim, a aplicação de uma análise de correspondências múltiplas permitiu-nos identificar perfis-tipo da primo inserção e de percursos de inserção.

¹² O facto de o inquérito não permitir caracterizar o tipo de experiência profissional dos jovens anterior ao curso (existe apenas uma questão relativa à situação em que os jovens se encontravam antes do curso), levou-nos a não excluir estes casos, na medida em que parte dessas experiências terão sido, certamente, pouco expressivas para garantir a permanência dos jovens no mercado de trabalho (p.e., referência a actividades sazonais ou ocupações integradas em actividades da família dos jovens).

4. COMPARAÇÃO DO PERCURSO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL DE DOIS GRUPOS DE DIPLOMADOS ATRAVÉS DO ENSINO PROFISSIONALIZANTE

Neste capítulo, retomam-se as principais questões de investigação que orientaram a análise dos dados extraídos dos inquéritos aos diplomados do Sistema de Aprendizagem e do Ensino Profissional e apresentam-se os principais resultados da investigação.

4.1. O que aproxima e/ou diferencia os jovens do SA e do EP?

A resposta a esta questão centra-se, essencialmente, na leitura analítica de alguns indicadores sociográficos, mas, sobretudo, na análise do perfil escolar dos diplomados, considerando o período anterior ao ingresso no curso do SA ou do EP.

4.1.1. Caracterização sociográfica dos diplomados

Como tivemos oportunidade de referir anteriormente, a investigação realizada em torno da inserção profissional dos jovens comprova a influência de variáveis individuais, como a idade ou o sexo dos jovens no acesso e qualidade do emprego, com os mais novos e os rapazes, regra geral, a terem menos dificuldades de acesso ao mercado de trabalho e a obterem empregos mais coincidentes com as suas qualificações.

A análise que apresentamos não pretende confirmar estas relações, mas antes identificar as principais semelhanças e diferenças entre os dois grupos de diplomados, de forma a sustentar a comparação das suas trajectórias de inserção profissional.

Idade: média mais elevada no grupo do SA

Os jovens do SA são, em média, mais velhos que os jovens do EP. À data da inquirição (2006), a média de idades dos jovens do SA era de 23,03 anos e de 22,43 no caso do EP, o que significa que a média de idades aquando do ingresso no curso se aproximava dos 17 anos, no caso dos jovens do SA e dos 16, para os jovens do EP, sendo a diferença significativa¹³.

Estudos anteriores ajudam a interpretar o significado e as tendências das diferenças de idade com que os jovens do SA e do EP ingressam na formação. O estudo do IESE (2003) sobre o percurso profissional dos diplomados das Escolas Profissionais conclui que no ano lectivo de 2000/2001, o formando-tipo das Escolas Profissionais tinha entre 15 a 19 anos e detinha

¹³ $t(370,960) = 4,648; p < 0,001$.

habilitações escolares ao nível do 3º ciclo do ensino básico, embora uma percentagem elevada de jovens (superior a 43%) tenha frequentado o 10º e o 12º ano antes de ingressar no curso.

Este elemento é indicativo do contributo do ensino para a recuperação de alunos que terão abandonado o ensino secundário precocemente, sem o terem concluído, e que optaram por esta via de ensino.

O Estudo de Avaliação do Sistema de Aprendizagem analisa o perfil de jovens que ingressou nessa modalidade, ao longo da última década. Verifica-se que, ao longo da década de noventa, a entrada no SA passou a fazer-se significativamente mais cedo, sobretudo no nível III (em 1992 e 2001 a proporção de formandos do nível III é a seguinte, respectivamente: dos 15 aos 17 anos: 13,9% e 32,7%; dos 18 aos 20 anos: 66,5% e 48,9%; com mais de 20 anos: 19,5% e 18,3%) (IESE/Quatenaire, 2007).

Em síntese, os resultados mostram uma diferença evidente no perfil etário dos diplomados das duas modalidades, com o SA a ser procurado por jovens mais velhos e, naturalmente, com uma maior incidência de procura por parte de jovens que experimentaram repetições ou mesmo a saída da escola, nos anos anteriores. No entanto, parece existir uma tendência, em ambas as modalidades, para a atracção de públicos cada vez mais novos, o que configura uma imagem renovada destas ofertas, que assim se tendem a afirmar como uma via “normal” para o prosseguimento de estudos, e não tanto como uma alternativa para casos de insucesso escolar.

Sexo: cursos para raparigas e cursos para rapazes

A distribuição dos diplomados inquiridos por sexo é bastante equitativa: 53,5% dos diplomados do SA e 57,9% do EP são homens. No entanto, quando analisamos a distribuição dos jovens por áreas de estudo, as diferenças entre sexo evidenciam-se, como os gráficos seguintes mostram, confirmando a reduzida participação das raparigas nos cursos mais direccionados para a área industrial, por tradição preferidos pelos rapazes, com diferenças significativas tanto no caso do SA¹⁴ como do EP¹⁵.

¹⁴ $\chi^2(8) = 256,991; p < 0,001$.

¹⁵ $\chi^2(3) = 51,231; p < 0,001$.

Gráfico 4. As escolhas formativas dos diplomados do SA, por sexo

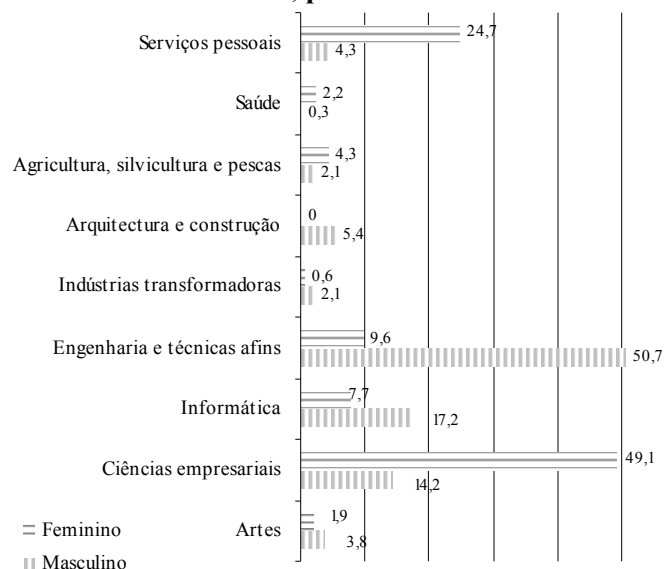
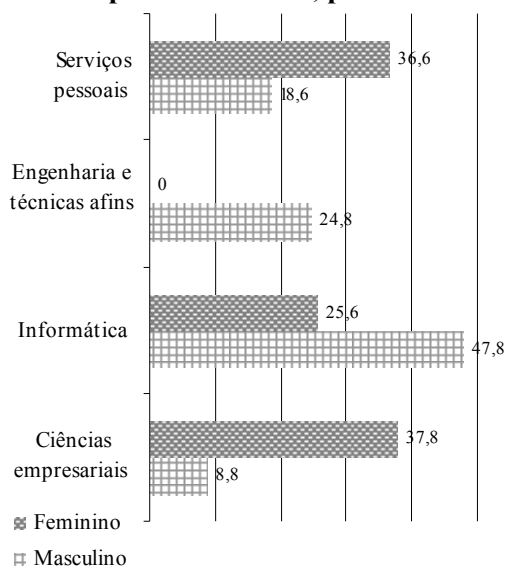


Gráfico 5. As escolhas formativas dos diplomados do EP, por sexo



No conjunto dos diplomados, a distribuição por áreas de estudo permite destacar quatro áreas de maior concentração: Ciências empresariais, Informática, Engenharia e técnicas afins e Serviços sociais. No conjunto dos diplomados do SA, as áreas de Ciências empresariais e Engenharia e técnicas afins representam praticamente 60% dos diplomados inquiridos. No EP, a maioria dos diplomados inquiridos frequentou um curso da área de Informática (38,5%), Serviços sociais (26,2%) ou Ciências empresariais (21,0%). Como já tivemos oportunidade de referir, a constituição da amostra de diplomados do SA respeita a distribuição do universo pelas áreas de formação, e a amostra do EP é representativa das áreas mais procuradas pelos diplomados do SA. Importa, por isso, ter presente que os resultados desta investigação não devem ser extrapolados para o universo do ensino profissional.

Assimetrias de condição social: o espaço privilegiado do EP

Sobre o contexto familiar dos jovens, destaca-se a diferença, entre os dois grupos, no nível de habilitação dos pais¹⁶: no conjunto dos pais dos diplomados do EP, 25,8% possui um nível de escolaridade igual ou superior à actual escolaridade obrigatória, valor representado por 18,8% dos pais dos jovens do SA. O nível de escolaridade das mães é, em geral, inferior ao dos pais, sem diferença nos dois grupos.

O tipo de família de origem dos jovens é semelhante nos dois grupos: a larga maioria dos indivíduos vivia em famílias nucleares, compostas por ambos os pais e irmão(s), quando existe(m) (75,6 % dos diplomados do SA e 76,6 % dos diplomados do EP). A proporção de

¹⁶ $X^2(7) = 17,095; p < 0,02$.

famílias monoparentais (compostas por pai ou mãe e irmão(s), quando existe(m)) é superior entre os diplomados do SA: 10,8%, face a 5,4% entre os diplomados do EP. A situação inverte-se no que respeita à proporção de famílias nucleares alargadas (composta pelo núcleo familiar e, pelo menos, por mais um elemento), sendo superior no conjunto dos diplomados do EP: 12,0% face a 9,5% no SA. A tabela seguinte sintetiza as variáveis de caracterização sociográfica dominantes dos dois grupos de diplomados.

Tabela 3. Síntese dos traços sociográficos dominantes dos diplomados

Indicadores	Resposta dominante	% SA	% EP
Idade em 2006	Idade superior à prevista no ano de conclusão do curso	80,3	69,7
Género	Masculino	53,5	57,9
Tipo de família	Nuclear	75,6	76,6
Nível instrução do pai	Ensino primário completo	60,7	52,1
Nível instrução da mãe	Ensino primário completo	55,8	50,5

Para superar as limitações de recolha de elementos de caracterização sociográfica impostas pelo instrumento utilizado¹⁷, complementamos a nossa análise com alguns apontamentos de outras investigações. De facto, estudos anteriores confirmam a assimetria da condição social dos diplomados do SA e do EP. O estudo de comparação dos sub-sistemas de qualificação profissional de nível III, do Observatório do Emprego e Formação Profissional, concluiu que o Sistema de Aprendizagem, a Escola Profissional, o Ensino Tecnológico e o Ensino Técnico Recorrente são ofertas que exercem uma atracção selectiva sobre a população escolar, materializada em dois grupos: o Sistema de Aprendizagem e o Ensino Técnico Recorrente atraem particularmente jovens oriundos das famílias menos escolarizadas; por outro lado, na Escola Profissional e no Ensino Tecnológico, na maior parte dos casos, os estudantes são oriundos de famílias mais escolarizadas (ensino secundário ou curso médio ou superior). A distinção entre ofertas mantém-se quando se compara a composição social da população estudantil: no Sistema de Aprendizagem, mais de 60% dos jovens é filho de operários, ao passo que os diplomados das Escolas Profissionais são mais heterogéneos em termos de classe social (Alves, 2001)¹⁸.

¹⁷ A profissão dos pais ou o rendimento médio do agregado familiar seriam elementos importantes para sustentar uma análise dessa natureza, com maior profundidade.

¹⁸ Estas assimetrias tendem a acentuar-se ainda mais se compararmos com os jovens que optam pelos cursos gerais do ensino regular. O estudo “As Sidas do Ensino Secundário: Que expectativas?” do Ministério da Educação comparou um conjunto de indicadores sociográficos e de inserção de diplomados do ensino secundário (em 1995/96) de cursos gerais, profissionais e tecnológicos e concluiu que os alunos diplomados que optaram pelos cursos tecnológicos e pelos profissionais são provenientes de pais de nível socioeconómico mais baixo (São Pedro, 2001).

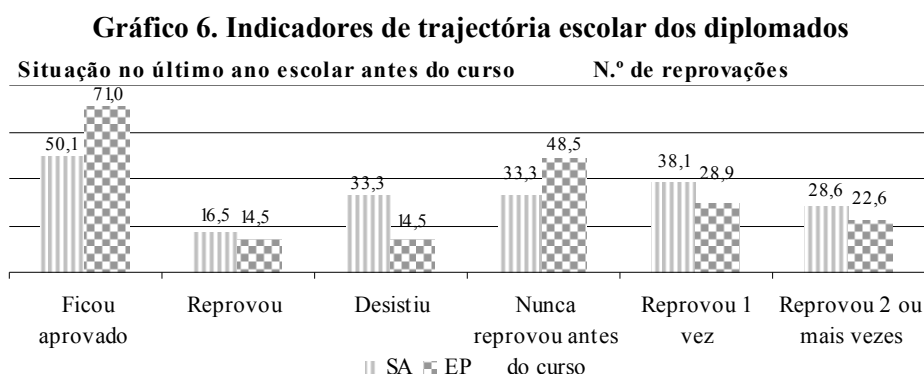
Saliente-se que, apesar das diferenças de escolaridade dos pais nos grupos do SA e do EP, em ambos os casos, a geração mais nova apostou em trajetórias escolares mais longas, contrariando a experiência dos seus pais.

4.1.2. Diferenças ou semelhanças de trajetórias escolares?

A correlação entre a situação dos diplomados antes de entrarem no curso e a modalidade formativa revelou-se estatisticamente significativa¹⁹. 92,3% dos diplomados do EP estava a estudar e apenas 4,6% estava a trabalhar antes de ingressar no curso; no SA, passa para 69,8% a proporção de jovens que estava a estudar antes de ingressar no curso, subindo para cerca de 21,4% aqueles que estavam a trabalhar ou procuravam o primeiro emprego, quando decidiram retomar os estudos. Relativamente ao tipo de ensino/formação que frequentavam antes do curso, não há diferenças nos dois grupos, com a esmagadora maioria a transitar do ensino regular (95,7% dos diplomados do SA e 97,4% dos diplomados do EP).

Existe relação significativa entre a situação escolar dos diplomados no ano anterior ao ingresso no curso e a modalidade formativa²⁰: nesse ano, 71,0% dos diplomados do EP ficou aprovado, enquanto apenas 50,1% dos diplomados do SA concluiu com sucesso esse ano escolar e 33,3% desistiu antes de acabar o ano.

Igualmente significativa é a diferença em relação ao número de reprovações antes do curso²¹, confirmando novamente o maior sucesso dos diplomados do EP: 48,5% dos diplomados do EP nunca reprovou ao longo do percurso escolar, enquanto no SA a maioria dos diplomados do SA reprovou pelo menos uma vez ao longo da sua trajetória escolar: 38,1% reprovou somente uma vez, 21,9% duas vezes e 6,7%, três ou mais vezes. O gráfico seguinte ilustra as diferenças de sucesso da trajetória escolar dos diplomados.



¹⁹ $\chi^2(5) = 41,853; p < 0,001$.

²⁰ $\chi^2(2) = 30,597; p < 0,001$.

²¹ $\chi^2(3) = 15,516; p < 0,01$.

Em síntese, os diplomados do EP têm uma trajetória escolar, anterior ao ingresso no curso, melhor sucedida, face aos diplomados do SA. Regra geral, a trajetória-tipo dos diplomados do EP é contínua e de sucesso, ao passo que os diplomados do SA têm trajetórias escolares descontínuas (que intercalam com situações de procura de emprego ou experiências de emprego) e marcadas por reprovações.

4.1.3. Os motivos da opção pelo curso: atitudes práticas

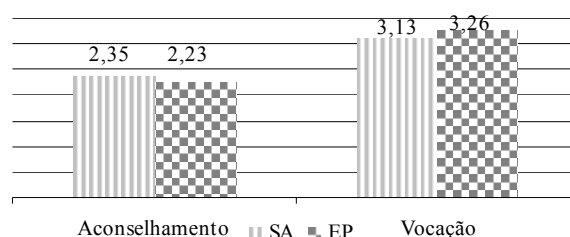
Para aprofundar o conhecimento sobre os dois grupos de diplomados atendemos aos principais factores que determinaram a opção pela formação em causa. Para tal, realizámos uma análise de componentes principais (ACP)²², da qual se extraíram duas componentes: a componente *aconselhamento*, que está relacionada com a influência que os professores, familiares e amigos, assim como os processos de orientação vocacional, exerceram na opção dos jovens; e uma segunda componente, a *vocação*, que se prende com o gosto pela área do curso e pela profissão a que esse dá acesso. O quadro seguinte identifica os itens que mais contribuem para cada uma das componentes extraídas.

Tabela 4. Factores subjacentes à opção pelo curso: identificação de dimensões
(via análise de componentes principais)

	Aconselhamento	Vocação
Aconselhamento de professores	0,817	0,110
Aconselhamento dos amigos	0,761	-0,010
Aconselhamento da família	0,722	0,052
Aconselhamento da orientação profissional	0,718	0,143
Tradição familiar ou tradição na Região	0,504	-0,159
Vocação/interesse pessoal pelo curso	0,117	0,832
Gosto pela profissão a que dá acesso	0,137	0,821
Variância explicada	32,4%	23,7 %

A *vocação* é, em média, a dimensão mais valorizada pelos indivíduos na tomada de decisão acerca do curso, com uma média de 3,26 no EP e 3,13 no SA²³, como se representa no gráfico seguinte.

Gráfico 7. Grau médio de importância atribuído às dimensões que influenciaram a opção pelo curso, por modalidade formativa



²² Os resultados da ACP indicam uma adequabilidade média (KMO=.689). As duas componentes extraídas explicam cerca de 56% da variância global, com confirmada consistência (aconselhamento, 0,762 e vocação, 0,752).

²³ O valor mínimo é 1 e o valor máximo é 4, com a importância em sentido crescente.

Porém, existem diferenças significativas entre os dois grupos no que respeita ao grau de importância atribuído a cada uma destas dimensões²⁴, com os diplomados do SA a valorizarem mais o aconselhamento e os diplomados do EP a atribuírem mais importância à vocação.

Recorrendo ao mesmo tipo de análise (ACP), identificámos três componentes que combinam os principais motivos subjacentes à escolha do curso e que designámos de “trabalhar”, “estudar” e “ir andando”²⁵.

A componente “trabalhar” agrega a vontade de aprender uma profissão prática e devidamente certificada que facilite o ingresso no mercado de trabalho. Esta dimensão agrega duas intenções complementares, a certificação das competências profissionais e escolares, o que é indicativo da percepção dos indivíduos de que a certificação das aprendizagens é uma ferramenta importante para quem pretende ingressar no mercado de trabalho.

A segunda componente, “estudar”, valoriza a retoma ou o prosseguimento dos estudos e a terceira, “ir andando” reflecte motivos pouco fundamentados em projectos futuros, sendo uma dimensão que tende para um posicionamento pouco reflexivo por parte dos diplomados, que fizeram a sua opção para seguir os amigos ou porque lhes parecia um caminho mais fácil do que o ensino regular. O quadro seguinte identifica os itens que mais contribuem para as três componentes extraídas.

Tabela 5. Motivos subjacentes à opção pelo curso: identificação de dimensões
(via análise de componentes principais)

	Trabalhar	Estudar	Ir andando
Arranjar emprego com maior facilidade	0,563	0,039	0,099
Ser uma formação prática	0,683	-0,139	0,117
Aprender uma profissão	0,751	0,026	-0,058
Obter um diploma escolar	0,725	0,265	-0,000
Obter um certificado de qualificação profissional	0,791	0,229	-0,022
Retomar os estudos	0,215	0,724	0,132
Prosseguir os estudos no ensino superior	0,055	0,762	-0,136
Seguir os colegas mais próximos	-0,041	0,127	0,713
Ser mais fácil do que a escola regular	0,147	0,016	0,781
Variância explicada	25,7%	16,2%	12,7%

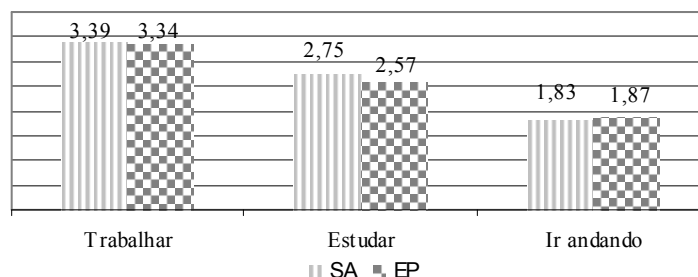
No conjunto das três dimensões, a vontade de “trabalhar” é o motivo que mais pesa na opção dos diplomados pelo curso, seguindo-se a vontade de “estudar”. O gráfico seguinte ilustra a

²⁴ Dimensão aconselhamento: $t(852) = 2,410$; $p < 0,02$. Dimensão vocação: $t(881) = -2,673$; $p < 0,01$.

²⁵ A ACP realizada apresenta uma adequabilidade média ($KMO=0,701$). As três componentes explicam cerca de 54,6% da variância global, com consistência, respectivamente, de 0,742, 0,544 e 0,345. Nas duas últimas dimensões, a consistência é baixa, mas tratando-se de uma análise exploratória, optámos por manter ambas as referências.

importância média²⁶ atribuída pelos jovens às três dimensões de motivos de opção pela formação.

Gráfico 8. Grau médio de importância atribuído aos factores de motivação que influenciaram a opção pelo curso, por modalidade formativa



Apenas a dimensão “estudar” revela diferenças significativas no grau de importância atribuída pelos dois grupos de diplomados²⁷, mais valorizada pelos diplomados do SA, com uma média de 2,75 no SA e 2,57 no EP. Esta diferença encontra certamente explicação no facto de este grupo apresentar maior proporção de jovens que interromperam a sua trajectória escolar, experimentando, antes do curso, incursões pelo mercado de trabalho e que, por isso, tendem a valorizar mais a retoma e o prosseguimento dos estudos.

***Em síntese,** vocação e a vontade de trabalhar são as dimensões mais valorizadas pelos jovens do SA e do EP na opção pelos respectivos cursos.*

Estamos, assim, em condições de responder à primeira questão de investigação: *O que aproxima e/ou diferencia os jovens do SA e do EP?*

O percurso escolar anterior ao ingresso no curso é o factor mais distintivo. O SA é procurado por jovens com trajectos escolares mais marcados pelo insucesso, constituindo, para jovens que tinham interrompido a sua trajectória escolar, uma segunda oportunidade de aprendizagem, que permite adquirir as competências necessárias para o desempenho de uma profissão.

Além disso, os jovens do SA são, em média, um ano mais velhos que os do EP e é também no SA que existe maior proporção de jovens que antes de ingressar neste curso já tinha tido, pelo menos uma vez, uma experiência profissional.

Os dados relativos ao nível de habilitação dos pais dos diplomados sugerem que o capital escolar dos diplomados do EP é superior ao dos diplomados do SA.

²⁶ O valor mínimo é 1 e o valor máximo é 4, com a importância em sentido crescente.

²⁷ $t(862) = 2,560; p < 0,02$.

Por outro lado, no que respeita aos *factores que aproximam os dois grupos* de jovens, não se identificam diferenças entre o tipo de família de origem dos jovens, com a larga maioria a pertencer a famílias nucleares.

A vocação dos diplomados por determinada área de formação pesa mais na sua opção formativa do que o aconselhamento de outros e, de uma forma geral, a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho e de vir a exercer uma profissão, é o motivo que mais valorizam.

4.2. A inserção profissional dos diplomados do SA e do EP

A análise da inserção profissional dos jovens é a questão central desta investigação e como oportunamente referimos, os elementos recolhidos centram-se em dois momentos principais: a primo-inserção, i.e., o primeiro emprego, e o último emprego dos jovens, o que nos aproxima de uma visão de trajectória dos percursos dos jovens.

A proporção de diplomados que após o curso nunca trabalhou, nem continuou/voltou a estudar é muito reduzida. Somente 18 inquiridos (16 do SA e 2 do EP) não desempenharam qualquer actividade formativa ou profissional, no período entre 2003 e 2006. Este grupo foi excluído da análise que se segue²⁸.

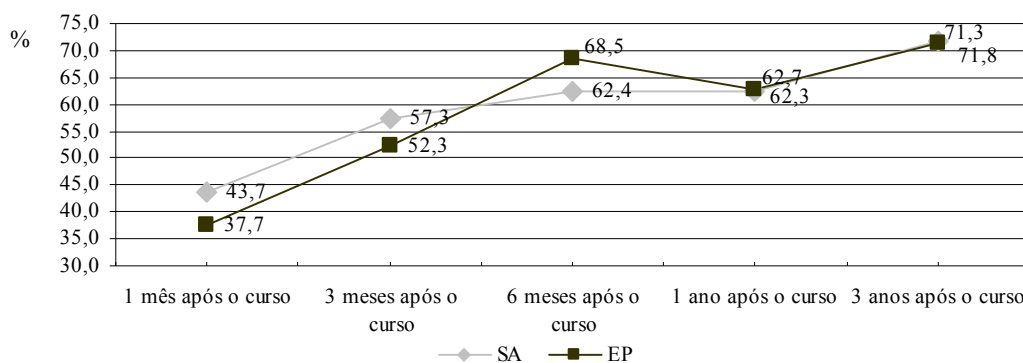
Ao final de 3 meses, o primeiro emprego...

O tempo médio de acesso ao primeiro emprego é curto: passados três meses da conclusão da sua formação, 57,1% dos jovens do SA e 52,3% dos jovens do EP já estão a trabalhar.

Se analisarmos a evolução da situação dos diplomados, face ao emprego, no primeiro ano após a conclusão do curso e três anos após a conclusão do curso, obtemos uma tendência crescente da proporção de jovens que acede a um emprego. O gráfico seguinte ilustra esta evolução, em cinco momentos temporais distintos.

²⁸ A reduzida dimensão deste grupo não justifica a sua caracterização exaustiva, tendo-se optado por não contemplar estes inquiridos na análise relativa à inserção profissional dos diplomados de forma a não subverter a análise (a maior parte das questões específicas de caracterização da inserção profissional não se adequam à sua situação, naquelas em que poderiam ter respondido, todos os itens de resposta que mais reflectem dificuldades na inserção seriam valorizados, p.e., tempo para encontrar emprego, com todas as respostas deste grupo a recaírem sobre a opção de resposta “mais de 1 ano após o curso”).

Gráfico 9. Diplomados empregados, ao longo do tempo



Como se verifica através do gráfico, três meses após a conclusão da formação, mais de metade dos diplomados do SA está empregado. Nos seis meses após o curso, a evolução é também crescente, ainda que menos acentuada, com 62,4% a trabalhar (a grande maioria, 60,4%, por conta de outrem), fixando-se em 25,4% a percentagem daqueles que continuam desempregados. Por fim, no primeiro ano após a conclusão do curso, um em cada sete diplomados do SA está desempregado, com a grande maioria a manter a sua condição de empregado (62,3%). Simultaneamente, cerca de 7,8% optou por conciliar o trabalho com o prosseguimento de estudos e 8% estava a estudar.

No grupo do EP, a evolução é semelhante, ainda que apresente ligeiras diferenças. No primeiro mês após o curso, a proporção de trabalhadores é inferior à registada no SA, 37,7% (face a 43,7% no SA). Mas, entre um mês após a conclusão da formação e os três meses seguintes, a tendência de evolução é exactamente a mesma da que se regista no SA: 52,3% dos diplomados encontra-se a trabalhar e 31,5% está desempregado.

Neste grupo, a velocidade de crescimento da taxa de empregados mantém o mesmo ritmo entre os três e os seis meses após o curso. Neste período, o número de desempregados diminui para 18,9% e 68,5% encontra-se empregado (dos quais, 66,9% por conta de outrem), 5,5% está a estudar e 3,9% concilia o trabalho com o estudo. Com um ano passado após a conclusão do curso profissional, 14,4% dos diplomados continua desempregado (valor proporcionalmente equivalente ao registado no SA), 62,7% trabalha, 11,9% está a trabalhar e a estudar, simultaneamente, e 7,6% optou por estudar.

Cerca de três anos após a conclusão da formação, a proporção de jovens empregados é muito próxima nos dois grupos: 71,7% no SA e 71,3% no EP, assim como a proporção daqueles que estão desempregados, 15,9% no SA e 17,7% no EP.

Em síntese, mais de metade dos diplomados do EP e do SA estava empregado nos três meses seguintes à conclusão do curso. Três anos depois de terminada a formação, a proporção de

empregados cifra-se em torno dos 70%, dos quais a esmagadora maioria é trabalhador por conta de outrem.

Hoje estou empregado, amanhã...

Apesar de um acesso rápido ao mercado de trabalho, já que mais de metade dos jovens do SA e do EP encontra o primeiro emprego em menos de três meses, confirma-se a natureza oscilante das trajectórias de inserção profissional, entre períodos de emprego e desemprego, tanto num grupo como noutro.

Pedimos a todos os diplomados que somassem o total de períodos em que tinham estado desempregados e verificámos que entre a conclusão do curso e os três anos seguintes, os diplomados experimentaram situações de desemprego cuja duração rondou, em média, os seis meses, com uma distribuição mais variável no EP.

Com base no tempo de vivência do desemprego, estabelecemos três perfis que retratam as variações de estabilidade da situação profissional dos jovens nos três anos seguintes à conclusão do curso, como apresentamos na seguinte tabela.

Tabela 6. Perfis de estabilidade da situação profissional nos três anos seguintes à conclusão da formação

	% SA	% EP
Acesso directo ao emprego e sem interrupções	46,0	43,5
Vivência de desemprego com duração inferior a 1 ano	31,0	36,3
Vivência de desemprego por um período superior a 1 ano	23,1	20,2
Total	100,0	100,0

Em síntese, em ambos os grupos, quase metade dos jovens não passa por situações de desemprego, nos três anos seguintes à conclusão do curso. Não obstante, numa proporção significativa de casos, o desemprego incorpora-se nas trajectórias de empregabilidade dos jovens e em mais de 20% dos casos, soma um período de duração superior a um ano.

... Amanhã... talvez continue a estudar

No conjunto de jovens que já trabalhou após o curso, 16,6% dos diplomados do SA e 21,0% dos diplomados do EP concilia essa situação com o estudo, na grande maioria dos casos, ingressando no ensino superior (45,3% do SA e 51,2% do EP), sem diferenças significativas entre os dois grupos. A maioria daqueles que dão continuidade aos estudos fá-lo porque tem interesse em obter uma qualificação superior (41,7% no SA e 59,5% no EP). Apenas metade desses jovens (49,3% no SA e 54,5% no EP) já planeava prosseguir estudos aquando do

ingresso no curso. No conjunto de razões apontadas para continuar a estudar, são poucos os que recorrem à formação como forma de obter um posicionamento mais favorável no mercado de trabalho (12,0% no grupo do SA e 8,1% no grupo do EP).

Em síntese, a opção dos jovens pelo prosseguimento de estudos não é influenciada pela modalidade formativa que frequentam. Cerca de metade daqueles que continuaram ou voltaram a estudar não tinha essa intenção quando ingressou no curso.

O primeiro emprego: a importância dos contactos familiares e a escolha do sector de actividade

É sobretudo por intermédio das suas relação pessoais ou familiares que os jovens acedem ao primeiro emprego (44,1% dos diplomados do EP e 36,4% do grupo do SA), seguindo-se a eficácia dos contactos estabelecidos com a empresa onde realizaram formação prática, durante o curso (17,0% no SA e 16,4% no EP).

Os contactos pessoais/familiares como factor de regulação do acesso ao emprego é confirmado noutras investigações. O estudo “As Saídas do Ensino Secundário: Que expectativas?”, do Ministério da Educação, que comparou indicadores de inserção profissional de diplomados do ensino secundário em 1995/96, de cursos gerais, profissionais e tecnológicos, conclui que “são os conhecimentos pessoais que regem a obtenção do primeiro emprego e não as leis da oferta e da procura” (São Pedro, 2001, p.26).

Ainda que as dificuldades para aceder ao mercado de trabalho não atinjam todos de igual forma, uns e outros associam as dificuldades que sentiram, sobretudo, à contracção do mercado face à criação e renovação de emprego. Porém, as respostas dos jovens revelam também situações de recusa a propostas de emprego: 12,9% do total de diplomados recusou uma (ou mais) oferta de emprego porque a remuneração proposta era baixa, porque as tarefas eram pouco aliciantes, porque o local de trabalho era distante da zona onde residem, ou por motivos pessoais.

Analisemos, em seguida, as profissões exercidas pelos diplomados no primeiro emprego.

O ingresso no mercado de trabalho faz-se, sobretudo, em profissões do comércio, restauração ou serviços (43,0% dos diplomados do EP e 24,2% dos diplomados do SA) e em profissões dos serviços administrativos, contabilidade, banca e seguros (14,5% dos diplomados do EP e 19,8% do total de diplomados do SA).

Do lado dos diplomados do SA, o exercício de actividade no sector da indústria é a grande diferença face aos diplomados do EP. Atendendo ao ramo de actividade da empresa onde

desenvolvem actividade, é evidente a preferência dos jovens do SA pela actividade nas indústrias transformadoras (20% no 1.º emprego e 19,4% no último emprego; face a 12,1% dos jovens do EP no 1.º emprego e 9,9% no último emprego)²⁹.

Em síntese, os contactos familiares são o meio mais eficaz para a obtenção do 1.º emprego dos diplomados do SA e do EP e é no sector dos serviços que a maioria fica empregada.

A mesma profissão entre o primeiro e o último emprego, apesar da rotatividade

Do primeiro para o último emprego, não se verificam mudanças acentuadas nas profissões exercidas. Em qualquer dos grupos, registam-se somente ligeiras flutuações de profissão, que representamos esquematicamente.

Tabela 7. Mudanças de profissão dos diplomados entre o primeiro e o último emprego

Sistema de Aprendizagem		Ensino Profissional	
Ajudantes/aprendizes de áreas técnicas.	↓	Empregados do comércio, restauração, serviços e vendedores.	↓
Empregados dos serviços administrativos, contabilidade, banca e seguros.	↓	Empregados dos serviços administrativos, contabilidade, banca e seguros.	↑
Operário(a) fabril.	↑	Técnicos especialistas em serviços de apoio à actividade económica.	↑
Técnicos dos serviços (turismo, agente de viagens, gestão postal, militar/GNR, apoio domiciliário).	↑	Técnicos dos serviços (turismo, agente de viagens, gestão postal, militar/GNR, apoio domiciliário).	↑

Nota: O sentido das setas representa o aumento ou redução proporcional de jovens nas profissões indicadas.

Naturalmente, tratando-se de diplomados com uma qualificação de nível III, equivalente ao nível secundário de escolaridade, a correspondência das profissões identificadas pelos diplomados com a Classificação Nacional de Profissões (CNP) põe em evidência a supremacia dos Técnicos Profissionais de nível intermédio, do Pessoal dos serviços e vendedores e ainda dos Operários, artífices e trabalhadores similares.

A tendência para manter a profissão não é sinónimo de manter o emprego, verificando-se níveis significativos de rotatividade no emprego que, como já vimos, alternam com passagens, mais ou menos longas, pelo desemprego.

A rotatividade do emprego é superior entre os diplomados do EP³⁰: em três anos, 39,2% teve apenas um emprego, 34,3% experimentou dois empregos e 17,7% teve três empregos, ao passo que no SA mais de metade dos diplomados teve somente um emprego (53,1%).

²⁹ Primeiro emprego: $X^2(13) = 49,661$; $p < 0,001$. Último emprego: $X^2(13) = 45,032$; $p < 0,001$.

³⁰ $X^2(3) = 11,652$; $p < 0,001$.

Sobre a problemática da mobilidade intrageracional, Nicole-Drancourt (1999) considera que a mobilidade da mão-de-obra é atravessada por uma dupla dinâmica: estratégica, quando reflecte a vontade individual de mudança, ou resultante das transformações do mercado, i.e. quando decorrente da estratégia de recursos humanos das empresas.

Não conseguimos identificar, com rigor, os motivos subjacentes à mudança de emprego, mas no grupo do SA identificámos evidências de relação entre situações profissionais menos atractivas e a mudança de emprego. No caso dos jovens do SA, o grupo de jovens que no primeiro emprego recebia menos de 400€ é aquele que muda de emprego com mais frequência³¹. No entanto, não podemos afirmar, com certeza, que se trate de uma mudança estratégica, da vontade do próprio indivíduo, que não estando satisfeito com a sua situação profissional, continua a sua busca por uma ocupação mais coincidente com as suas aspirações.

Sabemos que no grupo do EP os jovens com salários mais baixos não mudam mais vezes de emprego do que os jovens com melhores salários; nem o facto de a profissão não se adequar à sua área de formação, é factor explicativo da mudança de emprego.

Entre o primeiro e o último emprego, regista-se a tendência para trabalhar em entidades de maior dimensão (cresce a proporção de jovens que trabalham em empresas com mais de 50 trabalhadores), casos que parecem reportar, sobretudo, a estabelecimentos de ensino, de saúde e outros serviços uma vez que os ramos de actividade da educação, da saúde e dos serviços colectivos, sociais e pessoais passam a absorver mais diplomados no último emprego.

Um olhar pelo tipo de empregos obtidos...diferenças pouco marcantes entre os grupos

A apreciação da qualidade do emprego obtido pelos diplomados foca-se, sobretudo, no tipo de vínculo contratual obtido pelos diplomados e no valor da remuneração auferida. Uma vez que estamos a comparar dois grupos de jovens que optaram por um curso que os preparou para o desempenho de uma actividade profissional, entramos também em linha de conta com a representação dos jovens acerca da relação entre o emprego obtido e a formação que realizaram.

Logo no primeiro emprego, 34,0% dos diplomados do SA e 29,4% dos diplomados do EP possui um contrato de trabalho sem termo, proporção que cresce no último emprego, para 51,1% dos diplomados do SA e 42,9% dos do EP. Os que não estão efectivos têm um contrato

³¹ $X^2(4) = 18,691; p < 0,01$.

com termo: mais de 40% dos diplomados do SA (49,2% no primeiro emprego e 40% no último emprego) e de 50% entre os diplomados do EP³².

Enquanto que no primeiro emprego as condições são muito semelhantes nos dois grupos, no último emprego, a proporção de trabalhadores efectivos é significativamente superior no conjunto dos diplomados do SA, ao passo que no EP a maioria dos diplomados tem um contrato a prazo³³.

A estabilidade no emprego e a qualificação profissional não são sinónimos de empregos bem pagos, bem pelo contrário: em cada dois jovens, diplomados com o ensino secundário e com qualificação específica para o desempenho de uma profissão, um deles auferia até 400€ e o outro, entre 400 a 800€, no primeiro emprego.

Resta um indicador positivo: a maioria dos jovens tende a aumentar de escalão de rendimento entre o primeiro e o último emprego, mas aqueles que passam a receber acima dos 800€ são uma minoria (10,3% no SA e 11,8% no EP, no último emprego).

No que se refere à ligação entre a formação e a actividade profissional desempenhada, o grupo dos diplomados do SA destaca-se como aquele que aprecia mais positivamente essa relação: 65,1% dos diplomados do SA considera que exerceu uma profissão relacionada com o seu curso, opinião coincidente com 58,1% dos jovens do EP³⁴. Aqueles que ainda não tiveram essa oportunidade, justificam essa situação pela falta de emprego na área do curso que frequentaram, encontrando-se essa explicação mais difundida entre os jovens do SA³⁵. Para os jovens do EP, ganha peso outro tipo de razões relacionadas com a oferta disponível, designadamente, os salários baixos praticados nos empregos da área de formação (razão apontada por 11,1% dos jovens do EP) e a distância em relação à zona onde residem (para 13,9% dos jovens).

A tabela seguinte sistematiza os indicadores que mais diferenciam os dois grupos, em termos do emprego obtido.

³² Para o EP, é possível comparar estes dados com a tendência registada em anos anteriores, não se evidenciando diferenças significativas: dos diplomados do EP que terminaram a sua formação em 1995/96, um ano após a conclusão da sua formação, 21% dos rapazes e 19% das raparigas possuía um contrato sem termo e 58% dos homens e 61% das mulheres, um contrato com termo (São Pedro, 2001).

³³ $X^2(4) = 10,138; p < 0,04$.

³⁴ A diferença de opinião entre os dois grupos não é estatisticamente significativa.

³⁵ $X^2(5) = 11,663; p < 0,05$.

Tabela 8. Indicadores distintivos das características do emprego obtido nos dois grupos de diplomados

	Indicadores	Resposta dominante	% SA	% EP
Primo-inserção	N.º de empregos em 3 anos	Apenas um emprego	53,1	39,2
	Ramo de actividade económica	Indústria transformadora	20,3	
		Alojamento e restauração		22,5
Último emprego	Ramo de actividade económica	Indústria transformadora	19,4	
		Alojamento e restauração		17,4
	Contrato de trabalho	Sem termo	51,1	
		Com termo		52,0

Não obstante as características que diferenciam o emprego obtido pelos jovens do SA e do EP, quando questionados acerca do grau de satisfação com a sua situação profissional, não há diferenças significativas entre os grupos, sendo ambos bastante moderados na satisfação que atribuem à sua situação profissional (a satisfação dos jovens do SA atinge, em média, 2,87, e 2,76 nos jovens do EP, numa escala crescente de 1 a 5).

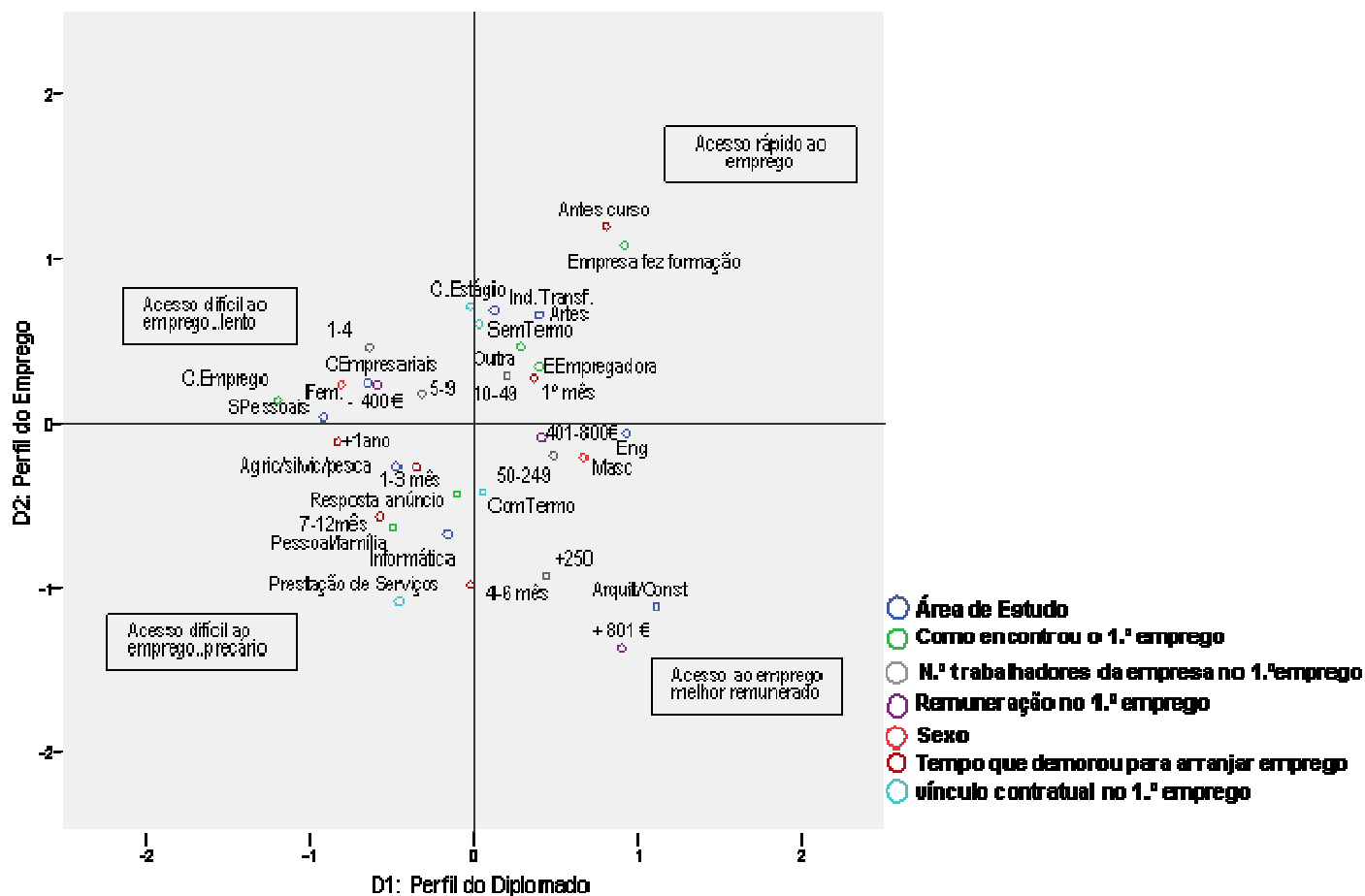
***Em síntese**, os diplomados do EP mudam mais frequentemente de emprego e três anos após o curso, mais de metade possui um contrato de trabalho com termo. A estabilidade do contrato profissional é maior no grupo do SA, que encontra o seu emprego sobretudo na Indústria Transformadora e no Comércio e serviços de reparação. Os jovens do EP também são absorvidos pelo Comércio e serviços de reparação e, igualmente, pelo sector do Alojamento e Restauração, principalmente no primeiro emprego. A satisfação global dos diplomados em relação à sua situação profissional é moderada.*

Perfis de inserção profissional – o recurso à análise multivariada de dados

Analísámos um conjunto de indicadores que nos permitiram sinalizar diferenças e semelhanças nas trajectórias de inserção profissional dos dois grupos de jovens, concentrados em dois momentos principais: o primeiro e o último emprego. A análise que se segue apresenta os elementos de caracterização da inserção profissional, numa visão mais integradora, destacando as grandes tendências na forma como os jovens acedem ao primeiro emprego e na sua situação profissional três anos após concluírem a formação. Ao submeter os dados dos questionários a uma análise de correspondências múltiplas (ACM) foi possível identificar indivíduos que partilham o mesmo tipo de atributos e, assim, delinear perfis tipo, que podem ser comparados.

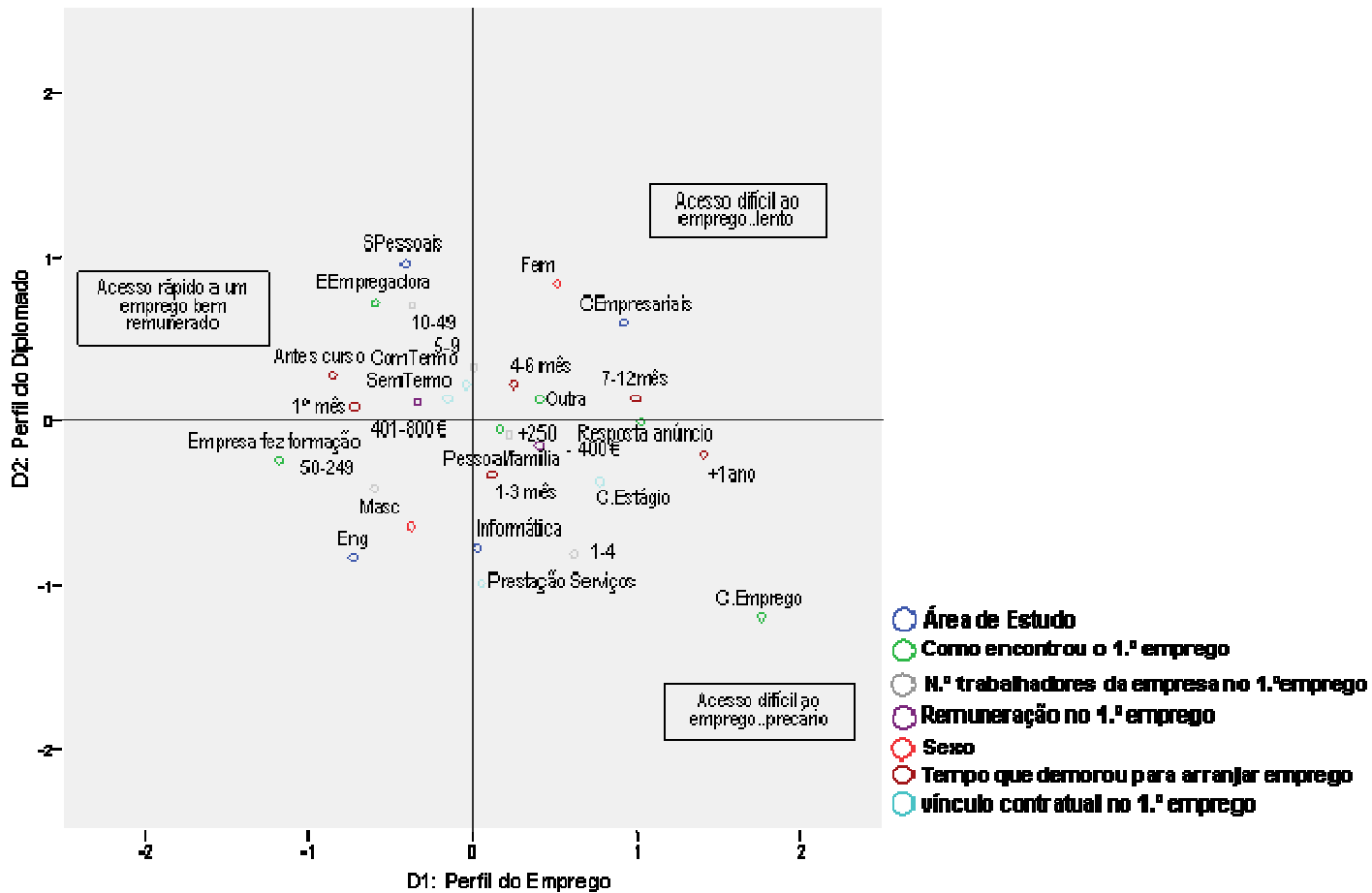
Os gráficos seguintes representam as interdependências das variáveis de primo-inserção dos jovens do SA e do EP, respectivamente³⁶.

Gráfico 10. Primo-inserção do grupo SA
(via análise de correspondências múltiplas)



³⁶ Foram cruzadas as seguintes variáveis activas: tempo que levou a arranjar emprego, meio para encontrar emprego, dimensão da empresa, vínculo contratual e remuneração no 1.º emprego.

Gráfico 11. Primo-inserção do grupo EP
(via análise de correspondências múltiplas)



Esta análise revela-nos a existência de três perfis principais:

- (i) acesso difícil ao emprego;
- (ii) acesso rápido ao emprego e
- (iii) acesso ao emprego melhor remunerado.

No conjunto dos perfis-tipo da primo inserção, tornam-se evidentes as semelhanças entre os dois grupos de diplomados, conforme interpretamos na tabela seguinte.

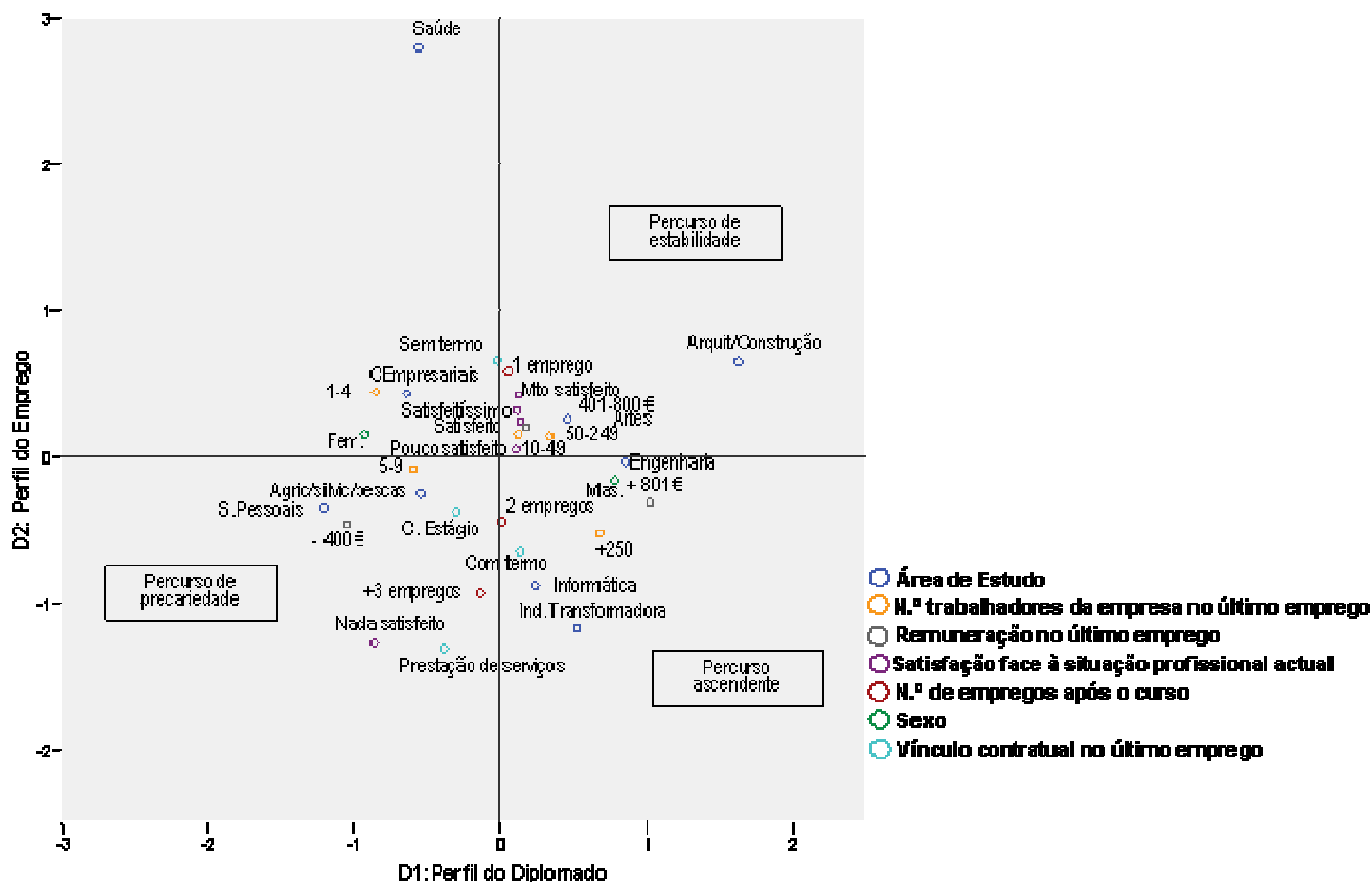
Tabela 9. Perfis de primo-inserção dos diplomados

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional
Acesso difícil ao emprego ...	Lento	Concentram-se, neste perfil, os diplomados que estiveram mais tempo à espera de emprego. Foi, sobretudo, através de contactos pessoais e familiares ou respondendo a anúncios que o encontraram. Na sua maioria, são diplomados da área da Agricultura, Silvicultura e Pescas ou Informática e começaram a trabalhar como prestadores de serviços.	São sobretudo raparigas, formadas em Ciências Empresarias. Estiveram mais de 4 meses à procura do 1.º emprego e ficaram empregadas em empresas de pequena dimensão.
	e precário	São sobretudo raparigas, formadas em Ciências Empresarias ou Serviços Pessoais. Começaram a trabalhar em empresas pequenas, com menos de 9 trabalhadores, e a receber menos de 400 €. Conseguiram emprego através da inscrição no Centro de Emprego.	São sobretudo diplomados da área de Informática e começaram a trabalhar como prestadores de serviços, ou através de um contrato de estágio. Conseguiram o 1.º emprego através de conhecimentos pessoais ou familiares, respondendo a anúncios ou através do Centro de Emprego, em empresas muito pequenas ou grandes empresas e recebiam menos de 400 €.
Acesso rápido ao emprego		Esperaram, no máximo, 1 mês até começar a trabalhar, sobretudo, porque continuaram a trabalhar na empresa onde fizeram formação prática ou foram directamente contactados pela empresa que os empregou, sobretudo pequenas e médias empresas (10 a 49 trabalhadores). Possuíam um contrato sem termo ou um contrato de estágio (provavelmente estágio profissional) e são diplomados na área da Indústria Transformadora ou Artes.	... rápido e melhor remunerado... Sobretudo rapazes, diplomados na área da Engenharia ou Serviços pessoais. Esperaram, no máximo, 1 mês até começar a trabalhar, porque continuaram a trabalhar na empresa onde fizeram formação prática ou foram contactados directamente pela empresa que os contratou.
Acesso ao emprego melhor remunerado		No primeiro emprego, começaram a trabalhar em médias e grandes empresas, obtiveram um contrato com termo e auferiam os salários mais elevados (401 a 800€ ou mais de 800€). São sobretudo rapazes diplomados em Engenharia, Arquitectura e Construção.	Ficaram empregados em empresas pequenas ou de média dimensão, com um contrato de trabalho, com termo ou sem termo, e auferiam os salários mais elevados (401 a 800€ ³⁷).

³⁷ Apenas três jovens do EP auferiam mais de 800€ no 1.º emprego, pelo que omitimos essa categoria da análise

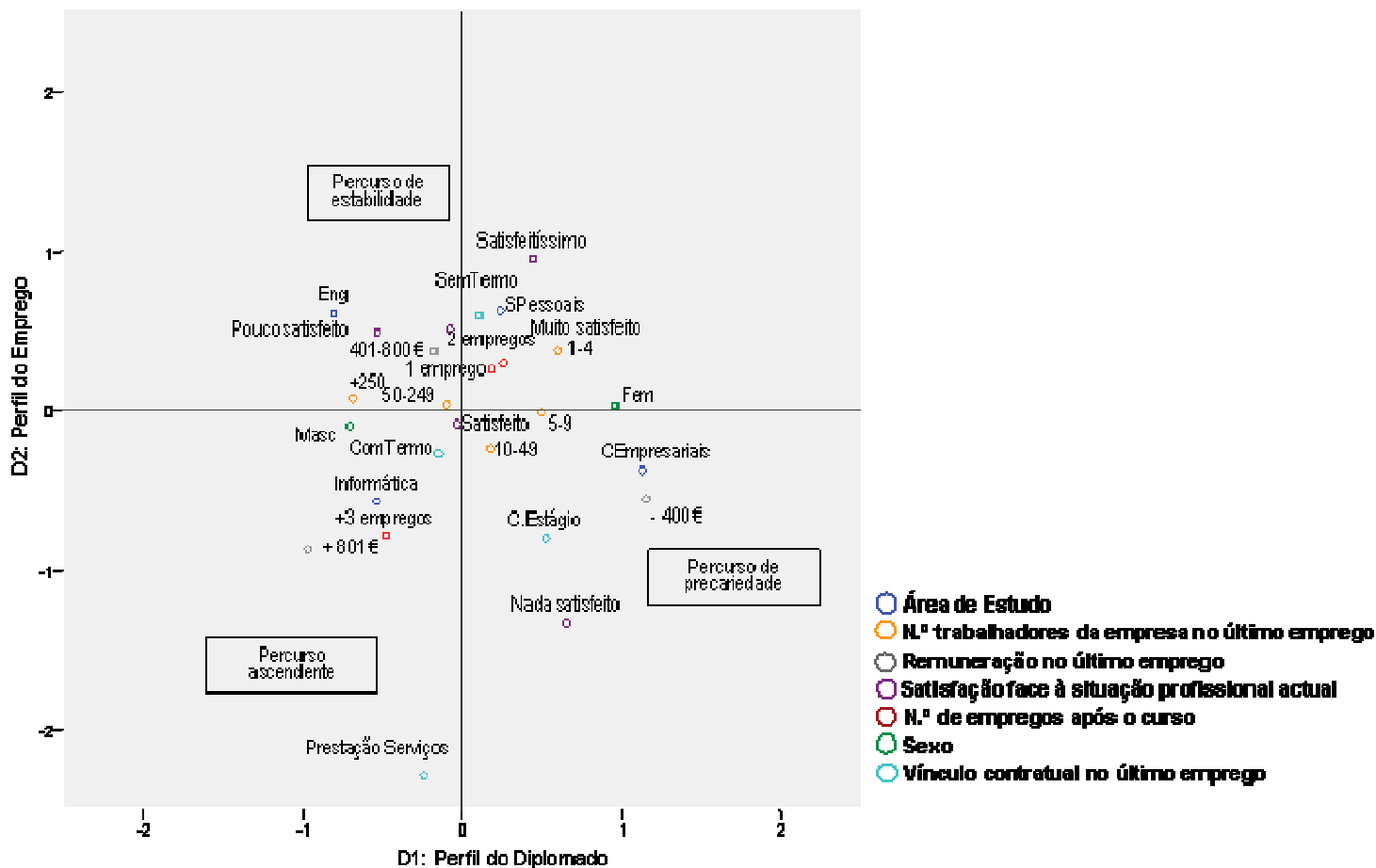
Os gráficos seguintes representam as interdependências das variáveis relativas ao último emprego dos jovens do SA e do EP, respectivamente³⁸.

Gráfico 12. Percursos de inserção profissional do grupo SA
(via análise de correspondências múltiplas)



³⁸ Foram cruzadas as seguintes variáveis activas: n.º de empregos após o curso, dimensão da empresa, vínculo contratual e remuneração no último emprego e satisfação em relação ao emprego obtido.

Gráfico 13. Percursos de inserção profissional do grupo EP
(via análise de correspondências múltiplas)



Inspirando-nos na tipologia de Grelet, Pottier e Viney, citada por Alves (2007), definimos três percursos tipo de inserção profissional dos diplomados, com base nas interdependências das variáveis relativas ao último emprego dos jovens (três anos após a formação):

- (i) percurso de precariedade;
- (ii) percurso de estabilidade e
- (iii) percurso ascendente.

Novamente, no conjunto dos perfis do último emprego dos diplomados, predominam as semelhanças. Não obstante, chamamos a atenção para a diferença ao nível da rotatividade de emprego que, no caso do SA, surge associada ao percurso de precariedade e, no grupo EP, é mais frequente nos jovens com percursos de inserção profissional ascendentes.

Tabela 10. Perfis de inserção profissional dos diplomados

	Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional
Percursos de precariedade	Desde que finalizaram o curso já tiveram, pelo menos, 3 empregos. Possuem um contrato de estágio ou trabalham em regime de prestação de serviços. Trabalham em empresas pequenas e auferem um salário inferior a 400 €. São sobretudo raparigas, diplomadas da área dos Serviços Pessoais ou de Agricultura, Silvicultura e Pescas e sentem-se insatisfeitas com a sua situação profissional.	São sobretudo raparigas, diplomadas na área das Ciências Empresariais e sentem-se insatisfeitas com a sua situação profissional. Recebem salários inferiores a 400 € mensais³⁹.
Percursos de estabilidade	Só tiveram um emprego nos três anos seguintes à conclusão do curso e sentem-se satisfeitos com a sua situação profissional. Trabalham em empresas de média dimensão, possuem um contrato de trabalho sem termo e auferem salários médios, entre 401 a 800 €.	São sobretudo diplomados da área de Engenharia e Serviços Pessoais e, regra geral, estão satisfeitos com a sua situação profissional. Desde que terminaram o curso tiveram 1 ou 2 empregos e atingiram a estabilidade de um contrato de trabalho sem termo. Auferem salários médios, entre 401 a 800 €.
Percursos ascendente	São sobretudo rapazes, diplomados em Engenharia e técnicas afins, Informática ou na área da Indústria transformadora. Trabalham em grandes empresas, possuem um contrato com termo e auferem os salários mais elevados, superiores a 801€.	São sobretudo rapazes, diplomados em Informática. Em 3 anos, passaram, pelo menos, por 3 empregos e recebem os salários mais elevados. Trabalham em médias ou grandes empresas, possuem um contrato com termo e sentem-se satisfeitos com a sua situação profissional.

³⁹ Apenas 3 jovens do EP possuíam um contrato de estágio no último emprego, pelo que apesar dessa categoria constar deste perfil, optámos por não a referir na interpretação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1. Abreviando a resposta às questões de investigação

Verificámos que as duas modalidades formativas atraem jovens com diferentes níveis de sucesso escolar e que combinam, de forma distinta, a frequência da escola e do mercado de trabalho, com os diplomados do SA a caracterizarem-se por um percurso escolar menos contínuo e com mais reprovações.

Também no que respeita à sua condição social, existem assimetrias, com o SA a atrair particularmente jovens de famílias menos escolarizadas.

Por outro lado, naquilo que mais aproxima os dois grupos de jovens, destacam-se as motivações que determinaram a escolha do curso: a vocação e a vontade de ingressar no mercado de trabalho, são as forças motrizes da decisão dos jovens, a par da tendência para o ingresso no curso de jovens cada vez mais cedo.

Evidenciadas as diferenças e semelhanças dos dois grupos de diplomados, em termos de caracterização sociográfica e trajectória escolar, procurámos pontos em comum e diversidades nas suas trajectórias de inserção profissional.

O acesso ao primeiro emprego tem características semelhantes nos dois grupos: mais de metade dos jovens espera menos de três meses pelo primeiro emprego, que é conseguido, sobretudo, por influência dos contactos pessoais e familiares. No entanto, para praticamente metade dos diplomados, a permanência no emprego não é contínua, mas atravessada por situações de desemprego, ainda que, sobretudo, de curta duração.

O sector dos serviços é o principal destino dos jovens do EP, com os jovens do SA a estarem mais distribuídos por outros ramos de actividade, nomeadamente a indústria.

A mudança de profissão é pouco frequente, mas existe rotatividade no emprego, mais acentuada no EP. Os dados revelam diferentes tipos de mobilidade profissional dos dois grupos de diplomados e sugerem que, no caso do SA, ela surge associada à precariedade das condições profissionais. As trajectórias de inserção profissional traçadas a partir da análise de correspondências múltiplas elucidam particularmente bem esta diferença: enquanto que no SA, a maioria dos jovens que mudou com frequência de emprego viveu percursos de precariedade, no caso dos jovens do EP, a rotatividade é mais frequente no grupo de jovens com percursos profissionais ascendentes.

Porém, esta evidência é insuficiente para concluir acerca da natureza voluntária ou involuntária da mudança de emprego, ou da sua natureza estratégica, segundo a concepção de Nicole-Drancourt (1992).

Quanto às condições do emprego obtido pelos jovens, verificamos uma tendência para a estabilidade, marcada por uma proporção significativa de jovens que logo no primeiro emprego obtém um contrato de trabalho sem termo, e para baixas remunerações (apesar de, entre o primeiro e o último emprego, a maioria dos jovens subir o seu nível de rendimentos, fruto de reconhecimento da experiência profissional).

Assim sendo, não obstante pequenas diferenças identificadas na inserção profissional dos jovens do SA e do EP, de uma forma geral, estamos perante dois grupos pouco distintos. A diversidade de perfis de inserção existe, mas a modalidade de formação não é um factor determinante dessa diversidade, ressaltando a importância de outros factores, como a área do curso ou a forma como os jovens encontraram emprego.

Concluimos esta síntese fazendo referência às trajectórias tipo de acesso ao emprego identificadas com recurso a análise de correspondências múltiplas. A identificação de perfis-tipo, com base na aproximação entre as respostas dos indivíduos, ajudou-nos a descodificar a complexidade dos percursos de inserção profissional.

Em ambos os grupos de diplomados, o acesso ao primeiro emprego revela três tipos distintivos de percurso: *(i)* acesso difícil ao emprego, com longos períodos de tempo até encontrar o primeiro emprego e a passagem por empregos pouco atractivos, com remunerações baixas e sem contrato de trabalho, conseguidos através de contactos de familiares; *(ii)* acesso rápido ao emprego, garantido, sobretudo, pela contratação por parte da empresa onde os diplomados fizeram a formação prática e *(iii)* acesso ao emprego melhor remunerado, cujos traços distintivos são a celebração de um contrato de trabalho e salários mais elevados.

Atendendo à situação dos diplomados três anos após a conclusão do curso, obtemos uma visão mais completa do seu percurso profissional nesse período. A abordagem tipológica permite-nos caracterizar três tendências de percurso de inserção profissional: *(i)* percurso de precariedade, onde se inserem os jovens com salários baixos e contratos de estágio ou prestação de serviços, que se sentem insatisfeitos com a sua situação profissional; *(ii)* percurso de estabilidade, representado pelos diplomados que recebem salários médios e beneficiam da estabilidade de um contrato sem termo e, por último, *(iii)* percurso ascendente,

assim designado por corresponder a diplomados que apesar de não estarem efectivos, recebem os salários mais elevados e se revelam satisfeitos com a sua situação profissional.

5.2. Parar para reflectir

A escolha da temática da inserção profissional dos jovens não foi, de todo, inocente. Vejo e sinto, no dia a dia, as expectativas (quase) perdidas de quem não encontra o que procura e de quem insiste em encontrar melhor.

Tomada a decisão de avançar com um projecto de investigação, decidi focar a minha atenção em dois grandes movimentos de mudança da sociedade contemporânea. Por um lado, o apelo cada vez mais evidente de investimento na educação, que transfere para os indivíduos a responsabilidade pela “aprendizagem ao longo da vida”, sob pena de ficarem excluídos da esfera do trabalho e, em contra-senso, um mercado em transformação que se rege por novas formas de organização do trabalho, que já não oferece garantias de estabilidade a quem entra e que polariza os trabalhadores, entre analistas simbólicos e trabalhadores genéricos (Reich, 1996; Castells, 2002; Atkinson, 2005; Azevedo, 2007).

A primeira grande conclusão que retiro deste trabalho é a de que o fenómeno da inserção profissional dos jovens afigura-se tão relevante, quanto complexo.

De facto, não conseguimos apreender toda a sua complexidade, sem atender às condições biográficas dos jovens, naquilo que são as suas características sociográficas (sexo, idade, origem social) e os seus atributos sócio-educativos (área de formação, sucesso da trajectória académica), e ao contexto estrutural em que este se insere, designadamente o contexto macro-económico em que a inserção ocorre e os modos de funcionamento do mercado de trabalho.

Como em muitos dos estudos sobre a inserção profissional dos jovens, a análise realizada inscreveu-se, sobretudo, nas condições de acesso ao emprego e no tipo de emprego a que os jovens acederam. Com a recolha de elementos relativos a um período de três anos, foi possível interpretar os trajectos de inserção profissional, e confirmar que as tendências observadas nos primeiros meses de inserção nem sempre se mantêm a médio prazo.

A abordagem comparativa levada a cabo, para além de constituir um elemento inovador nos estudos de inserção desenvolvidos em Portugal, permitiu desvendar os elementos caracterizadores da inserção profissional de dois grupos de diplomados, materializados na passagem por vários empregos e por transições entre períodos de desemprego, e na diversidade de percursos, marcados por diferentes ritmos de acesso ao emprego, diferentes

condições de estabilidade e diferenças na satisfação com que os jovens apreciam o seu trajecto.

Confirmamos o que Rose (1998) constatou, que o período de inserção profissional dos jovens se dilata num tempo em que estes vão assumindo diversos estatutos: formandos, estagiários, empregados, desempregados.

5.3. Pistas para o futuro

Delimitadas que estão as principais conclusões desta investigação, emergem novas pistas de investigação, reflexões teórico-metodológicas, enfim, mais reticências, que pontos finais.

A análise do trajecto escolar dos jovens assumiu-se, desde cedo, como uma variável a considerar. No entanto, nesta investigação, reportámo-nos somente à experiência escolar anterior à entrada do curso, caracterizada pelo número de vezes que os jovens repetiram o ano lectivo, e pela situação em que se encontravam no último ano escolar antes de ingressarem na formação. Deixámos de lado a apreciação do percurso dos jovens durante os três anos da formação, designadamente a classificação com que terminaram a formação. Seria interessante explorar a influência da qualidade das aprendizagens desenvolvidas na inserção profissional dos jovens, até porque as duas modalidades de formação têm diferenças curriculares significativas, sendo a mais relevante a diferença da carga horária da formação em contexto de trabalho, a qual é bastante superior no SA, embora esta não pareça ter grande influência sobre os percursos de inserção.

Outro aspecto que queremos destacar prende-se com a constatação da influência dos familiares no acesso ao emprego dos jovens. Parece-nos que este factor pode ocultar dificuldades de acesso a um emprego coincidente com as qualificações dos jovens, pelo que o estudo das estratégias das famílias na procura de emprego dos jovens se afigura um campo profícuo para futuras investigações.

Outra abordagem interessante passaria por complementar a análise da inserção profissional dos jovens com um enquadramento mais lato das mudanças que ocorrem nas suas vidas, designadamente ao nível familiar, dado que a esfera pessoal é muitas vezes responsável por influenciar as opções profissionais dos indivíduos.

Destacamos, ainda, a temática da mobilidade profissional como um campo produtivo para futuras investigações. Esta investigação sugere a existência de diferentes tipos de mobilidade intergeracional, ainda que não tenha sido possível avançar explicações para essa diferença.

Constatar a rotatividade do emprego, por si só, pouco nos diz sobre a natureza estratégica ou imposta dessa mudança e, parece-nos, uma vez mais, que este tipo de análise pode beneficiar da complementaridade metodológica do estudo da biografia dos indivíduos.

Este tipo de reflexão faz-nos considerar a mais valia de completar este tipo de investigação com metodologias qualitativas, as únicas capazes de apreender as relações que se estabelecem entre os vários actores envolvidos no fenómeno da inserção profissional e os motivos subjacentes às suas acções. Sendo o período de inserção profissional também um período de construção de identidades, consideramos a abordagem qualitativa, designadamente através do método biográfico, uma ferramenta imprescindível para compreender a complexidade deste período da vida, do ponto de vista de quem nele participa mais directamente.

Num artigo de revisão sobre os conceitos, a investigação e o debate político em torno da transição escola-trabalho, Raffe (2003) refere as conclusões de um grupo de investigadores europeus: a definição de políticas baseadas em padrões de inserção profissional, que ignorem a diversidade e a “des-estandardização” dos percursos de transição, podem levar à exclusão social. Com esta nota sobre a pertinência da investigação do fenómeno da inserção profissional, finalizo.

6. BIBLIOGRAFIA

- Alves, N. (2007). *Inserção profissional e formas identitárias- percursos dos licenciados da Universidade de Lisboa* – Tese de Doutoramento, Lisboa.
- Alves, N., Almeida, A., Fontoura, M. e Alves, P. (2001). *Educação e Formação: Análise Comparativa dos Sub-Sistemas de Qualificação Profissional de Nível III*. Lisboa: OEFP.
- Atkinson, R. (2005). Inequality in the new knowledge economy. In: Giddens, A., Diamond, P. (2005). *The New Egalitarianism*. Cambridge: Polity Press, pp. 8-38.
- Azevedo, J., Fonseca, A. (2007). *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho*. Porto: FML.
- Balsan, D., Habchane, S. e Werquin, P. (1996). Mobilité professionnelle initiale: éducation et expérience sur le marché du travail. *Économie et Statistique*, 299, pp. 91-106.
- Beck, U. (1992). *Risk society. Towards a new modernity*. Londres: Sage Publications.
- Bonnal, L, Fleury, L. e Rochard, M. B. (1999). L'insertion professionnelle des apprentis et des lycéens professionnels: des emplois proches des formations suivies. Une enquête réalisée en Région Centre. *Économie et Statistique*, 232, pp. 3-24.
- Boudon, R. (1973). *L'inegalité des chances. La mobilité sociale dans les sociétés industrielles*. Paris: Armand Colin.
- Bourdieu, P. e Passeron, J. (1970). *La reproduction*. Paris: Ed. Minit.
- Bourdieu, P. (1972). *Esquisse d'Une Théorie de la Pratique, Précédé de Trois Études d'Ethnologie Kabyle*. Genebra: Droz.
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Couppié, T., Epiphane, D. e Fournier, C. (1997). Insertion professionnelle et début de carrière. Les inégalités entre hommes et femmes résistent-elles au diplôme?, *BREF, CEREQ*, n.º 135.
- DGEEP (2006). *Plano Nacional de Emprego – 2005*. Lisboa: DGEEP/MTSS.
- Dubar, C. (1991). *La socialisation. Construcion des identités sociales et professionnelles*. Paris : Armand Colin.
- Eckert, H. (2001). Analyser les mouvements d'accès et de retrait du marché de l'emploi au cours de la période d'insertion professionnelle. *Formation Emploi*, 73, pp. 95-120.
- Eicher, J.-C. (1979). “Éducation et réussite professionnelle”. In: J.-C. Eicher e L. Garboua (eds.). *Économie de l'Éducation : Travaux Français*. Paris : Economica, pp. 9-28.
- Gangl, M. (2003a), “The structure of labour market entry in Europe: A Typological Analysis”, In: Muller, W. e Gangl, M. (2003). *Transitions from education to work in Europe. The integration of youth into EU labour markets*. Oxford: Oxford University Press, pp. 107-128.
- Gangl, M. (2003b), “Returns to education in context: individual education and transition outcomes in European labour markets”, In: Muller, W. e Gangl, M. (2003). *Transitions from education to work in Europe. The integration of youth into EU labour markets*. Oxford: Oxford University Press, pp. 156-185.

- Grelet, Y. (1997). “Niveau, spécialité et région: des facteurs clés de l’insertion professionnelle”. In: Vernières, M. (coord.). *L’insertion professionnelle. Analyses et débats*. Paris: Economica, pp. 29-56.
- Grelet, Y. e Mansuy, M. (2004). De la precarité de l’emploi à celle des trajectoires: une analyse de l’insertion en évolution. *Formation Emploi*, 85, pp. 97-99.
- Grácio, S. (1997). *Dinâmicas da escolarização e das oportunidades individuais*. Lisboa: Educa.
- IESE (2003). *Estudo de percurso pós-formação dos Alunos de Ensino profissional que concluíram a respectiva formação no ano lectivo 2000/2001. Relatório Final*. Lisboa: PRODEP.
- IESE/Quatenaire (2007). *Estudo de Avaliação do Sistema de Aprendizagem. Relatório Final*. Lisboa: IEFEP.
- Lindley, R. M. (1986). La passage de l’école à la vie active au Royaume-Uni. *Revue Internationale du Travail*, 135, 2, pp.171-195.
- Lollivier, S. (2000). Récurrence du chômage dans l’insertion des jeunes : des trajectoires hétérogènes. *Économie et Statistique*, 334, pp. 49-63.
- Marry, C. (1992). Les jeunes et l’emploi: force et faiblesse des liens forts. In. Coutrot, L. e Dubar, C. (dir.). *Cheminements professionnels et mobilités sociales*. Paris: La Documentation Française, pp. 299-234.
- Martinelli, D., Simon-Zarca, G. e Werquin, P. (1999). “Génération 92”: Profil, parcours et emplois en 1997. *BREF, CEREQ*, n.º149.
- Nicole-Drancourt, C. (1992). L’insertion professionnelles des jeunes garçons et des jeunes filles : une étude localisée. In. Coutrot, L. e Dubar, C. (dir.). *Cheminements professionnelles et mobilités sociales*. Paris: La Documentation Française, pp. 285-298.
- Nicole-Drancourt, C. e Roulleau-Berger, L. (2001). *Les jeunes et le travail 1950-2000*. Paris : PUF
- OCDE (1997). *Thematic Review of the Transition from Initial Education to Working Life – Portugal: Background Report*. Paris: OCDE.
- OCDE (1999). *Thematic Review of the Transition from Initial Education to Working Life – Portugal: Country Note*, Paris: OCDE.
- OCDE (2007). *Education at a Glance*, Paris: OCDE.
- Perrenoud, P. (1986), De quoi la réussite scolaire est-elle faite?. *Éducation et Recherche*, 1, pp. 133-159.
- Pottier, F. (1992), “Formes et logiques de mobilité des jeunes à travers de l’Observatoire des entrées dans la vie active (EVA)”. In : Coutrot, L. e Dubar, C (dir.). *Cheminements professionnels et mobilités sociales*. Paris: La Documentation Française, pp. 259-284.
- Poulet, P. (1996). Allongement de la scolarisation et insertion des jeunes: une liaison délicate. *Économie et Statistique*, 300, pp. 71-81.
- Prost, M. (1992). *Éducation, société et politiques. Une histoire de l’enseignement en France. De 1945 à nos jours*. Paris: Éditions du Le Seuil.
- Raffe, D. (2003). Pathways Linking Education and Work: A Review of Concepts, Research, and Policy Debates. *Journal of Young Studies*, 6:1, pp. 3-19.
- Reich, R. (1996). *O Trabalho das Nações*. Lisboa: Questzal.
- Rose, J. (1998). *Les jeunes et l’emploi*. Paris: Desclée de Brouwer.
- São Pedro, M. (et.al) (2001). *As saídas do Ensino Secundário. Que expectativas?*. Lisboa: OPES/ME.

- Tessier, C. (2002). Jeunes et jeunes femmes. In. Fournier, G. e Bourassa, B. (dir.). *Les 18 à 30 ans et le marché du travail. Quand la marge devient la norme...*Laval: Presses de l'Université de Laval, pp. 201-215.
- Vernières, M. (1993). *Formation Emploi. Enjeu économique et social*. Paris : Cujas.
- Vincens, J. (1981).L'insertion dans la vie active. In. *AAVV L'insertion professionnelle des jeunes à la sortie des études postsecondaires*. Louvain: Université Catholique de Louvain.
- Weir, D. (1991). Social and Technological Change: diversity and commonality in post-school educations. In. D. Corson (ed.). *Education for Work. Background to policy and curriculum*. Clevedon: Open University, pp. 126-131.
- Werquin, P. (1997). 1986-1996 : dix ans d'intervention publique sur le marché du travail des jeunes. *Économie et Statistique*, 304-305, pp. 121-136.
- Wolbers, M. H. J. (2000). The effects of level of education on mobility between employment and unemployment in the Netherlands. *European Sociological Review*, 16, 2, pp. 185-200.
- Wolbers, M. H. J. (2003). Learning and working: double statuses in youth transition. In. Muller, W. e Gangl, M. (2003). *Transitions from education to work in Europe. The integration of youth into EU labour markets*. Oxford: Oxford University Press, p. 131-154.

7. ANEXO METODOLÓGICO

Deste documento faz parte integrante um conjunto de cinco Anexos, organizados na seguinte sequência:

- Anexo 1. Nota sobre o potencial comparativo entre o SA e o EP
- Anexo. 2. Nota técnica sobre o processo de recolha de dados
- Anexo 3. Matriz do modelo de análise
- Anexo 4. Resultados dos Inquéritos (em CD)
- Anexo 5. Formulários de Inquéritos (em CD)

Anexo 1. Nota sobre o potencial comparativo entre o SA e o EP

As modalidades formativas existentes em Portugal não se distinguem pelas áreas de formação que oferecem ou pela distribuição territorial da oferta⁴⁰. No entanto, no que respeita ao modelo de organização pedagógico, as duas modalidades em estudo apresentam um conjunto de diferenças que justificam a opção para efeitos de comparação neste trabalho, nomeadamente no que respeita a:

- ☑ *Público-alvo*: o Ensino Profissional destina-se a jovens que tenham concluído a escolaridade obrigatória (com uma oferta residual destinada a jovens com escolaridade inferior); no Sistema de Aprendizagem o público abrangido é mais diversificado, já que prevê a realização de diferentes percursos formativos, com os requisitos de entrada a variar consoante os mesmos. A formação em alternância afirma-se como uma oferta de segunda oportunidade, permitindo dar continuidade aos estudos a quem já abandonou, ou está em risco de abandonar, o sistema de ensino sem a posse de uma certificação escolar e qualificação profissional;
- ☑ *Duração total do curso*: tomando como referência o nível III de formação, o Sistema de Aprendizagem destaca-se como a modalidade de maior duração total, entre 4.000 e 4.500 horas, com o Ensino Profissional a cifrar-se nas 3.100 horas;
- ☑ *Duração da formação em contexto de trabalho*: superior no Sistema de Aprendizagem (1.200h), face ao Ensino Profissional (420h), tomando como referência o nível III.
- ☑ *Organização curricular da formação em contexto de trabalho*: no Sistema de Aprendizagem, a formação em contexto de trabalho (FCT) organiza-se em períodos alternados entre formação na entidade formadora e a formação no local de trabalho, ao longo dos 3 anos de duração da formação; no Ensino Profissional, a formação em contexto de trabalho ocorre de forma concentrada no terceiro ano do curso.

⁴⁰ O “Estudo de percurso pós-formação dos Alunos de Ensino profissional que concluíram a respectiva formação no ano lectivo 2000/2001” (IESE, 2003), comparou as modalidades formativas de nível III (cursos tecnológicos, cursos profissionais e sistema de aprendizagem) e concluiu que (i) existe uma significativa concentração de respostas das diversas modalidades num conjunto de cinco área-chave de formação (“Administração, Serviços e Comércio”, “Informática”, “Comunicação”, “Hotelaria e Turismo” e “Intervenção Pessoal e Social”); (ii) existe uma presença relevante em várias regiões (especialmente nas que detêm maior expressão, em termos de dinamismo económico e capacidade empregadora) de cursos das três modalidades, nas áreas da Electricidade e Electrónica/Mecânica/Electromecânica; (iii) existe maior aproximação a padrões de especialização económica regional por parte da estrutura de cursos do Sistema de Aprendizagem.

Síntese da organização curricular do Ensino Profissional e do Sistema de Aprendizagem

	Público-alvo	Duração total	Duração da FCT	Estabelecimento de ensino / formação
Ensino Profissional	Jovens com 3º ciclo do EB (oferta residual também para jovens com o 2º ciclo)	3.100h	420 h	Escolas Profissionais Públicas e Privadas Escolas Secundárias da rede pública
Sistema de Aprendizagem	Jovens (preferencialmente entre os 15 e os 25 anos e possuidores da escolaridade obrigatória) e candidatos ao 1º emprego.	4.000 a 4.500h ou 1.800 h	1.200h	Centros de Formação Profissional do IEFP; Outras entidades acreditadas;

Em síntese, sistematizando os dados apresentados neste ponto, conclui-se que as duas modalidades consideradas têm potencial de comparação, uma vez que:

- o número significativo de inscritos (mais de 30.000, desde 2002, no caso do EP e próximo de 20.000 inscritos anuais, no caso do SA) sugere que ambas as modalidades estão igualmente “enraizadas” no sistema de educação e formação nacional e que ambas evoluem no sentido de maior procura;
- não se verificam distinções significativas entre ambas em termos de oferta de áreas de formação ou distribuição territorial da oferta;
- destaca-se o modelo de organização curricular dos cursos como a principal marca distintiva dos mesmos, concretamente, o peso da formação em contexto de trabalho e a sua organização - em alternância - ao longo do período formativo.

Anexo 2. Nota técnica sobre o processo de recolha de dados

Os dados analisados nesta Investigação foram recolhidos no âmbito do Estudo de Avaliação do Sistema de Aprendizagem, realizado pelo consórcio IESE/Quaternaire (2007) para o IEF - Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Na recolha de dados foram aplicados dois instrumentos de inquirição: o *Inquérito a ex-formandos do Sistema de Aprendizagem* e o *Inquérito a Diplomados do Ensino Profissional*, dirigido a jovens que concluíram um curso de SA e EP, respectivamente, em 2003. A recolha de dados ocorreu durante os meses de Novembro e Dezembro, de 2006.

O principal objectivo do Estudo de Avaliação supra citado consistiu em analisar a eficácia do SA mediante a avaliação dos efeitos (esperados e inesperados) nos seus diferentes intervenientes/actores, na óptica de balanço do impacto provocado pela revisão do diploma enquadrador do Sistema de Aprendizagem, publicado em 1996. A inquirição de uma amostra de diplomados do ensino profissional assumiu a função de grupo de controlo.

O inquérito do SA é, por isso mesmo, mais abrangente, na medida em que incorpora questões relativas à organização desse tipo de oferta, não consideradas no inquérito dirigido aos jovens do EP.

A estrutura base dos dois instrumentos assenta nos seguintes grupos de questões:

- a) *Caracterização pessoal dos inquiridos*: contemplando questões de caracterização sociográfica e questões relativas ao percurso escolar do inquirido antes de ingressar no curso;
- b) *Divulgação do Sistema de Aprendizagem*: grupo de questões contempladas somente no Inquérito a ex-formandos do SA, que incidem nos meios através dos quais os jovens tomaram conhecimento da existência do curso que frequentaram e no grau de esclarecimento obtido acerca dos aspectos organizativos da formação. As respostas a este grupo de questões não foram consideradas para efeitos da presente Investigação;
- c) *Acesso à formação*: com questões sobre o processo de admissão por que passaram os jovens antes do ingresso na formação e o resultado da orientação para a decisão final de frequentar o curso. As respostas a este grupo de questões não foram consideradas para efeitos da presente Investigação;

- d) *Motivações para participação na formação*: incluindo questões sobre os factores e motivos que influenciaram a opção dos jovens pela formação em causa;
- e) *Avaliação do curso frequentado*: grupo de questões centrado na apreciação dos inquiridos acerca da qualidade e utilidade da formação realizada;
- f) *Situação do formando após o curso*: este grupo de questões é central nesta Investigação e incide na caracterização da condição dos diplomados perante o trabalho, em 4 momentos após a conclusão da formação (1 mês após o curso, 3 meses após o curso, 6 meses após o curso e 1 ano após o curso). Inclui um conjunto de questões dirigidas aos diplomados que prosseguiram estudos, que permitem caracterizar as opções formativas deste conjunto de inquiridos; para além de outro conjunto de questões dirigidas aos jovens que nunca desenvolveram uma actividade profissional, que permitem identificar o período de duração do desemprego e as acções empreendidas pelos jovens desempregados no sentido de encontrar emprego.

O Universo do Estudo é constituído por 4.078 ex-formandos do SA, incluindo diplomados e reprovados⁴¹, inscritos no último ano de percursos de nível III e 2.201 jovens que concluíram o último ano de nível III de um curso do Ensino Profissional.

Foram recebidos 767 inquéritos respondidos por ex-formandos do SA (dos quais somente 740 concluíram a formação com sucesso) e 221 inquéritos por diplomados do EP.

Para a presente investigação não foram tidos em conta os inquéritos de jovens que optaram exclusivamente por prosseguir estudos.

Depois deste procedimento, a amostra considerada para efeitos desta Investigação compreende: 698 diplomados do SA e 195 diplomados do EP.

⁴¹ Foram somente considerados os inquéritos dos jovens que concluíram a formação com sucesso, i.e., diplomados, mas a base de dados com os contactos dos ex-formandos do SA não permitiu fazer essa selecção à priori, pelo que, no caso da inquirição a este grupo, a selecção dos diplomados ocorreu à posteriori, com base na resposta dos jovens à questão sobre a sua situação no final do curso.

Anexo 3. Matriz do modelo de análise

Questões de investigação	Dimensões de análise	Indicadores
O que diferencia e/ou aproxima os públicos-alvo do SA e do EP?	Caracterização pessoal dos diplomados	✓ perfil sociográfico dos jovens; ✓ motivação para o ingresso no curso;
	Caracterização do percurso escolar dos diplomados	✓ Situação dos diplomados no último ano escolar frequentado antes de entrar no curso; ✓ Número de reprovações no período anterior ao ingresso no curso; ✓ Proporção de diplomados que prosseguiu estudos por tipo de ensino/formação; ✓ Tipo de razões por que decidiram prosseguir estudos.
Que diferenças existe na inserção profissional dos diplomados do SA e do EP?	Caracterização da primo-inserção profissional dos diplomados	✓ Condição perante o trabalho ao fim de 1, 3, 6, 12 meses e actualmente; ✓ Tempo médio de procura de emprego após a conclusão do curso; ✓ Meio através do qual encontrou emprego; ✓ Dificuldades na procura de emprego, por parte dos desempregados.
	Caracterização da inserção profissional dos diplomados	✓ Adequação entre emprego e formação; ✓ Número de empregos após o curso; ✓ Tipo de vínculo laboral no 1.º e último/actual emprego; ✓ Escalão de remuneração auferido no 1.º e último/actual emprego; ✓ Profissão no 1.º e último/actual emprego; ✓ Dimensão da empresa no 1.º e último/actual emprego; ✓ Satisfação com a situação profissional actual; ✓ Proporção de jovens que conseguiu uma inserção profissional correspondente às suas expectativas.

ANEXO 4. RESULTADOS DOS INQUÉRITOS

Quadro 1. Condição dos jovens até ao momento da inquirição

	N	%
Actualmente desempregados e que nunca trabalharam nem voltaram/continuaram a estudar	18	2,0
Que trabalham ou já trabalharam	875	98,0
Total	893	100,0

Quadro 2. Condição dos jovens até ao momento da inquirição, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Actualmente desempregados e que nunca trabalharam nem voltaram/continuaram a estudar	N	16	2	18
	%	2,3	1,0	2,0
Que trabalham ou já trabalharam	N	682	193	875
	%	97,7	99,0	98,0
Total	N	698	195	893
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,238(b)	1	,266		
Continuity Correction(a)	,680	1	,410		
Likelihood Ratio	1,437	1	,231		
Fisher's Exact Test				,390	,210
Linear-by-Linear Association	1,237	1	,266		
N of Valid Cases	893				

a Computed only for a 2x2 table

b 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,93.

4.1- Caracterização sóciográfica dos Diplomados

Quadro 3. Idade em 2006, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
18 anos	N	1	0	1
	%	0,1	0,0	0,1
19 anos	N	16	0	16
	%	2,3	0,0	1,8
20 anos	N	14	0	14
	%	2,0	0,0	1,6
21 anos	N	106	57	163
	%	15,2	30,3	18,4
22 anos	N	166	55	221
	%	23,8	29,3	25,0
23 anos	N	146	39	185
	%	20,9	20,7	20,9
24 anos	N	118	26	144
	%	16,9	13,8	16,3
25 anos	N	60	5	65
	%	8,6	2,7	7,3
26 anos	N	32	4	36
	%	4,6	2,1	4,1
27 anos	N	21	0	21
	%	3,0	0,0	2,4
28 anos	N	10	1	11
	%	1,4	0,5	1,2
29 anos	N	5	0	5
	%	0,7	0,0	0,6
30 anos	N	1	0	1
	%	0,1	0,0	0,1
31 anos	N	1	0	1
	%	0,1	0,0	0,1
32 anos	N	0	1	1
	%	0,0	0,5	0,1
Total	N	697	188	885
	%	100,0	100,0	100,0

Quadro 4. Média de idade dos diplomados em 2006, por Modalidade de ensino-formação

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Sistema de Aprendizagem	697	23,03	1,903	,072
Ensino Profissional	188	22,43	1,481	,108

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Idade em 2006	Equal variances assumed	11,373	,001	4,031	883	,000	,604	,150	,310	,897
	Equal variances not assumed			4,648	370,960	,000	,604	,130	,348	,859

Quadro 5. Idade dos diplomados em 2006, por Modalidade de ensino-formação

	SA		EP	
	N	%	N	%
Idade prevista (21 anos, em 2006)	137	19,7	57	30,3
Idade superior à prevista no ano de conclusão do curso	560	80,3	131	69,7
Total	697	100,0	188	100,0

Quadro 6. Distribuição dos diplomados por área de formação, segundo a idade

		Idade prevista (21 anos, em 2006)		Idade superior à prevista no ano de conclusão do curso	
		SA	EP	SA	EP
Artes	N	6	0	14	0
	%	4,4	0,0	2,5	0,0
Ciências empresariais	N	35	15	177	26
	%	25,5	26,3	31,6	19,8
Informática	N	10	20	79	49
	%	7,3	35,1	14,1	37,4
Engenharia e técnicas afins	N	66	7	154	20
	%	48,2	12,3	27,5	15,3
Indústrias transformadoras	N	5	0	5	0
	%	3,6	0,0	0,9	0,0
Arquitetura e construção	N	1	0	19	0
	%	0,7	0,0	3,4	0,0
Agricultura, silvicultura e pescas	N	1	0	21	0
	%	0,7	0,0	3,8	0,0
Saúde	N	0	0	8	0
	%	0,0	0,0	1,4	0,0
Serviços pessoais	N	13	15	83	36
	%	9,5	26,3	14,8	27,5
Total	N	137	57	560	131
	%	100,0	100,0	100,0	100,0

Quadro 7. Sexo dos diplomados, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Masculino	N	373	113	486
	%	53,5	57,9	54,5
Feminino	N	324	82	406
	%	46,5	42,1	45,5
Total	N	697	195	892
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,208(b)	1	,272		
Continuity Correction(a)	1,036	1	,309		
Likelihood Ratio	1,212	1	,271		
Fisher's Exact Test				,291	,154
Linear-by-Linear Association	1,206	1	,272		
N of Valid Cases	892				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0) have expected count less than 5. The minimum expected count is 88,76.

Quadro 8. Área de Estudo, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Artes	N	20	0	20
	%	2,9	0,0	2,2
Ciências empresariais	N	212	41	253
	%	30,4	21,0	28,4
Informática	N	89	75	164
	%	12,8	38,5	18,4
Engenharia e técnicas afins	N	220	28	248
	%	31,6	14,4	27,8
Indústrias transformadoras	N	10	0	10
	%	1,4	0,0	1,1
Arquitetura e construção	N	20	0	20
	%	2,9	0,0	2,2
Agricultura, silvicultura e pescas	N	22	0	22
	%	3,2	0,0	2,5
Saúde	N	8	0	8
	%	1,1	0,0	0,9
Serviços pessoais	N	96	51	147
	%	13,8	26,2	16,5
Total	N	697	195	892
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	112,220(a)	8	,000
Likelihood Ratio	121,862	8	,000
Linear-by-Linear Association	4,495	1	,034
N of Valid Cases	892		

a 5 cells (27,8) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,75.

Quadro 9. Área de Estudo dos diplomados do SA, segundo o sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Artes	N	14	6	20
	%	3,8	1,9	2,9
Ciências empresariais	N	53	159	212
	%	14,2	49,1	30,4
Informática	N	64	25	89
	%	17,2	7,7	12,8
Engenharia e técnicas afins	N	189	31	220
	%	50,7	9,6	31,6
Indústrias transformadoras	N	8	2	10
	%	2,1	,6	1,4
Arquitectura e construção	N	20	0	20
	%	5,4	,0	2,9
Agricultura, silvicultura e pescas	N	8	14	22
	%	2,1	4,3	3,2
Saúde	N	1	7	8
	%	0,3	2,2	1,1
Serviços pessoais	N	16	80	96
	%	4,3	24,7	13,8
Total	N	373	324	697
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	256,991(a)	8	,000
Likelihood Ratio	283,945	8	,000
Linear-by-Linear Association	7,458	1	,006
N of Valid Cases	697		

a 3 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,72.

Quadro 10. Área de Estudo dos diplomados do EP, segundo o sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Ciências empresariais	N	10	31	41
	%	8,8	37,8	21,0
Informática	N	54	21	75
	%	47,8	25,6	38,5
Engenharia e técnicas afins	N	28	0	28
	%	24,8	0,0	14,4
Serviços pessoais	N	21	30	51
	%	18,6	36,6	26,2
Total	N	113	82	195
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	51,231(a)	3	,000
Likelihood Ratio	61,777	3	,000
Linear-by-Linear Association	1,854	1	,173
N of Valid Cases	195		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 11,77.

Quadro 11. Tipo de família de origem, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Família nuclear	N	471	128	599
	%	75,6	76,6	75,8
Família nuclear alargada	N	59	20	79
	%	9,5	12,0	10,0
Família monoparental	N	67	9	76
	%	10,8	5,4	9,6
Outros tipos	N	26	10	36
	%	4,2	6,0	4,6
Total	N	623	167	790
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	5,738(a)	3	,125
Likelihood Ratio	6,203	3	,102
Linear-by-Linear Association	,143	1	,705
N of Valid Cases	790		

a. 0 cells (.0) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,61.

Quadro 12. Escolaridade do Pai do diplomado, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Não sabe ler nem escrever	N	9	2	11
	%	1,3	1,1	1,3
Sabe ler e escrever e tem o ensino primário incompleto	N	32	3	35
	%	4,8	1,6	4,1
Ensino primário completo	N	407	99	506
	%	60,7	52,1	58,8
Ciclo preparatório (6º ano)	N	97	37	134
	%	14,5	19,5	15,6
Ensino básico (9º ano)	N	53	24	77
	%	7,9	12,6	8,9
Ensino secundário (12º ano)	N	50	19	69
	%	7,5	10,0	8,0
Curso médio ou superior	N	22	4	26
	%	3,3	2,1	3,0
Mestrado ou doutoramento	N	1	2	3
	%	0,1	1,1	0,3
Total	N	671	190	861
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	17,095(a)	7	,017
Likelihood Ratio	16,820	7	,019
Linear-by-Linear Association	6,619	1	,010
N of Valid Cases	861		

a. 3 cells (18,8 %) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,66.

Quadro 13. Escolaridade da Mãe do diplomado, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Não sabe ler nem escrever	N	5	0	5
	%	0,7	0,0	0,6
Sabe ler e escrever e tem o ensino primário incompleto	N	37	9	46
	%	5,4	4,7	5,3
Ensino primário completo	N	381	96	477
	%	55,8	50,5	54,6
Ciclo preparatório (6º ano)	N	135	34	169
	%	19,8	17,9	19,4
Ensino básico (9º ano)	N	64	29	93
	%	9,4	15,3	10,7
Ensino secundário (12º ano)	N	44	17	61
	%	6,4	8,9	7,0
Curso médio ou superior	N	15	4	19
	%	2,2	2,1	2,2
Mestrado ou doutoramento	N	2	1	3
	%	0,3	0,5	0,3
Total	N	683	190	873
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	8,964(a)	7	,255
Likelihood Ratio	9,542	7	,216
Linear-by-Linear Association	4,645	1	,031
N of Valid Cases	873		

a. 5 cells (31,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,65.

4.2- Caracterização do percurso escolar dos diplomados

Quadro 14. Situação antes da entrada no curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Estava a estudar	N	478	180	658
	%	69,8	92,3	74,8
Estava a fazer formação profissional	N	5	0	5
	%	0,7	0,0	0,6
Estava a trabalhar	N	86	9	95
	%	12,6	4,6	10,8
Estava a trabalhar e a estudar	N	18	1	19
	%	2,6	0,5	2,2
Estava à procura do 1.º emprego	N	60	2	62
	%	8,8	1,0	7,0
Não estudava nem trabalhava por opção	N	38	3	41
	%	5,5	1,5	4,7
Total	N	685	195	880
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	41,853(a)	5	,000
Likelihood Ratio	52,198	5	,000
Linear-by-Linear Association	36,316	1	,000
N of Valid Cases	880		

a. 3 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,11.

Quadro 15. Tipo de ensino/formação que frequentava/frequentou antes de entrar no curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Ensino regular	N	661	186	847
	%	95,7	97,4	96,0
Ensino tecnológico	N	5	1	6
	%	0,7	0,5	0,7
Ensino profissional	N	17	3	20
	%	2,5	1,6	2,3
Sistema de Aprendizagem	N	3	0	3
	%	0,4	0,0	0,3
Educação/Formação	N	2	1	3
	%	0,3	0,5	0,3
Outro	N	3	0	3
	%	0,4	0,0	0,3
Total	N	691	191	882
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,556(a)	5	,768
Likelihood Ratio	3,854	5	,571
Linear-by-Linear Association	1,177	1	,278
N of Valid Cases	882		

a. 9 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,65.

Quadro 16. No último ano escolar que frequentou antes de entrar no curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Ficou aprovado	N	343	137	480
	%	50,1	71,0	54,7
Reprovou	N	113	28	141
	%	16,5	14,5	16,1
Desistiu antes de acabar o ano	N	228	28	256
	%	33,3	14,5	29,2
Total	N	684	193	877
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	30,597(a)	2	,000
Likelihood Ratio	32,969	2	,000
Linear-by-Linear Association	30,561	1	,000
N of Valid Cases	877		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 31,03.

Quadro 17. Indique o número de vezes que reprovou até entrar no curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Nenhuma vez	N	229	94	323
	%	33,3	48,5	36,6
1 vez	N	262	56	318
	%	38,1	28,9	36,1
2 vezes	N	151	36	187
	%	21,9	18,6	21,2
3 vezes ou mais	N	46	8	54
	%	6,7	4,1	6,1
Total	N	688	194	882
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	15,516(a)	3	,001
Likelihood Ratio	15,265	3	,002
Linear-by-Linear Association	10,314	1	,001
N of Valid Cases	882		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 11,88.

Quadro 18. Proporção de jovens que continuaram a estudar depois do curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Continuou/voltou a estudar após o curso	N	116	41	157
	%	16,6	21,0	17,6
Não estudou depois do curso	N	582	154	736
	%	83,4	79,0	82,4
Total	N	698	195	893
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	2,043(b)	1	,153		
Continuity Correction(a)	1,750	1	,186		
Likelihood Ratio	1,975	1	,160		
Fisher's Exact Test				,167	,094
Linear-by-Linear Association	2,040	1	,153		
N of Valid Cases	893				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 34,28.

Quadro 19. Tipo de ensino/formação que frequentou/frequenta depois do curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Ensino regular (do 5.º ao 12.º ano)	N	4	1	5
	%	3,4	2,4	3,2
Ensino Superior	N	53	21	74
	%	45,3	51,2	46,8
Ensino Tecnológico (Escolas tecnológicas)	N	22	3	25
	%	18,8	7,3	15,8
Ensino Profissional	N	17	8	25
	%	14,5	19,5	15,8
Sistema de Aprendizagem (formação em alternância)	N	3	1	4
	%	2,6	2,4	2,5
Educação/Formação	N	14	3	17
	%	12,0	7,3	10,8
Outro	N	4	4	8
	%	3,4	9,8	5,1
Total	N	117	41	158
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,347(a)	6	,385
Likelihood Ratio	6,511	6	,368
Linear-by-Linear Association	,173	1	,678
N of Valid Cases	158		

a. 6 cells (42,9%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,04.

Quadro 20. Intenção de prosseguimento de estudos, aquando do ingresso no curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Sim	N	67	24	91
	%	49,3	54,5	50,6
Não	N	69	20	89
	%	50,7	45,5	49,4
Total	N	136	44	180
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,371(b)	1	,543		
Continuity Correction(a)	,190	1	,663		
Likelihood Ratio	,371	1	,542		
Fisher's Exact Test				,604	,332
Linear-by-Linear Association	,369	1	,544		
N of Valid Cases	180				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 21,76.

Quadro 21. Razão pela qual decidiu prosseguir estudos, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Incentivo de formadores/coordenador de turma/tutor	N	11	2	13
	%	10,2	5,4	9,0
Incentivo de colegas	N	2	1	3
	%	1,9	2,7	2,1
Incentivo de outros familiares	N	3	4	7
	%	2,8	10,8	4,8
O interesse pelas matérias leccionadas	N	13	2	15
	%	12,0	5,4	10,3
Tinha interesse em adquirir uma qualificação superior	N	45	22	67
	%	41,7	59,5	46,2
Estava desempregado e a obtenção de emprego seria mais fácil	N	13	3	16
	%	12,0	8,1	11,0
Estava empregado, mas queria melhorar as condições de trabalho	N	13	0	13
	%	12,0	0,0	9,0
Estava empregado, mas queria mudar de emprego	N	3	2	5
	%	2,8	5,4	3,4
Outro motivo	N	5	1	6
	%	4,6	2,7	4,1
Total	N	108	37	145
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	13,180(a)	8	,106
Likelihood Ratio	15,979	8	,043
Linear-by-Linear Association	,349	1	,554
N of Valid Cases	145		

a 11 cells (61,1%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,77.

4.3- Factores que influenciaram os jovens na opção pelo curso

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,689
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	1652,707
	Df	28
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Vocação/interesse pessoal pelo CURSO	1,000	,706
Gosto pela profissão a que dá acesso	1,000	,693
Aconselhamento da orientação profissional	1,000	,536
Aconselhamento de professores	1,000	,680
Aconselhamento da família	1,000	,523
Aconselhamento dos amigos	1,000	,580
Tradição familiar ou tradição na Região	1,000	,280
Por acaso	1,000	,496

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	2,672	33,401	33,401	2,672	33,401	33,401	2,596	32,456	32,456
2	1,822	22,773	56,174	1,822	22,773	56,174	1,897	23,718	56,174
3	,952	11,895	68,069						
4	,797	9,964	78,033						
5	,636	7,945	85,978						
6	,433	5,414	91,392						
7	,358	4,475	95,867						
8	,331	4,133	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Quadro 22. Rotated Component Matrix(a)

	Componentes	
	Aconselhamento	Vocação
Aconselhamento de professores	,817	,110
Aconselhamento dos amigos	,761	-,010
Aconselhamento da família	,722	,052
Aconselhamento da orientação profissional	,718	,143
Tradição familiar ou tradição na Região	,504	-,159
Vocação/interesse pessoal pelo CURSO	,117	,832
Gosto pela profissão a que dá acesso	,137	,821
Por acaso	,161	-,686

Dimensão 1: Aconselhamento

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,762	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Aconselhamento da orientação profissional	9,10	5,384	,544	,715
Aconselhamento de professores	9,19	4,966	,676	,664
Aconselhamento da família	8,81	5,426	,543	,715
Aconselhamento dos amigos	9,25	5,363	,581	,701
Tradição familiar ou tradição na Região	10,10	6,605	,314	,784

Dimensão 2: Vocação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,752	2

Quadro 23. Grau de importância atribuída à dimensão Aconselhamento, por Modalidade de ensino-formação

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Sistema de Aprendizagem	668	2,3473	,57388	,02220
Ensino Profissional	186	2,2333	,55834	,04094

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Upper	Lower
Equal variances assumed	,145	,704	2,410	852	,016	,11397	,04730	,02113	,20681
Equal variances not assumed			2,447	302,581	,015	,11397	,04657	,02232	,20562

Quadro 24. Grau de importância atribuída à dimensão Vocação, por Modalidade de ensino-formação

	N	Média	Desvio padrão
Sistema de Aprendizagem	690	3,1341	,62524
Ensino Profissional	193	3,2668	,55202

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Upper	Lower
Equal variances assumed	1,179	,278	-2,673	881	,008	-,13278	,04967	-,23028	-,03529
Equal variances not assumed			-2,867	342,234	,004	-,13278	,04632	-,22389	-,04168

4.4- Motivos dos jovens para optar pelo curso

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,701
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	1643,533
	Df	45
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Seguir os colegas mais próximos	1,000	,526
Arranjar emprego com maior facilidade	1,000	,328
Ser mais fácil do que a escola regular	1,000	,631
Ser uma formação prática	1,000	,500
Aprender uma profissão	1,000	,569
Obter um diploma escolar	1,000	,596
Obter um certificado de qualificação profissional	1,000	,679
Retomar os estudos	1,000	,587
Prosseguir os estudos no ensino superior	1,000	,603
Para estar ocupado	1,000	,450

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	2,830	28,304	28,304	2,830	28,304	28,304	2,573	25,734	25,734
2	1,508	15,083	43,386	1,508	15,083	43,386	1,624	16,244	41,977
3	1,131	11,310	54,696	1,131	11,310	54,696	1,272	12,719	54,696
4	,946	9,457	64,153						
5	,838	8,383	72,536						
6	,760	7,601	80,138						
7	,709	7,092	87,230						
8	,554	5,537	92,768						
9	,463	4,631	97,399						
10	,260	2,601	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Quadro 25. Rotated Component Matrix(a)

	Componentes		
	Trabalhadores	Estudantes	Descontraídos
Arranjar emprego com maior facilidade	,563	,039	,099
Ser uma formação prática	,683	-,139	,117
Aprender uma profissão	,751	,026	-,058
Obter um diploma escolar	,725	,265	,000
Obter um certificado de qualificação profissional	,791	,229	-,022
Retomar os estudos	,215	,724	,132
Prosseguir os estudos no ensino superior	,055	,762	-,136
Ser mais fácil do que a escola regular	,147	,016	,781
Seguir os colegas mais próximos	-,041	,127	,713
Para estar ocupado	-,029	,599	,301

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a Rotation converged in 5 iterations.

Dimensão 1: Trabalhadores

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,742	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Arranjar emprego com maior facilidade	13,57	3,859	,381	,742
Ser uma formação prática	13,60	3,812	,432	,722
Aprender uma profissão	13,45	3,685	,531	,687
Obter um diploma escolar	13,57	3,391	,559	,675
Obter um certificado de qualificação profissional	13,44	3,409	,635	,647

Dimensão 2: Estudantes

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,544	2

Dimensão 3: Descontraídos

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,345	2

Quadro 26. Grau de importância atribuída à dimensão Trabalhar, por Modalidade de ensino-formação

	N	Média	Desvio padrão
Sistema de Aprendizagem	677	3,3941	,46163
Ensino Profissional	188	3,3362	,46038

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Upper	Lower
Equal variances assumed	,074	,786	1,523	863	,128	,05792	,03803	-,01673	,13257
Equal variances not assumed			1,525	299,542	,128	,05792	,03798	-,01681	,13265

Quadro 27. Grau de importância atribuída à dimensão Estudar, por Modalidade de ensino-formação

	N	Média	Desvio padrão
Sistema de Aprendizagem	677	2,7489	,82519
Ensino Profissional	187	2,5749	,81469

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Upper	Lower
Equal variances assumed	,019	,890	2,560	862	,011	,17403	,06798	,04059	,30746
Equal variances not assumed			2,578	299,732	,010	,17403	,06749	,04121	,30684

Quadro 28. Grau de importância atribuída à dimensão “Descontraídos”, por Modalidade de ensino-formação

	N	Média	Desvio padrão
Sistema de Aprendizagem	695	1,8288	,61340
Ensino Profissional	191	1,8691	,69102

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Upper	Lower
Equal variances assumed	2,170	,141	-,783	884	,434	-,04033	,05154	-,14149	,06083
Equal variances not assumed			-,731	277,633	,465	-,04033	,05515	-,14890	,06823

4.5- Inserção profissional dos diplomados

Quadro 29. Condição dos diplomados do SA perante o trabalho

	1 mês após o curso		3 meses após o curso		6 meses após o curso		1 ano após o curso	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Desempregado	226	49,7	130	34,7	88	25,4	76	20,3
A trabalhar por conta de outrem, prestador de serviços (recibos verdes) ou outra situação	193	42,4	210	56,0	209	60,4	228	61,0
A trabalhar por conta própria	6	1,3	5	1,3	7	2,0	5	1,3
A estudar	15	3,3	16	4,3	20	5,8	30	8,0
A trabalhar e a estudar	6	1,3	8	2,1	15	4,3	29	7,8
Outra.	9	2,0	6	1,6	7	2,0	6	1,6
Total	455	100,0	375	100,0	346	100,0	374	100,0

Quadro 30. Condição dos diplomados do EP perante o trabalho

	1 mês após o curso		3 meses após o curso		6 meses após o curso		1 ano após o curso	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Desempregado	65	50,0	41	31,5	24	18,9	17	14,4
A trabalhar por conta de outrem, prestador de serviços (recibos verdes) ou outra situação	46	35,4	66	50,8	85	66,9	72	61,0
A trabalhar por conta própria	3	2,3	2	1,5	2	1,6	2	1,7
A estudar	4	3,1	7	5,4	7	5,5	9	7,6
A trabalhar e a estudar	4	3,1	7	5,4	5	3,9	14	11,9
Outra.	8	6,2	7	5,4	4	3,1	4	3,4
Total	130	100,0	130	100,0	127	100,0	118	100,0

Quadro 31. Tempo médio de desemprego (em meses) após o curso (para aqueles que já estiveram desempregados uma ou mais vezes, após o curso), por Modalidade de ensino-formação

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Sistema de Aprendizagem	681	5,68	8,617	,330
Ensino Profissional	193	6,30	10,335	,744

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Upper	Lower
Equal variances assumed	1,460	,227	-,839	872	,402	-,617	,736	-2,062	,827
Equal variances not assumed			-,758	272,135	,449	-,617	,814	-2,220	,985

Quadro 32. Modos de acesso ao emprego (com base no tempo médio de desemprego, em meses), por Modalidade de ensino-formação

	SA		EP	
	N	%	N	%
Acesso directo ao emprego	313	46,0	84	43,5
Passagem por desemprego de curta duração	211	31,0	70	36,3
Passagem por desemprego de longa duração (1 ano ou mais)	157	23,1	39	20,2
Total	681	100,0	193	100,0

Quadro 33. Dificuldades que encontrou/encontra para arranjar emprego, por Modalidade de ensino-formação

		SA	EP	Total
Há falta de emprego na área profissional do meu curso	N	95	24	119
	%	18,4	16,0	17,8
A formação que obtive é pouco valorizada no mercado de emprego	N	30	8	38
	%	5,8	5,3	5,7
Há falta de emprego em geral	N	202	51	253
	%	39,1	34,0	37,9
Os níveis de remuneração que se praticam nos empregos relacionados com a área do meu curso não são aliciantes ao nível das tarefas a executar	N	39	14	53
	%	7,5	9,3	7,9
Os empregos que me têm sido propostos na área do meu curso não são aliciantes ao nível das tarefas a executar	N	13	2	15
	%	2,5	1,3	2,2
A minha situação pessoal não permite aceitar um emprego na área do meu curso	N	4	2	6
	%	0,8	1,3	0,9
Os empregos disponíveis na área do meu curso ficam muito longe da minha residência	N	8	5	13
	%	1,5	3,3	1,9
Não encontrou/encontra dificuldades em arranjar emprego	N	94	33	127
	%	18,2	22,0	19,0
Outra razão.	N	31	11	42
	%	6,0	7,3	6,3
Total	N	517	150	667
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,209(a)	9	,719
Likelihood Ratio	6,225	9	,717
Linear-by-Linear Association	2,756	1	,097
N of Valid Cases	667		

a. 6 cells (30,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,22.

Quadro 34. Condição perante o emprego (no momento da inquirição), por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Desempregado	N	104	32	136
	%	15,9	17,7	16,3
A trabalhar por conta de outrem, prestador de serviços (recibos verdes) ou outra situação	N	456	123	579
	%	69,6	68,0	69,3
A trabalhar por conta própria (empresário)	N	14	6	20
	%	2,1	3,3	2,4
A trabalhar e a estudar	N	46	10	56
	%	7,0	5,5	6,7
A estudar	N	22	5	27
	%	3,4	2,8	3,2
Outra.	N	13	5	18
	%	2,0	2,8	2,2
Total	N	655	181	836
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,191(a)	5	,822
Likelihood Ratio	2,127	5	,831
Linear-by-Linear Association	,071	1	,790
N of Valid Cases	836		

a. 2 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,90.

Quadro 35. Tempo para arranjar emprego, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Antes de terminar o curso	N	117	33	150
	%	17,7	17,8	17,7
Até 1 mês após o curso	N	155	39	194
	%	23,4	21,1	22,9
Entre 1 a 3 meses após o curso	N	142	42	184
	%	21,5	22,7	21,7
Entre 4 a 6 meses após o curso	N	108	35	143
	%	16,3	18,9	16,9
Entre 7 meses a 1 ano após o curso	N	50	19	69
	%	7,6	10,3	8,2
Mais de 1 ano após o curso	N	89	17	106
	%	13,5	9,2	12,5
Total	N	661	185	846
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	4,430(a)	5	,489
Likelihood Ratio	4,508	5	,479
Linear-by-Linear Association	,043	1	,837
N of Valid Cases	846		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 15,09.

Quadro 36. Modo como encontrou o primeiro emprego, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Foi contactado pela entidade empregadora	N	89	30	119
	%	13,8	16,9	14,5
Através de relações pessoais/família	N	235	78	313
	%	36,4	44,1	38,0
Resposta a anúncios	N	97	13	110
	%	15,0	7,3	13,4
Colocação de anúncios	N	13	3	16
	%	2,0	1,7	1,9
Através de um Centro de Emprego	N	55	9	64
	%	8,5	5,1	7,8
Através da empresa em que fez formação prática	N	110	29	139
	%	17,0	16,4	16,9
Criou o próprio emprego	N	7	2	9
	%	1,1	1,1	1,1
Outra	N	40	13	53
	%	6,2	7,3	6,4
Total	N	646	177	823
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,740(a)	7	,109
Likelihood Ratio	12,735	7	,079
Linear-by-Linear Association	,921	1	,337
N of Valid Cases	823		

a 2 cells (12,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,94.

Quadro 37. Número de empregos após a conclusão do curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
1 emprego	N	348	71	419
	%	53,1	39,2	50,1
2 empregos	N	186	62	248
	%	28,4	34,3	29,7
3 empregos	N	81	32	113
	%	12,4	17,7	13,5
Mais de 3 empregos	N	40	16	56
	%	6,1	8,8	6,7
Total	N	655	181	836
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,652(a)	3	,009
Likelihood Ratio	11,630	3	,009
Linear-by-Linear Association	10,146	1	,001
N of Valid Cases	836		

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 12,12.

Quadro 38. Número de empregos após a conclusão do curso, por Exercício de uma profissão relacionada com a área de formação do curso – SA

			Número de empregos após a conclusão do curso			Total
			1 emprego	2 empregos	3 empregos	
Exercício de uma profissão relacionada com a área de formação do curso	Sim	N	217	130	77	424
		%	51,2	30,7	18,2	100,0
	Não	N	126	55	43	224
		%	56,3	24,6	19,2	100,0
Total		N	343	185	120	648
		%	52,9	28,5	18,5	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,711(a)	2	,258
Likelihood Ratio	2,752	2	,253
Linear-by-Linear Association	,400	1	,527
N of Valid Cases	648		

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 41,48.

Quadro 39. Número de empregos após a conclusão do curso, por Exercício de uma profissão relacionada com a área de formação do curso – EP

			Número de empregos após a conclusão do curso			Total
			1 emprego	2 empregos	3 empregos	
Exercício de uma profissão relacionada com a área de formação do curso	Sim	N	29	43	32	104
		%	27,9	41,3	30,8	100,0
	Não	N	41	19	16	76
		%	53,9	25,0	21,1	100,0
Total		N	70	62	48	180
		%	38,9	34,4	26,7	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	12,631(a)	2	,002
Likelihood Ratio	12,668	2	,002
Linear-by-Linear Association	8,726	1	,003
N of Valid Cases	180		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 20,27.

Quadro 40. Número de empregos após a conclusão do curso, por escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego – SA

			Número de empregos após a conclusão do curso			Total
			1 emprego	2 empregos	3 empregos	
escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego	Até 400 €	N	117	85	65	267
		%	43,8	31,8	24,3	100,0
	Entre 401 e 800 €	N	200	89	45	334
		%	59,9	26,6	13,5	100,0
	Entre 801 e 1200	N	12	8	6	26
		%	46,2	30,8	23,1	100,0
Total		N	329	182	116	627
		%	52,5	29,0	18,5	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	18,691(a)	4	,001
Likelihood Ratio	18,779	4	,001
Linear-by-Linear Association	10,788	1	,001
N of Valid Cases	627		

a. 1 cells (11,1%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,81.

Quadro 41. Número de empregos após a conclusão do curso, por escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego – EP

			Número de empregos após a conclusão do curso			Total
			1 emprego	2 empregos	3 empregos	
escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego	Até 400 €	N	25	33	20	78
		%	32,1	42,3	25,6	100,0
	Entre 401 e 800 €	N	39	26	27	92
		%	42,4	28,3	29,3	100,0
	Entre 801 e 1200	N	1	1	1	3
		%	33,3	33,3	33,3	100,0
Total		N	65	60	48	173
		%	37,6	34,7	27,7	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,862(a)	4	,425
Likelihood Ratio	3,861	4	,425
Linear-by-Linear Association	,179	1	,672
N of Valid Cases	173		

a. 3 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,83.

Quadro 42. Exercício de uma profissão relacionada com a área de formação do curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Sim	N	430	108	538
	%	65,1	58,1	63,5
Não	N	231	78	309
	%	34,9	41,9	36,5
Total	N	661	186	847
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,059(b)	1	,080		
Continuity Correction(a)	2,765	1	,096		
Likelihood Ratio	3,019	1	,082		
Fisher's Exact Test				,085	,049
Linear-by-Linear Association	3,056	1	,080		
N of Valid Cases	847				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 67,86.

Quadro 43. Principal razão para nunca ter exercido uma profissão relacionada com o curso (para aqueles que responderam que nunca tinham exercido uma profissão relacionada com a área do curso), por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Há falta de emprego na área profissional do meu curso	N	115	34	149
	%	52,3	47,2	51,0
Os níveis de remuneração que se praticam nos empregos relacionados com a área do meu curso são baixos	N	21	8	29
	%	9,5	11,1	9,9
Os empregos que me têm sido propostos na área do meu curso não oferecem condições aliciantes ao nível das tarefas a executar	N	20	2	22
	%	9,1	2,8	7,5
A minha situação pessoal não permite aceitar um emprego na área do meu curso	N	13	3	16
	%	5,9	4,2	5,5
Os empregos disponíveis na área do meu curso ficam muito longe da minha residência	N	9	10	19
	%	4,1	13,9	6,5
Outras razões	N	42	15	57
	%	19,1	20,8	19,5
Total	N	220	72	292
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,663(a)	5	,040
Likelihood Ratio	11,141	5	,049
Linear-by-Linear Association	1,321	1	,250
N of Valid Cases	292		

Quadro 44. Profissão dos diplomados do SA no primeiro e actual (último) emprego

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Ajudantes/aprendizes de áreas técnicas	21	3,2	9	1,5
Ajudantes/auxiliares de educação, saúde e outros serviços sociais	40	6,1	44	7,4
Empregados do comércio, restauração, serviços e vendedores	158	24,2	144	24,1
Empregados dos serviços administrativos, contabilidade, banca e seguros	129	19,8	108	18,1
Operário(a) agrícola/corticeiro	6	0,9	3	0,5
Operário(a) fabril	42	6,4	51	8,5
Técnicos analistas, de laboratório e farmácia	14	2,1	5	0,8
Técnicos da área da construção civil	22	3,4	14	2,3
Técnicos de electricidade, electrónica, mecatrónica, gás, elevadores, frio, climatização	58	8,9	59	9,9
Técnicos de produção, máquinas, manutenção e instrumentação	35	5,4	32	5,4
Técnicos dos serviços (turismo, agente de viagens, gestão postal, militar/GNR, apoio domiciliário)	10	1,5	21	3,5
Técnicos especialistas em serviços de apoio à actividade económica (qualidade, contabilidade, desenho gráfico, desenho, designer, informática, impressão)	71	10,9	60	10,0
Trabalhadores indiferenciados e não qualificados	27	4,1	23	3,8
Empresários/Gerentes	9	1,4	12	2,0
Não específica	10	1,5	10	1,7
Estudante	0	0,0	3	0,5
Total	652	100,0	598	100,0

Quadro 45. Profissão dos diplomados do EP no primeiro e actual (último) emprego

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Ajudantes/aprendizes de áreas técnicas	3	1,6	3	1,7
Ajudantes/auxiliares de educação, saúde e outros serviços sociais	7	3,8	6	3,3
Empregados do comércio, restauração, serviços e vendedores	80	43,0	66	36,7
Empregados dos serviços administrativos, contabilidade, banca e seguros	27	14,5	29	16,1
Operário(a) agrícola/corticeiro	0	0,0	1	0,6
Operário(a) fabril	11	5,9	12	6,7
Técnicos da área da construção civil	4	2,2	2	1,1
Técnicos de electricidade, electrónica, mecatrónica, gás, electricidade	15	8,1	14	7,8
Técnicos de produção, máquinas, manutenção e instrumentação	4	2,2	3	1,7
Técnicos dos serviços (turismo, agente de viagens, gestão postal, militar/GNR, apoio domiciliário)	6	3,2	12	6,7
Técnicos especialistas em serviços de apoio à actividade económica (qualidade, contabilidade, desenho gráfico, desenho, designer, informática, impressão)	18	9,7	21	11,7
Trabalhadores indiferenciados e não qualificados	9	4,8	6	3,3
Empresários/Gerentes	2	1,1	3	1,7
Não específica	0	0,0	2	1,1
Total	186	100,0	180	100,0

Quadro 46. Profissão dos diplomados do SA no primeiro e actual (último) emprego, segundo a CNP

Profissão do primeiro emprego (segundo CNP)		Profissão do actual/último emprego (segundo CNP)							Total
		Quadros superiores da Adm. Pública/Dirigentes/Quadros superiores Empresas	Técnicos e profissionais de nível intermédio	Pessoal dos serviços e vendedores	Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	Operários, artífices e trabalhadores similares	Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	Trabalhadores não qualificados	
Quadros superiores da Adm. Pública/Dirigentes/Quadros superiores Empresas	N	6	0	3	0	0	0	0	9
	%	66,7	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Técnicos e profissionais de nível intermédio	N	1	97	17	0	6	1	2	124
	%	0,8	78,2	13,7	0,0	4,8	0,8	1,6	100,0
Pessoal dos serviços e vendedores	N	4	16	286	0	12	2	6	326
	%	1,2	4,9	87,7	0,0	3,7	0,6	1,8	100,0
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	N	0	1	1	3	1	0	0	6
	%	0,0	16,7	16,7	50,0	16,7	0,0	0,0	100,0
Operários, artífices e trabalhadores similares	N	1	4	8	0	39	4	0	56
	%	1,8	7,1	14,3	0,0	69,6	7,1	0,0	100,0
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	N	0	3	2	0	1	25	1	32
	%	0,0	9,4	6,3	0,0	3,1	78,1	3,1	100,0
Trabalhadores não qualificados	N	0	2	5	0	1	0	14	22
	%	0,0	9,1	22,7	0,0	4,5	0,0	63,6	100,0
Total	N	12	123	322	3	60	32	23	575
	%	2,1	21,4	56,0	0,5	10,4	5,6	4,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1582,184(a)	36	,000
Likelihood Ratio	709,147	36	,000
Linear-by-Linear Association	262,649	1	,000
N of Valid Cases	575		

a 32 cells (65,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,03.

Quadro 47. Profissão dos diplomados do EP no primeiro e actual (último) emprego, segundo a CNP

Profissão do primeiro emprego (segundo CNP)		Profissão do actual/último emprego (segundo CNP)							Total
		Quadros superiores da Adm.Pública/Dirigentes/Quadros superiores Empresas	Técnicos e profissionais de nível intermédio	Pessoal dos serviços e vendedores	Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	Operários, artífices e trabalhadores similares	Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	Trabalhadores não qualificados	
Quadros superiores da Adm.Pública/Dirigentes/Quadros superiores Empresas	N	1	0	1	0	0	0	0	2
	%	50,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Técnicos e profissionais de nível intermédio	N	0	27	5	0	1	0	0	33
	%	0,0	81,8	15,2	0,0	3,0	0,0	0,0	100,0
Pessoal dos serviços e vendedores	N	2	5	100	0	6	1	2	116
	%	1,7	4,3	86,2	0,0	5,2	0,9	1,7	100,0
Operários, artífices e trabalhadores similares	N	0	0	5	1	8	0	0	14
	%	0,0	0,0	35,7	7,1	57,1	0,0	0,0	100,0
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	N	0	2	0	0	0	2	0	4
	%	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	100,0
Trabalhadores não qualificados	N	0	1	4	0	0	0	4	9
	%	0,0	11,1	44,4	0,0	0,0	0,0	44,4	100,0
Total	N	3	35	115	1	15	3	6	178
	%	1,7	19,7	64,6	0,6	8,4	1,7	3,4	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	298,316(a)	30	,000
Likelihood Ratio	163,007	30	,000
Linear-by-Linear Association	55,879	1	,000
N of Valid Cases	178		

a 32 cells (83,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,01.

Quadro 48. Dimensão da empresa onde os diplomados do SA começaram a trabalhar após a conclusão do curso e onde trabalharam pela última vez

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
1 a 4 trabalhadores	151	23,2	107	18,1
5 a 9 trabalhadores	114	17,5	84	14,2
10 a 49 trabalhadores	156	24,0	142	24,0
50 a 249 trabalhadores	108	16,6	117	19,8
Mais de 250 trabalhadores	121	18,6	141	23,9
Total	650	100,0	591	100,0

Quadro 49. Dimensão da empresa onde os diplomados do EP começaram a trabalhar após a conclusão do curso e onde trabalharam pela última vez

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
1 a 4 trabalhadores	39	21,4	34	19,0
5 a 9 trabalhadores	32	17,6	16	8,9
10 a 49 trabalhadores	51	28,0	50	27,9
50 a 249 trabalhadores	24	13,2	30	16,8
Mais de 250 trabalhadores	36	19,8	49	27,4
Total	182	100,0	179	100,0

Quadro 50. Dimensão da empresa onde os diplomados começaram a trabalhar após a conclusão do curso, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
1 a 4 trabalhadores	N	151	40	191
	%	23,2	21,9	22,9
5 a 9 trabalhadores	N	114	32	146
	%	17,5	17,5	17,5
10 a 49 trabalhadores	N	156	51	207
	%	24,0	27,9	24,8
50 a 249 trabalhadores	N	109	24	133
	%	16,7	13,1	15,9
Mais de 250 trabalhadores	N	121	36	157
	%	18,6	19,7	18,8
Total	N	651	183	834
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,258(a)	4	,688
Likelihood Ratio	2,290	4	,683
Linear-by-Linear Association	,011	1	,916
N of Valid Cases	834		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 29,18.

Quadro 51. Dimensão da empresa onde os diplomados trabalharam pela última vez, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
1 a 4 trabalhadores	N	107	35	142
	%	18,1	19,4	18,4
5 a 9 trabalhadores	N	84	16	100
	%	14,2	8,9	13,0
10 a 49 trabalhadores	N	143	50	193
	%	24,2	27,8	25,0
50 a 249 trabalhadores	N	117	30	147
	%	19,8	16,7	19,0
Mais de 250 trabalhadores	N	141	49	190
	%	23,8	27,2	24,6
Total	N	592	180	772
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	5,204(a)	4	,267
Likelihood Ratio	5,457	4	,244
Linear-by-Linear Association	,270	1	,603
N of Valid Cases	772		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 23,32.

Quadro 52. Ramo de actividade económica da empresa onde os diplomados do SA começaram a trabalhar após a conclusão do curso e onde trabalharam pela última vez

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Agricultura, produção animal, caça e silvicultura e pescas	11	1,8	8	1,4
Indústria extractiva	15	2,4	12	2,1
Indústria transformadora	125	20,3	111	19,4
Produção e distribuição de electricidade, gás e água	16	2,6	13	2,3
Construção	38	6,2	32	5,6
Comércio, serviços de reparação (inclui reparação automóvel)	117	19,0	100	17,5
Alojamento e restauração (ex. hotéis, restaurantes, cafés)	40	6,5	28	4,9
Transportes, armazenagem e comunicações	36	5,9	38	6,7
Actividades financeiras (ex. bancos e seguros)	29	4,7	26	4,6
Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas (ex: contabilidade, informática, publicidade, segurança, limpeza)	70	11,4	66	11,6
Administração pública, defesa e segurança social	25	4,1	28	4,9
Educação (ex. estabelecimentos de ensino, pré-escolas)	25	4,1	29	5,1
Saúde e acção social (ex. hospitais, consultórios médicos, lares e creches)	35	5,7	42	7,4
Outros serviços colectivos, sociais e pessoais (ex. cabeleireiro, lavandarias, ginásios, termas, bibliotecas, museus)	33	5,4	38	6,7
Total	615	100,0	571	100,0

Quadro 53. Ramo de actividade económica da empresa onde os diplomados do EP começaram a trabalhar após a conclusão do curso e onde trabalharam pela última vez

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Agricultura, produção animal, caça e silvicultura e pescas	0	0,0	2	1,2
Indústria extractiva	4	2,3	1	,6
Indústria transformadora	21	12,1	17	9,9
Produção e distribuição de electricidade, gás e água	8	4,6	3	1,7
Construção	7	4,0	8	4,7
Comércio, serviços de reparação (inclui reparação automóvel)	36	20,8	30	17,4
Alojamento e restauração (ex. hotéis, restaurantes, cafés)	39	22,5	30	17,4
Transportes, armazenagem e comunicações	6	3,5	19	11,0
Actividades financeiras (ex. bancos e seguros)	5	2,9	8	4,7
Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas (ex: contabilidade, informática, publicidade, segurança, limpeza)	17	9,8	16	9,3
Administração pública, defesa e segurança social	7	4,0	13	7,6
Educação (ex. estabelecimentos de ensino, pré-escolas)	4	2,3	3	1,7
Saúde e acção social (ex. hospitais, consultórios médicos, lares e creches)	10	5,8	12	7,0
Outros serviços colectivos, sociais e pessoais (ex. cabeleireiro, lavandarias, ginásios, termas, bibliotecas, museus)	9	5,2	10	5,8
Total	173	100,0	172	100,0

Quadro 54. Ramo de actividade económica da empresa do 1.º emprego dos diplomados, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Agricultura, produção animal, caça e silvicultura e pescas	N	11	0	11
	%	1,8	0,0	1,4
Indústria extractiva	N	15	4	19
	%	2,4	2,3	2,4
Indústria transformadora	N	125	21	146
	%	20,3	12,1	18,5
Produção e distribuição de electricidade, gás e água	N	16	8	24
	%	2,6	4,6	3,0
Construção	N	38	7	45
	%	6,2	4,0	5,7
Comércio, serviços de reparação (inclui reparação automóvel)	N	117	36	153
	%	19,0	20,8	19,4
Alojamento e restauração (ex. hotéis, restaurantes, cafés)	N	40	39	79
	%	6,5	22,5	10,0
Transportes, armazenagem e comunicações	N	36	6	42
	%	5,9	3,5	5,3
Actividades financeiras (ex. bancos e seguros)	N	29	5	34
	%	4,7	2,9	4,3
Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas (ex: contabilidade, informática, publicidade, segurança, limpeza)	N	70	17	87
	%	11,4	9,8	11,0
Administração pública, defesa e segurança social	N	25	7	32
	%	4,1	4,0	4,1
Educação (ex. estabelecimentos de ensino, pré-escolas)	N	25	4	29
	%	4,1	2,3	3,7
Saúde e acção social (ex. hospitais, consultórios médicos, lares e creches)	N	35	10	45
	%	5,7	5,8	5,7
Outros serviços colectivos, sociais e pessoais (ex. cabeleireiro lavandarias, ginásios, termas, bibliotecas, museus)	N	33	9	42
	%	5,4	5,2	5,3
Total	N	615	173	788
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	49,661(a)	13	,000
Likelihood Ratio	46,762	13	,000
Linear-by-Linear Association	,459	1	,498
N of Valid Cases	788		

a. 2 cells (7,1%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,41.

Quadro 55. Ramo de actividade económica da empresa do último emprego dos diplomados, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Agricultura, produção animal, caça e silvicultura e pescas	N	8	2	10
	%	1,4	1,2	1,3
Indústria extractiva	N	12	1	13
	%	2,1	0,6	1,7
Indústria transformadora	N	111	17	128
	%	19,4	9,9	17,2
Produção e distribuição de electricidade, gás e água	N	13	3	16
	%	2,3	1,7	2,2
Construção	N	32	8	40
	%	5,6	4,7	5,4
Comércio, serviços de reparação (inclui reparação automóvel)	N	100	30	130
	%	17,5	17,4	17,5
Alojamento e restauração (ex. hotéis, restaurantes, cafés)	N	28	30	58
	%	4,9	17,4	7,8
Transportes, armazenagem e comunicações	N	38	19	57
	%	6,7	11,0	7,7
Actividades financeiras (ex. bancos e seguros)	N	26	8	34
	%	4,6	4,7	4,6
Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas (ex: contabilidade, informática, publicidade, segurança, limpeza)	N	66	16	82
	%	11,6	9,3	11,0
Administração pública, defesa e segurança social	N	28	13	41
	%	4,9	7,6	5,5
Educação (ex. estabelecimentos de ensino, pré-escolas)	N	29	3	32
	%	5,1	1,7	4,3
Saúde e acção social (ex. hospitais, consultórios médicos, lares e creches)	N	42	12	54
	%	7,4	7,0	7,3
Outros serviços colectivos, sociais e pessoais (ex. cabeleireiro lavandarias, ginásios, termas, bibliotecas, museus)	N	38	10	48
	%	6,7	5,8	6,5
Total	N	571	172	743
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	45,032(a)	13	,000
Likelihood Ratio	42,364	13	,000
Linear-by-Linear Association	1,216	1	,270
N of Valid Cases	743		

a. 3 cells (10,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,31.

Quadro 56. Vínculo contratual dos diplomados do SA no primeiro e actual (último) emprego

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Contrato de trabalho sem termo (efectivo)	216	34,0	303	51,1
Contrato de trabalho com termo (a prazo)	313	49,2	237	40,0
Prestação de serviços (recibos verdes)	42	6,6	25	4,2
Contrato de estágio	49	7,7	24	4,0
Sem contrato	16	2,5	4	0,7
Total	636	100,0	593	100,0

Quadro 57. Vínculo contratual dos diplomados do EP no primeiro e actual (último) emprego

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Contrato de trabalho sem termo (efectivo)	52	29,4	76	42,9
Contrato de trabalho com termo (a prazo)	93	52,5	92	52,0
Prestação de serviços (recibos verdes)	14	7,9	6	3,4
Contrato de estágio	14	7,9	2	1,1
Sem contrato	4	2,3	1	0,6
Total	177	100,0	177	100,0

Quadro 58. Vínculo contratual dos diplomados no 1.º emprego, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Contrato de trabalho sem termo (efectivo)	N	216	52	268
	%	34,0	29,4	33,0
Contrato de trabalho com termo (a prazo)	N	313	93	406
	%	49,2	52,5	49,9
Prestação de serviços (recibos verdes)	N	42	14	56
	%	6,6	7,9	6,9
Contrato de estágio	N	49	14	63
	%	7,7	7,9	7,7
Sem contrato	N	16	4	20
	%	2,5	2,3	2,5
Total	N	636	177	813
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,577(a)	4	,813
Likelihood Ratio	1,587	4	,811
Linear-by-Linear Association	,456	1	,500
N of Valid Cases	813		

a 1 cells (10,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,35.

Quadro 59. Vínculo contratual dos diplomados no actual (último) emprego, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Contrato de trabalho sem termo (efectivo)	N	303	76	379
	%	51,1	42,9	49,2
Contrato de trabalho com termo (a prazo)	N	237	92	329
	%	40,0	52,0	42,7
Prestação de serviços (recibos verdes)	N	25	6	31
	%	4,2	3,4	4,0
Contrato de estágio	N	24	2	26
	%	4,0	1,1	3,4
Sem contrato	N	4	1	5
	%	0,7	0,6	0,6
Total	N	593	177	770
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,138(a)	4	,038
Likelihood Ratio	10,880	4	,028
Linear-by-Linear Association	,031	1	,859
N of Valid Cases	770		

a. 2 cells (20,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,15.

Quadro 60. Escalão de remuneração líquida auferida pelos diplomados do SA no primeiro e actual (último) emprego

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Até 400 €	274	42,7	124	20,8
Entre 401 e 800 €	341	53,2	410	68,8
Entre 801 e 1200	22	3,4	54	9,1
Entre 1201 e 1600 €	3	0,5	6	1,0
Mais de 1600 €	1	0,2	2	0,3
Total	641	100,0	596	100,0

Quadro 61. Escalão de remuneração líquida auferida pelos diplomados do EP no primeiro e actual (último) emprego

	1.º emprego		actual/último	
	N	%	N	%
Até 400 €	82	45,3	36	20,1
Entre 401 e 800 €	96	53,0	122	68,2
Entre 801 e 1200	3	1,7	18	10,1
Entre 1201 e 1600 €	0	0,0	2	1,1
Mais de 1600 €	0	0,0	1	0,6
Total	181	100,0	179	100,0

Quadro 62. Escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Até 400 €	N	275	82	357
	%	42,8	45,1	43,3
Entre 401 e 800 €	N	341	97	438
	%	53,1	53,3	53,2
Entre 801 e 1200 €	N	22	3	25
	%	3,4	1,6	3,0
Entre 1201 e 1600 €	N	3	0	3
	%	0,5	0,0	0,4
Mais de 1600 €	N	1	0	1
	%	0,2	0,0	0,1
Total	N	642	182	824
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,774(a)	4	,596
Likelihood Ratio	3,854	4	,426
Linear-by-Linear Association	1,231	1	,267
N of Valid Cases	824		

a. 4 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,22.

Quadro 63. Escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual, por Modalidade de ensino-formação

		Sistema de Aprendizagem	Ensino Profissional	Total
Até 400 €	N	124	37	161
	%	20,8	20,6	20,7
Entre 401 e 800 €	N	411	122	533
	%	68,8	67,8	68,6
Entre 801 e 1200 €	N	54	18	72
	%	9,0	10,0	9,3
Entre 1201 e 1600 €	N	6	2	8
	%	1,0	1,1	1,0
Mais de 1600 €	N	2	1	3
	%	0,3	0,6	0,4
Total	N	597	180	777
	%	100,0	100,0	100,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	,351(a)	4	,986
Likelihood Ratio	,335	4	,987
Linear-by-Linear Association	,156	1	,693
N of Valid Cases	777		

a. 3 cells (30,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,69.

Quadro 64. Grau de satisfação face à situação profissional actual, por Modalidade de ensino-formação

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Sistema de Aprendizagem	646	2,87	1,177	,046
Ensino Profissional	180	2,76	1,217	,091

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Upper	Lower
Equal variances assumed	,842	,359	1,098	824	,272	,110	,100	-,086	,306
Equal variances not assumed			1,078	279,117	,282	,110	,102	-,091	,310

Quadro 65. Apreciação dos diplomados acerca da utilidade do curso, por Modalidade de ensino-formação

		N	Média	Desvio padrão
O meu curso contribuiu para a obtenção do meu emprego actual/último emprego.	Sistema de Aprendizagem	664	2,82	1,219
	Ensino Profissional	182	2,48	1,220
As funções que desempenho actualmente/último emprego estão de acordo com a formação adquirida.	Sistema de Aprendizagem	660	2,52	1,177
	Ensino Profissional	182	2,23	1,146
As aprendizagens desenvolvidas na formação em sala têm sido aplicadas na minha actividade profissional.	Sistema de Aprendizagem	659	2,47	1,058
	Ensino Profissional	184	2,28	1,049
As aprendizagens desenvolvidas na formação em contexto de trabalho têm sido aplicadas na minha actividade profissional.	Sistema de Aprendizagem	657	2,60	1,131
	Ensino Profissional	183	2,20	1,093

Nota: Valor médio de uma escala que varia entre 1 e 4, sendo 1 a apreciação mais negativa e 4 a mais positiva.

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
O meu curso contribuiu de alguma forma para a obtenção do meu emprego actual/último emprego?	Equal variances assumed	1,145	,285	3,277	844	,001	,334	,102	,134	,534
	Equal variances not assumed			3,275	287,684	,001	,334	,102	,133	,535
As funções que desempenho actualmente/último emprego estão de acordo com a formação adquirida?	Equal variances assumed	,395	,530	2,958	840	,003	,290	,098	,098	,482
	Equal variances not assumed			3,003	294,725	,003	,290	,097	,100	,480
As aprendizagens desenvolvidas na formação em sala têm sido aplicadas na minha actividade profissional?	Equal variances assumed	,047	,828	2,168	841	,030	,191	,088	,018	,364
	Equal variances not assumed			2,178	295,094	,030	,191	,088	,018	,363
As aprendizagens desenvolvidas na formação em contexto de trabalho têm sido aplicadas na minha actividade profissional?	Equal variances assumed	,450	,502	4,267	838	,000	,401	,094	,216	,585
	Equal variances not assumed			4,350	299,336	,000	,401	,092	,219	,582

4.5- Análise de Correspondências Múltiplas

Perfis-tipo de primo inserção SA

Credit

Multiple Correspondence
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Valid Active Cases	594
Active Cases with Missing Values	88
Supplementary Cases	0
Total	682
Cases Used in Analysis	682

Área de Estudo

		Frequency
Valid	Artes	20
	CEmpresa	204
	Informática	88
	Eng ^a	218
	Ind.Transf.	10
	Arquit/Const	20
	Agric/silvic/pesca	19
	Saúde	7
	SPessoais	95
	Total	681
Missing ^b	System	1
	Total	1
Total		682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Sexo

		Frequency
Valid	Masculino ^a	367
	Feminino	314
	Total	681
Missing ^b	System	1
	Total	1
Total		682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Tempo para arranjar emprego

		Frequency
Valid	Antes curso	117
	1º mês ^a	155
	1-3 mês	142
	4-6 mês	108
	7-12mês	50
	+1ano	89
	Total	661
Missing ^b	System	21
	Total	21
Total		682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Meio como encontrou o primeiro emprego

		Frequency
Valid	EEmpregadora	89
	Pessoal/família ^a	235
	Resposta anúncio	110
	C.Emprego	55
	Empresa fez formação	110
	Outra	47
	Total	646
Missing ^b	System	36
	Total	36
Total		682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Dimensão da empresa onde começou a trabalhar após a conclusão do curso

		Frequency
Valid	1-4Tr	151
	5-9 Tr	114
	10-49 Tr ^a	156
	50-249 Tr	108
	+250 Tr	121
	Total	650
Missing ^b	System	32
	Total	32
Total		682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

vínculo contratual no 1.º emprego

		Frequency
Valid	SemTermo	216
	ComTermo ^a	313
	Prest.Serviço	42
	C.Estágio	65
	Total	636
Missing ^b	System	46
	Total	46
Total		682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

escalon de remuneração líquida auferido no 1.  emprego

	Frequency
Valid	
- 400 �	274
401-800 � ^a	341
+ 801 �	26
Total	641
Missing ^b	
System	41
Total	41
Total	682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Iteration History

	Variance Accounted For		
Iteration Number	Total	Increase	Loss
33 ^a	1,955378	,000009	5,044622

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

Model Summary

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,629	2,168	,310
2	,497	1,742	,249
Total		3,911	,559
Mean	,570 ^a	1,955	,279

a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

Quantificações

Área de Estudo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Artes	20	,399	,655
CEmpresa	204	-,646	,246
Informática	88	-,159	-,671
Eng	218	,932	-,060
Ind.Transf.	10	,128	,683
Arquit/Const	20	1,112	-1,118
Agric/silvic/pesca	19	-,471	-,265
Saúde	7	,034	3,242
SPessoais	95	-,917	,033
Missing	1		

Variable Principal Normalization.

Sexo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Masculino	367	,670	-,212
Feminino	314	-,805	,236
Missing	1		

Variable Principal Normalization.

Tempo para arranjar emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Antes curso	117	,804	1,195
1º mês	155	,371	,274
1-3 mês	142	-,350	-,267
4-6 mês	108	-,020	-,983
7-12mês	50	-,572	-,571
+1ano	89	-,828	-,112
Missing	21		

Variable Principal Normalization.

Meio como encontrou o primeiro emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
EEmpregadora	89	,397	,340
Pessoal/família	235	-,110	-,433
Resposta anúncio	110	-,487	-,631
C.Emprego	55	-1,195	,135
Empresa fez formação	110	,919	1,084
Outra	47	,285	,469
Missing	36		

Variable Principal Normalization.

Dimensão da empresa onde começou a trabalhar

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
1-4Tr	151	-,638	,463
5-9 Tr	114	-,315	,179
10-49 Tr	156	,198	,289
50-249 Tr	108	,480	-,200
+250 Tr	121	,438	-,928
Missing	32		

Variable Principal Normalization.

vínculo contratual no 1.º emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
SemTermo	216	,034	,599
ComTermo	313	,057	-,420
Prest.Serviço	42	-,456	-1,088
C.Estágio	65	-,022	,709
Missing	46		

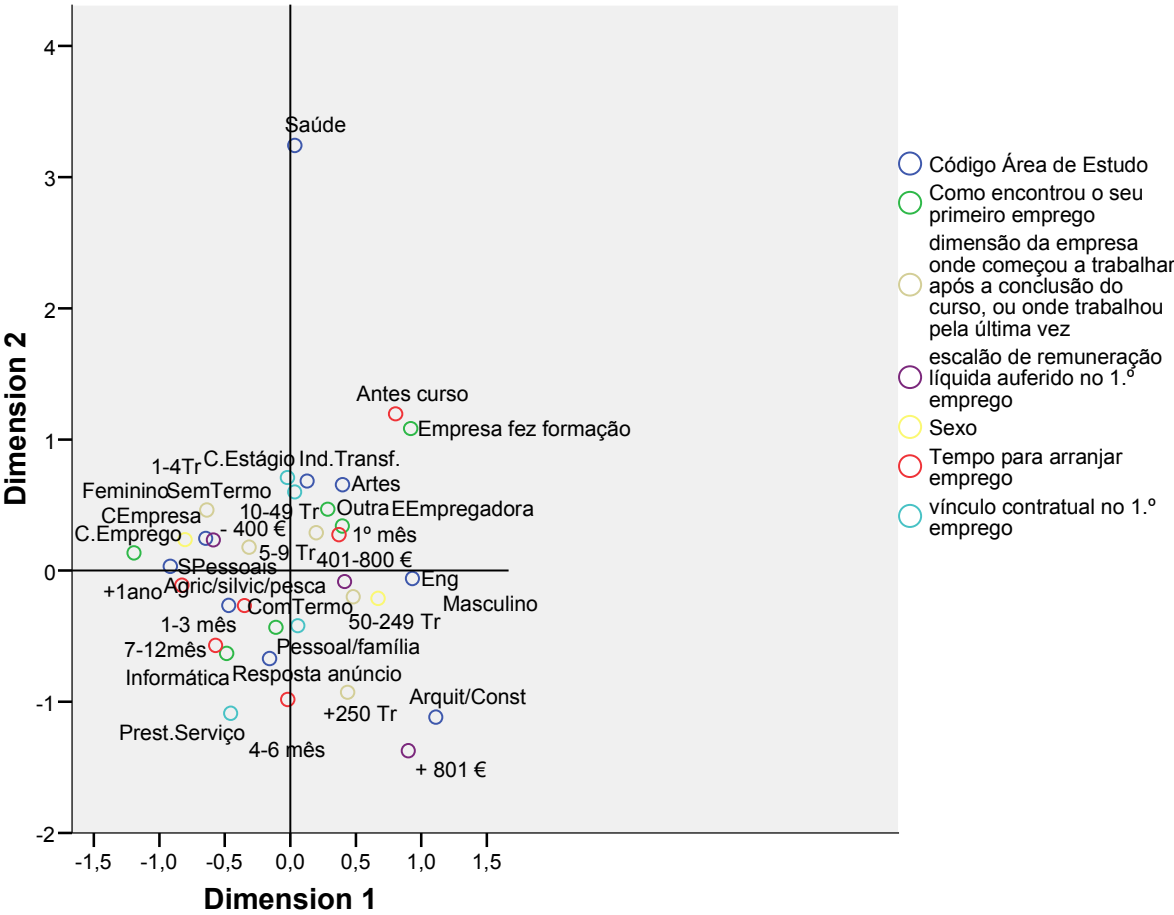
Variable Principal Normalization.

escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
- 400 €	274	-,588	,235
401-800 €	341	,415	-,084
+ 801 €	26	,901	-1,374
Missing	41		

Variable Principal Normalization.



Correlations Transformed Variables

Dimension: 1

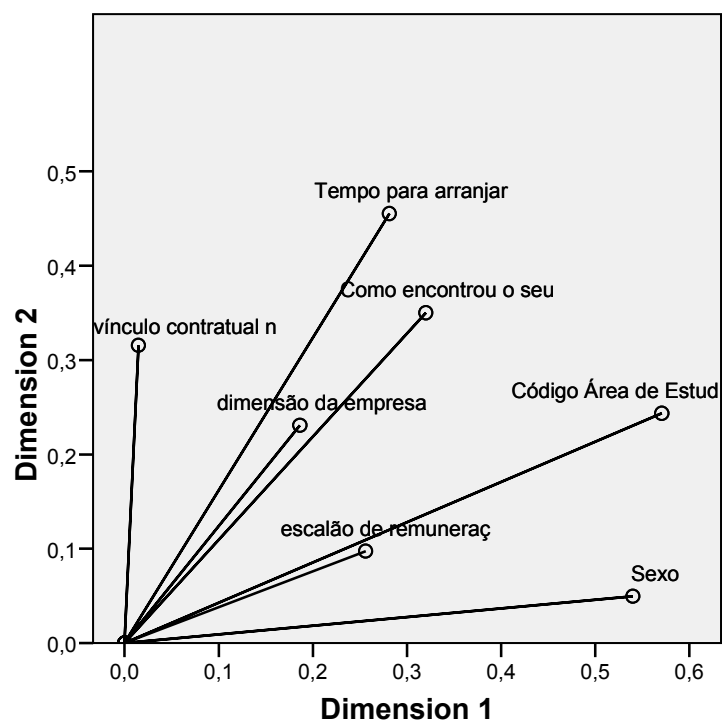
	Área de Estudo	Sexo	Tempo para arranjar emprego	Meio como encontrou o primeiro emprego	dimensão da empresa onde começou a trabalhar	vínculo contratual no 1.º emprego	escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego
Código Área de Estudo	1,000	,570	,125	,202	,194	,050	,168
Sexo ^a	,570	1,000	,157	,135	,143	,035	,190
Tempo para arranjar emprego	,125	,157	1,000	,435	,010	,107	,144
Como encontrou o seu primeiro emprego	,202	,135	,435	1,000	,118	,026	,146
dimensão da empresa onde começou a trabalhar após a conclusão do curso, ou onde trabalhou pela última vez	,194	,143	,010	,118	1,000	,035	,299
vínculo contratual no 1.º emprego	,050	,035	,107	,026	,035	1,000	-,017
escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego	,168	,190	,144	,146	,299	-,017	1,000
Dimension	1	2	3	4	5	6	7
Eigenvalue	2,051	1,225	1,070	,987	,715	,541	,411

a. Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

Medidas de Discriminação

Discrimination Measures

	Dimension		Mean
	1	2	
Área de Estudo	,571	,243	,407
Sexo	,540	,050	,295
Tempo para arranjar emprego	,281	,455	,368
Meio como encontrou o primeiro emprego	,320	,350	,335
Dimensão da empresa onde começou a trabalhar	,186	,231	,209
vínculo contratual no 1.º emprego	,015	,316	,165
escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego	,256	,098	,177
Active Total	2,168	1,742	1,955



Variable Principal Normalization.

Perfis-tipo de primo inserção EP

Credit

Multiple Correspondence
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Valid Active Cases	160
Active Cases with Missing Values	33
Supplementary Cases	0
Total	193
Cases Used in Analysis	193

Área de Estudo

	Frequency
Valid CEmpresa	41
Informática ^a	73
Eng	28
SPessoais	51
Total	193

a. Mode.

Sexo

	Frequency
Valid Masculino ^a	113
Feminino	80
Total	193

a. Mode.

Tempo para arranjar emprego

	Frequency
Valid Antes curso	33
1º mês	39
1-3 mês ^a	42
4-6 mês	35
7-12mês	19
+1ano	17
Total	185
Missing ^b System	8
Total	8
Total	193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Meio como encontrou o primeiro emprego

	Frequency
Valid EEmpregadora	30
Pessoal/família ^a	78
Resposta anúncio	16
C.Emprego	9
Empresa fez formação	29
Outra	15
Total	177
Missing ^b System	16
Total	16
Total	193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Dimensão da empresa onde começou a trabalhar

	Frequency
Valid 1-4 Tr	39
5-9 Tr	32
10-49 Tr ^a	51
50-249 Tr	24
+250 Tr	36
Total	182
Missing ^b System	11
Total	11
Total	193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

vínculo contratual no 1.º emprego

	Frequency
Valid SemTermo	52
ComTermo ^a	93
Prest.Serviço	14
C.Estágio	18
Total	177
Missing ^b System	16
Total	16
Total	193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego

	Frequency
Valid - 400 €	82
401-800 € ^a	96
Total	178
Missing ^b User-Defined	3
System	12
Total	15
Total	193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
53 ^a	1,852506	,000010	5,147494

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

Model Summary

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,549	1,889	,270
2	,524	1,816	,259
Total		3,705	,529
Mean	,537 ^a	1,853	,265

a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

Quantificações

Área de Estudo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
CEmpresa	41	,922	,598
Informática	73	,028	-,774
Eng	28	-,727	-,836
SPessoais	51	-,412	,957

Variable Principal Normalization.

Sexo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Masculino	113	-,379	-,646
Feminino	80	,516	,829

Variable Principal Normalization.

Tempo para arranjar emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Antes curso	33	-,851	,274
1º mês	39	-,720	,084
1-3 mês	42	,117	-,334
4-6 mês	35	,254	,219
7-12mês	19	,997	,137
+1ano	17	1,408	-,206
Missing	8		

Variable Principal Normalization.

Meio como encontrou o primeiro emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
EEmpregadora	30	-,593	,719
Pessoal/família	78	,162	-,056
Resposta anúncio	16	1,022	-,010
C.Emprego	9	1,765	-1,197
Empresa fez formação	29	-1,179	-,241
Outra	15	,411	,133
Missing	16		

Variable Principal Normalization.

Dimensão da empresa onde começou a trabalhar

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
1-4Tr	39	,619	-,811
5-9 Tr	32	,008	,325
10-49 Tr	51	-,372	,702
50-249 Tr	24	-,600	-,408
+250 Tr	36	,219	-,087
Missing	11		

Variable Principal Normalization.

vínculo contratual no 1.º emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
SemTermo	52	-,150	,135
ComTermo	93	-,037	,215
Prest.Serviço	14	,059	-,990
C.Estágio	18	,773	-,372
Missing	16		

Variable Principal Normalization.

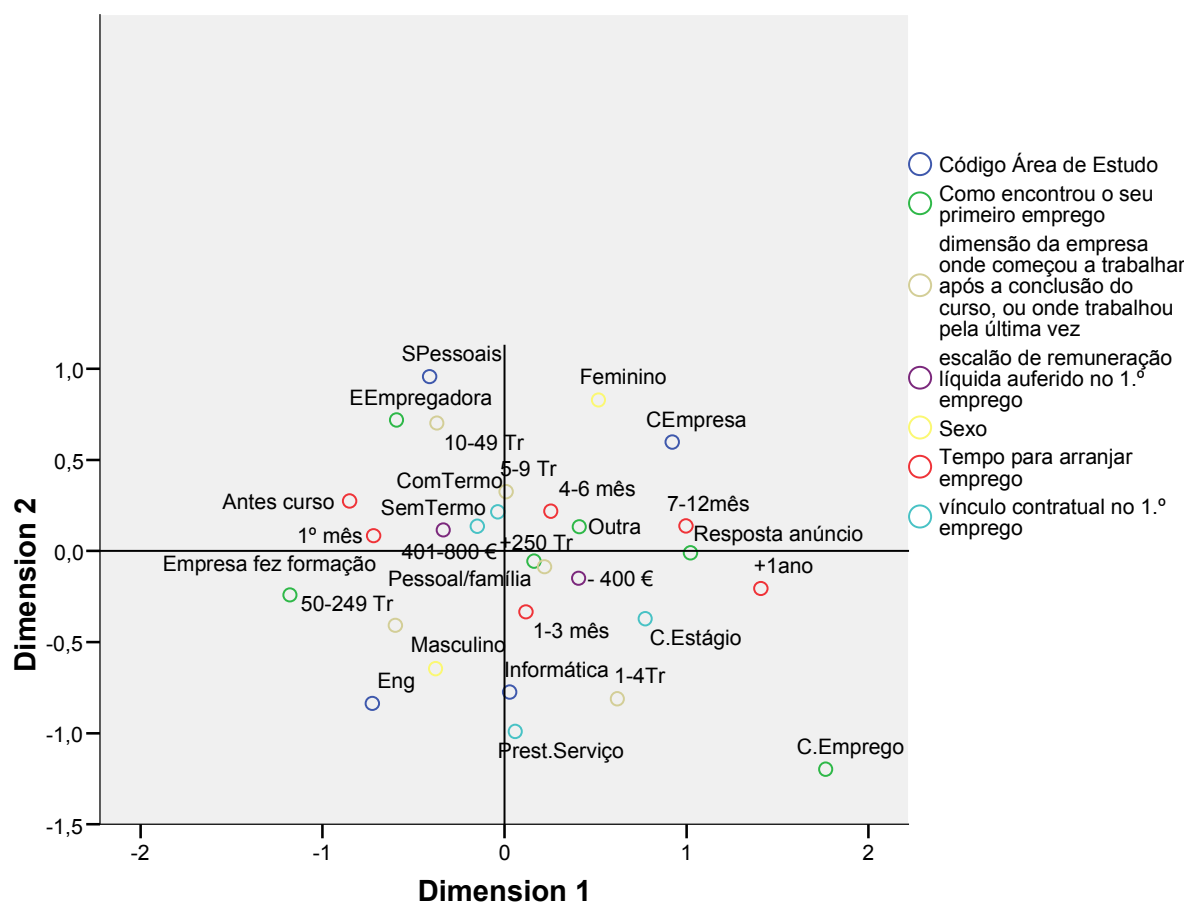
escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
- 400 €	82	,406	-,150
401-800 €	96	-,337	,115
Missing	15		

Variable Principal Normalization.

Category Points



Correlations Transformed Variables

Dimension: 1

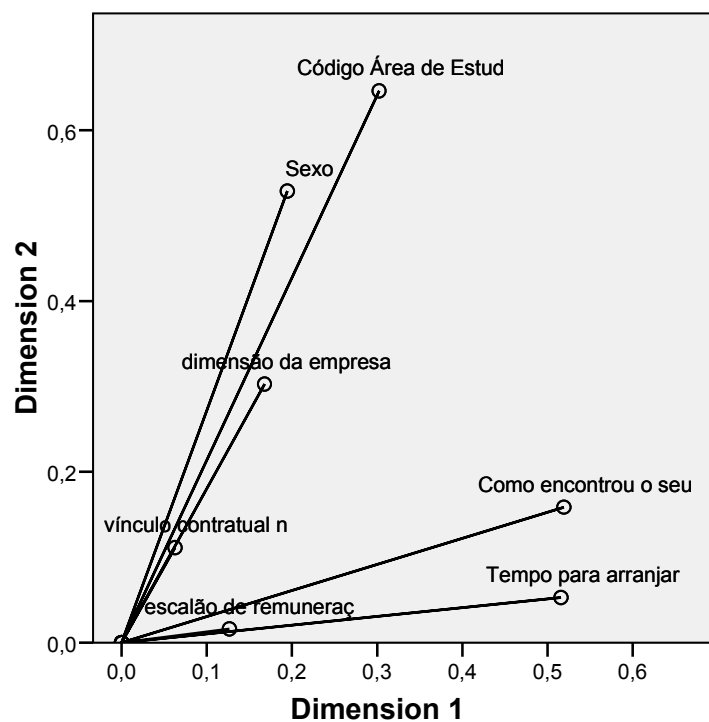
	Área de Estudo	Sexo	Tempo para arranjar emprego	Meio como encontrou o primeiro emprego	dimensão da empresa onde começou a trabalhar	vínculo contratual no 1.º emprego	escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego
Código Área de Estudo	1,000	,333	,164	,162	-,026	,115	,178
Sexo	,333	1,000	,080	,091	-,029	,025	,149
Tempo para arranjar emprego	,164	,080	1,000	,510	,191	-,004	-,015
Como encontrou o seu primeiro emprego	,162	,091	,510	1,000	,159	,047	,072
dimensão da empresa onde começou a trabalhar após a conclusão do curso, ou onde trabalhou pela última vez	-,026	-,029	,191	,159	1,000	,218	,170
vínculo contratual no 1.º emprego	,115	,025	-,004	,047	,218	1,000	,079
escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego ^a	,178	,149	-,015	,072	,170	,079	1,000
Dimension	1	2	3	4	5	6	7
Eigenvalue	1,819	1,288	1,200	,899	,711	,615	,467

a. Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

Medidas de Discriminação

Discrimination Measures

	Dimension		Mean
	1	2	
Área de Estudo	,302	,646	,474
Sexo	,195	,529	,362
Tempo para arranjar emprego	,516	,053	,284
Meio como encontrou o seu primeiro emprego	,519	,159	,339
Dimensão da empresa onde começou a trabalhar	,168	,303	,235
vínculo contratual no 1.º emprego	,063	,111	,087
escalão de remuneração líquida auferido no 1.º emprego	,127	,016	,071
Active Total	1,889	1,816	1,853



Variable Principal Normalization.

Perfis-tipo de inserção profissional dos diplomados do SA

Credit

Multiple Correspondence
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Valid Active Cases	533
Active Cases with Missing Values	149
Supplementary Cases	0
Total	682
Cases Used in Analysis	682

Código Área de Estudo

	Frequency
Valid Artes	20
CEmpresariais	204
Informática	88
Engenharia ^a	218
Ind.Transformadora	10
Arquit/Construção	20
Agric/silvic/pescas	19
Saúde	7
SPessoais	95
Total	681
Missing ^b System	1
Total	1
Total	682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Sexo

	Frequency
Valid Masculino ^a	367
Feminino	314
Total	681
Missing ^b System	1
Total	1
Total	682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Número de empregos após a conclusão do curso

	Frequency
Valid 1 emprego ^a	348
2 empregos	186
+3 empregos	121
Total	655
Missing ^b System	27
Total	27
Total	682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez

	Frequency
Valid	
1 a 4 trabalhadores	107
5 a 9 trabalhadores	84
10 a 49 trabalhadores ^a	142
50 a 249 trabalhadores	117
+ 250 trabalhadores	141
Total	591
Missing ^b	
System	91
Total	91
Total	682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

vínculo contratual no emprego actual

	Frequency
Valid	
C. sem termo(a)	303
C. com termo	237
Prestação de serviços	25
C. de estágio	28
Total	593
Missing(	
b) System	89
Total	89
Total	682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual

	Frequency
Valid	
- 400 €	124
401-800 € ^a	410
+ 801 €	62
Total	596
Missing ^b	
System	86
Total	86
Total	682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Grau de satisfação face à situação profissional actual

		Frequency
Valid	Nada satisfeito	102
	Pouco satisfeito	134
	Satisfeito ^a	215
	Muito satisfeito	139
	Satisfeitíssimo	56
	Total	646
Missing ^b	System	36
	Total	36
Total		682

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
83 ^a	1,843899	,000009	5,156101

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

Model Summary

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,615	2,113	,302
2	,426	1,575	,225
Total		3,688	,527
Mean	,534 ^a	1,844	,263

a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

Quantificações

Código Área de Estudo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Artes	20	,456	,255
CEmpresariais	204	-,635	,431
Informática	88	,241	-,886
Engenharia	218	,857	-,037
Ind.Transformadora	10	,526	-1,179
Arquit/Construção	20	1,624	,645
Agric/silvic/pescas	19	-,548	-,258
Saúde	7	-,561	2,790
SPessoais	95	-1,205	-,348
Missing	1		

Variable Principal Normalization.

Sexo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Masculino	367	,779	-,160
Feminino	314	-,922	,154
Missing	1		

Variable Principal Normalization.

Número de empregos após a conclusão do curso

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
1 emprego	348	,054	,582
2 empregos	186	,012	-,441
+3 empregos	121	-,136	-,934
Missing	27		

Variable Principal Normalization.

dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
1 a 4 trabalhadores	107	-,853	,441
5 a 9 trabalhadores	84	-,594	-,086
10 a 49 trabalhadores	142	,120	,152
50 a 249 trabalhadores	117	,340	,141
+ 250 trabalhadores	141	,679	-,523
Missing	91		

Variable Principal Normalization.

vínculo contratual no emprego actual

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
C. sem termo	303	-,015	,653
C. com termo	237	,130	-,650
Prestação de serviços	25	-,384	-1,313
C. de estágio	28	-,297	-,379
Missing	89		

Variable Principal Normalization.

escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
- 400 €	124	-1,046	-,463
401-800 €	410	,174	,198
+ 801 €	62	1,021	-,314
Missing	86		

Variable Principal Normalization.

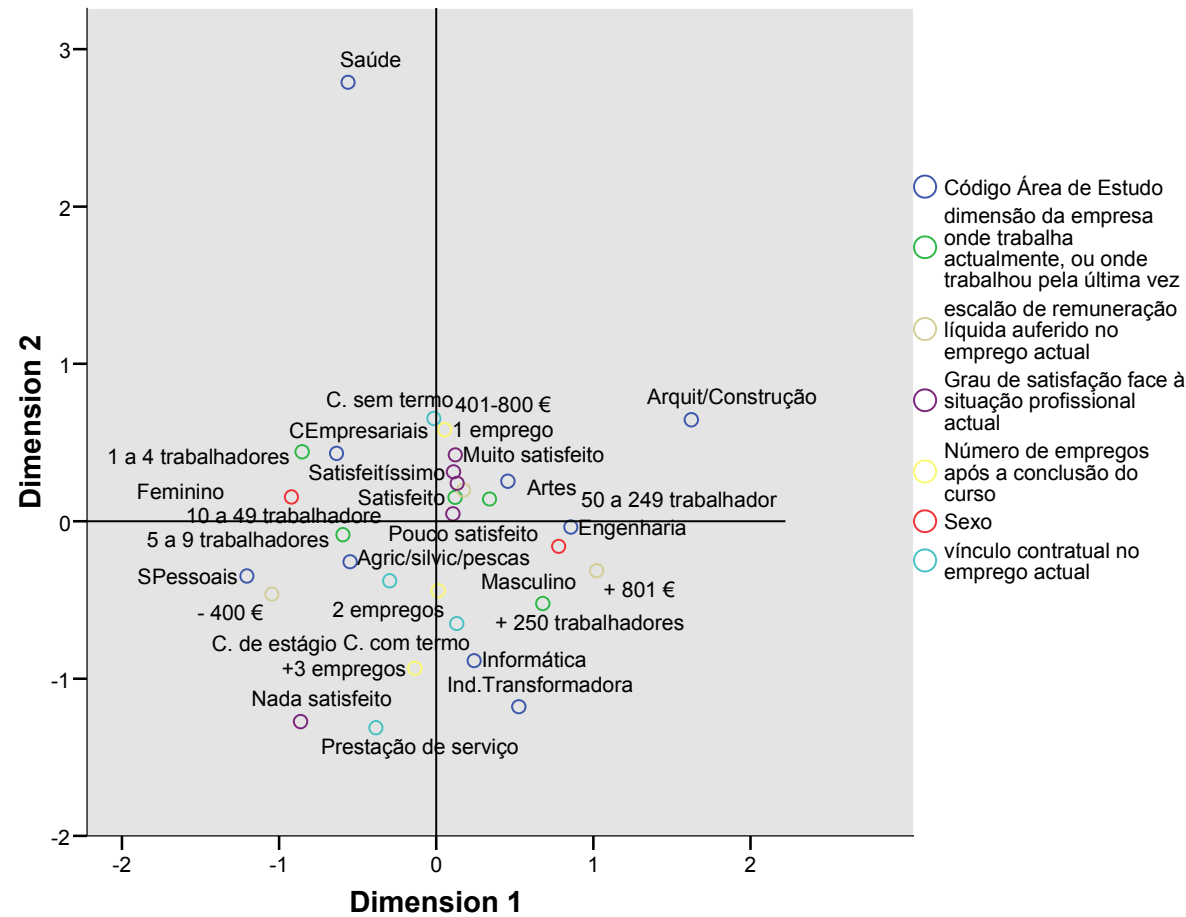
Grau de satisfação face à situação profissional actual

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Nada satisfeito	102	-,864	-1,273
Pouco satisfeito	134	,106	,047
Satisfeito	215	,133	,241
Muito satisfeito	139	,122	,421
Satisfeitíssimo	56	,110	,314
Missing	36		

Variable Principal Normalization.

Category Points



Correlations Transformed Variables

Dimension: 1

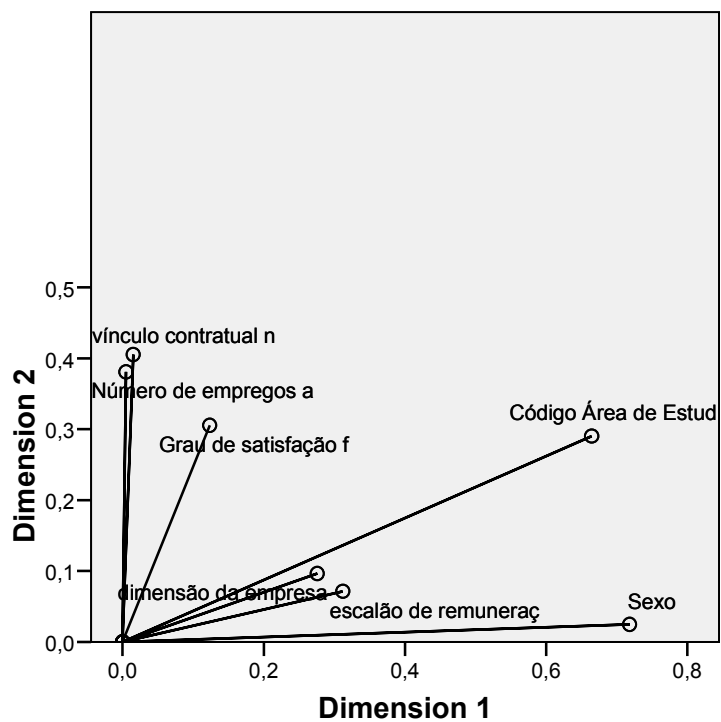
	Código Área de Estudo	Sexo	Número de empregos após a conclusão do curso	dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez ^a	vínculo contratual no emprego actual	escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual	Grau de satisfação face à situação profissional actual
Código Área de Estudo	1,000	,594	,077	,183	,034	,149	,066
Sexo ^a	,594	1,000	-,001	,216	-,016	,254	,076
Número de empregos após a conclusão do curso	,077	-,001	1,000	,001	-,044	-,019	,115
dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez ^a	,183	,216	,001	1,000	,221	,310	,068
vínculo contratual no emprego actual ^a	,034	-,016	-,044	,221	1,000	-,012	,011
escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual ^a	,149	,254	-,019	,310	-,012	1,000	,245
Grau de satisfação face à situação profissional actual ^a	,066	,076	,115	,068	,011	,245	1,000
Dimension	1	2	3	4	5	6	7
Eigenvalue	1,941	1,171	1,133	,989	,801	,575	,389

a. Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

Medidas de Discriminação

Discrimination Measures

	Dimension		Mean
	1	2	
Código Área de Estudo	,664	,290	,477
Sexo	,718	,025	,371
Número de empregos após a conclusão do curso	,005	,381	,193
dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez	,276	,096	,186
vínculo contratual no emprego actual	,015	,405	,210
escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual	,312	,071	,192
Grau de satisfação face à situação profissional actual	,123	,306	,214
Active Total	2,113	1,575	1,844



Perfis-tipo de inserção profissional dos diplomados do EP

Credit

Multiple Correspondence
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Valid Active Cases	159
Active Cases with Missing Values	34
Supplementary Cases	0
Total	193
Cases Used in Analysis	193

Descriptive Statistics

Área de Estudo

	Frequency
Valid CEmpresa	41
Informática ^a	73
Eng	28
SPessoais	51
Total	193

a. Mode.

Sexo

	Frequency
Valid Masculino ^a	113
Feminino	80
Total	193

a. Mode.

Número de empregos após a conclusão do curso

	Frequency
Valid 1 emprego ^a	71
2 empregos	62
+3 empregos	48
Total	181
Missing ^b System	12
Total	12
Total	193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez

	Frequency
Valid 1-4Tr	34
5-9 Tr	16
10-49 Tr ^a	50
50-249 Tr	30
+250 Tr	49
Total	179
Missing ^b System	14
Total	14
Total	193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

vínculo contratual no emprego actual

		Frequency
Valid	SemTermo	76
	ComTermo ^a	92
	Prest.Serviço	6
	C.Estágio	3
	Total	177
Missing ^b	System	16
	Total	16
Total		193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual

		Frequency
Valid	- 400 €	36
	401-800 € ^a	122
	+ 801 €	21
	Total	179
Missing ^b	System	14
	Total	14
Total		193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Grau de satisfação face à situação profissional actual

		Frequency
Valid	Nada satisfeito	35
	Pouco satisfeito	38
	Satisfeito ^a	60
	Muito satisfeito	30
	Satisfeitíssimo	17
	Total	180
Missing ^b	System	13
	Total	13
Total		193

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
36 ^a	1,822568	,000009	5,177432

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

Model Summary

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,587	2,014	,288
2	,451	1,631	,233
Total		3,645	,521
Mean	,527 ^a	1,823	,260

a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

Quantifications

Área de Estudo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
CEmpresa	41	1,130	-,372
Informática	73	-,537	-,570
Eng	28	-,803	,612
SPessoais	51	,239	,628

Variable Principal Normalization.

Sexo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Masculino	113	-,709	-,091
Feminino	80	,961	,032

Variable Principal Normalization.

Número de empregos após a conclusão do curso

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
1 emprego	71	,179	,259
2 empregos	62	,259	,297
+3 empregos	48	-,471	-,783
Missing	12		

Variable Principal Normalization.

**dimensão da empresa onde trabalha
actualmente, ou onde trabalhou pela última vez**

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
1-4Tr	34	,602	,377
5-9 Tr	16	,495	-,013
10-49 Tr	50	,171	-,238
50-249 Tr	30	-,102	,039
+250 Tr	49	-,689	,078
Missing	14		

Variable Principal Normalization.

vínculo contratual no emprego actual

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
SemTermo	76	,107	,597
ComTermo	92	-,150	-,271
Prest.Serviço	6	-,239	-2,289
C.Estágio	3	,524	-,799
Missing	16		

Variable Principal Normalization.

escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
- 400 €	36	1,157	-,557
401-800 €	122	-,178	,374
+ 801 €	21	-,972	-,873
Missing	14		

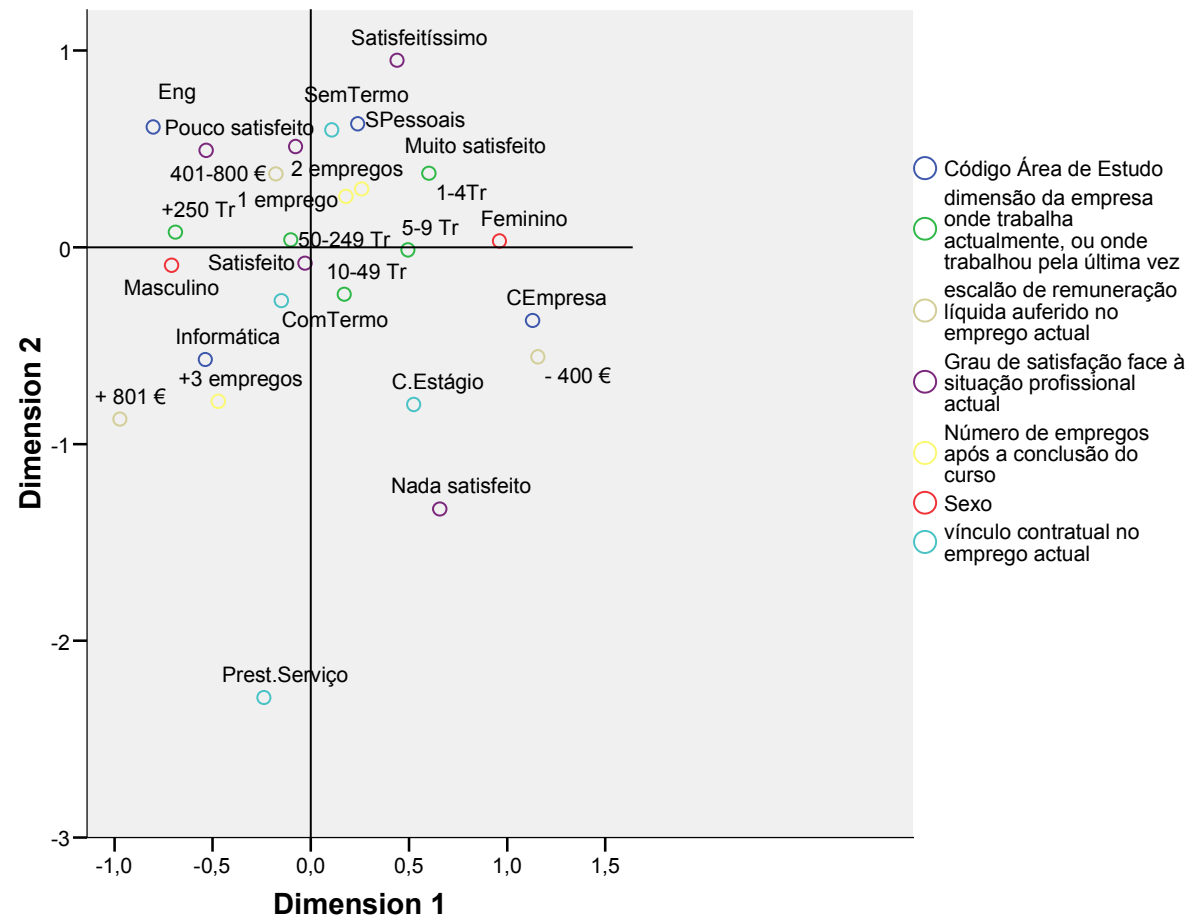
Variable Principal Normalization.

Grau de satisfação face à situação profissional actual

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Nada satisfeito	35	,657	-1,330
Pouco satisfeito	38	-,533	,493
Satisfeito	60	-,029	-,080
Muito satisfeito	30	-,078	,512
Satisfeitíssimo	17	,439	,951
Missing	13		

Variable Principal Normalization.



Correlations Transformed Variables

Dimension: 1

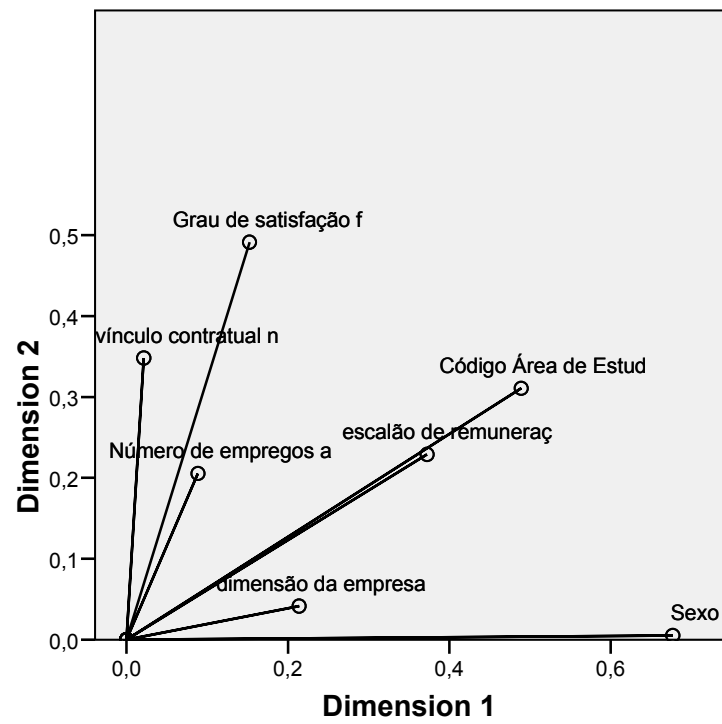
	Área de Estudo	Sexo	Número de empregos após a conclusão do curso	dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez ^a	vínculo contratual no emprego actual	escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual	Grau de satisfação face à situação profissional actual
Código Área de Estudo	1,000	,501	-,011	,102	-,025	,159	,075
Sexo	,501	1,000	,119	,151	,025	,300	,127
Número de empregos após a conclusão do curso	-,011	,119	1,000	,093	,192	,201	-,046
dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez ^a	,102	,151	,093	1,000	,117	,220	,156
vínculo contratual no emprego actual	-,025	,025	,192	,117	1,000	-,052	,031
escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual	,159	,300	,201	,220	-,052	1,000	,168
Grau de satisfação face à situação profissional actual	,075	,127	-,046	,156	,031	,168	1,000
Dimension	1	2	3	4	5	6	7
Eigenvalue	1,870	1,235	1,054	,950	,807	,616	,468

a. Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

Medidas de Discriminação

Discrimination Measures

	Dimension		Mean
	1	2	
Área de Estudo	,489	,311	,400
Sexo	,677	,005	,341
Número de empregos após a conclusão do curso	,088	,205	,147
dimensão da empresa onde trabalha actualmente, ou onde trabalhou pela última vez	,214	,042	,128
vínculo contratual no emprego actual	,021	,348	,185
escalão de remuneração líquida auferido no emprego actual	,372	,229	,301
Grau de satisfação face à situação profissional actual	,152	,491	,322
Active Total	2,014	1,631	1,823



Variable Principal Normalization.

ANEXO 5. FORMULÁRIOS DE INQUÉRITOS

CONFIDENCIAL

INQUÉRITO AOS (EX)FORMANDOS DO SISTEMA DE APRENDIZAGEM

Este inquérito coloca questões sobre o CURSO que frequentou constante na ETIQUETA no canto superior direito desta página. Quando neste inquérito está mencionada a palavra CURSO, este refere-se ao curso da Etiqueta.

Caracterização Pessoal

1. Antes de entrar no CURSO do Sistema de Aprendizagem que se encontra no canto superior direito desta página (sem contar com as férias), qual era a sua situação? (indique apenas uma opção)

▪ Estava a estudar	☐	1
▪ Estava a fazer formação profissional	☐	2
▪ Estava a trabalhar	☐	3
▪ Estava a trabalhar e a estudar	☐	4
▪ Estava à procura do 1.º emprego	☐	5
▪ Não estudava nem trabalhava por opção	☐	6
▪ Outra. Qual? _____	☐	7

2. Qual o tipo de ensino/formação que frequentava/frequentou antes de entrar no CURSO do Sistema de Aprendizagem?

▪ Ensino regular (do 5.º ao 12.º ano)	☐	1	Passe à Pergunta 3
▪ Ensino Tecnológico (Escolas tecnológicas)	☐	2	
▪ Ensino Profissional	☐	3	
▪ Sistema de Aprendizagem (formação em alternância)	☐	4	Passe à Pergunta 4
▪ Educação/Formação	☐	5	
▪ Outro. Qual? _____	☐	6	

3. Qual o ano de escolaridade que frequentava?

▪ 5.º ano (antigo 1.º ano do ciclo preparatório)	☐	1
▪ 6.º ano (antigo 2.º ano do ciclo preparatório)	☐	2
▪ 7.º ano	☐	3
▪ 8.º ano	☐	4
▪ 9.º ano	☐	5
▪ 10.º ano	☐	6
▪ 11.º ano	☐	7
▪ 12.º ano	☐	8

Passe à Pergunta 6

4. Qual o nível de qualificação da formação que frequentava?

▪ Formação sem atribuição de nível de qualificação	☐	1
▪ Qualificação profissional nível I	☐	2
▪ Qualificação profissional nível II	☐	3
▪ Qualificação profissional nível III	☐	4
▪ Outro. Qual? _____	☐	5

5. Qual o nome do curso que frequentava?

6. Se não estava a estudar antes de entrar no CURSO, diga quanto tempo esteve sem frequentar a escola:

_____ anos e _____ meses

7. Se não estava a estudar antes de entrar no CURSO, que idade tinha quando saiu da escola: _____

8. No último ano escolar que frequentou antes de entrar no CURSO do Sistema de Aprendizagem:

▪ Ficou aprovado(a)	☐	1
▪ Reprovou	☐	2
▪ Desistiu antes de acabar o ano	☐	3
▪ Outra. Qual? _____	☐	4

9. Indique o número de vezes que reprovou até entrar no CURSO:

▪ Nenhuma vez	☐	1
▪ 1 vez	☐	2
▪ 2 vezes	☐	3
▪ 3 vezes ou mais	☐	4

10. Indique o grau de parentesco das pessoas com quem vivia quando iniciou o CURSO (pai, mãe, n.º de irmãos, avós....):

11. Indique a escolaridade dos seus pais:

	Pai a)	Mãe b)
▪ Não sabe ler nem escrever	☐	☐
▪ Sabe ler e escrever e tem o ensino primário incompleto	☐	☐
▪ Ensino primário completo (4.º ano)	☐	☐
▪ Ciclo preparatório (6.º ano)	☐	☐
▪ Ensino básico (9.º ano)	☐	☐
▪ Ensino secundário (12.º ano)	☐	☐
▪ Curso médio ou superior	☐	☐
▪ Mestrado ou doutoramento	☐	☐
▪ Outra situação	☐	☐

12. Indique em que situação terminou o seu CURSO do Sistema de Aprendizagem: (indique apenas uma opção)

▪ Concluiu a totalidade do CURSO	☐ ₁
▪ Tem o CURSO incompleto e não pensa vir a concluí-lo	☐ ₂
▪ Tem o CURSO incompleto mas ainda o quer concluir	☐ ₃

Divulgação do Sistema de Aprendizagem

13. Como soube pela primeira vez da existência do Sistema de Aprendizagem? (indique apenas uma opção)

▪ Pais / familiares	☐ ₁	▪ Centro de Emprego	☐ ₂
▪ Amigos / colegas / vizinhos	☐ ₃	▪ Entidade formadora / Centro de Formação	☐ ₄
▪ Jornal	☐ ₅	▪ Junta de Freguesia / Câmara Municipal	☐ ₆
▪ Rádio	☐ ₇	▪ Acção de divulgação na Escola	☐ ₈
▪ Televisão	☐ ₉	▪ Psicólogo/professor/outro técnico da Escola	☐ ₁₀
▪ Internet	☐ ₁₁	▪ Outra. Qual? _____	☐ ₁₂

14. Em que medida ficou esclarecido com a informação que recebeu, antes de iniciar o CURSO, relativa aos seguintes aspectos do curso de formação: (responda a todas as alíneas)

	Não fiquei esclarecido (1)	Fiquei pouco esclarecido (2)	Fiquei bem esclarecido (3)
a) Objectivos do Sistema de Aprendizagem	☐	☐	☐
b) Como se obtém o certificado de aptidão profissional	☐	☐	☐
c) Cursos de aprendizagem existentes no país	☐	☐	☐
d) Cursos de aprendizagem existentes na minha região	☐	☐	☐
e) O que é o contrato de aprendizagem	☐	☐	☐
f) Profissão que ia aprender no CURSO	☐	☐	☐
g) Objectivos de cada componente de formação (formação em sala; prática simulada; posto de trabalho)	☐	☐	☐
h) Carga horária de cada componente de formação	☐	☐	☐
i) Duração do CURSO	☐	☐	☐
j) Local de realização de cada componente de formação	☐	☐	☐
k) Subsídios de apoio à formação (refeição, alojamento, transporte, acolhimento...)	☐	☐	☐
l) Bolsa de formação	☐	☐	☐

Acesso à formação

15. No momento da sua candidatura ao Sistema de Aprendizagem passou por algum dos seguintes processos de admissão? (pode indicar mais do que uma opção)

a) Exames médicos	☐
b) Entrevista com Psicólogo / Conselheiro de Orientação Profissional	☐
c) Testes psicotécnicos	☐
d) Testes de avaliação de conhecimentos	☐
e) Outro. Qual? _____	☐

16. Indique quanto tempo passou entre a inscrição no Sistema de Aprendizagem, feita no Centro de Emprego, e o início do CURSO: (indique apenas uma opção)

▪ Menos de 1 mês	☐ ₁
▪ Entre 1 e 3 meses	☐ ₂
▪ Entre 4 e 6 meses	☐ ₃
▪ Mais de 6 meses	☐ ₄

17. Quais os resultados da orientação que recebeu antes de iniciar o CURSO, dada pelo Psicólogo/Conselheiro de Orientação Profissional: (indique apenas uma opção)

▪ A orientação do Psicólogo/Conselheiro de Orientação Profissional veio reforçar a minha intenção em frequentar o curso que já tinha escolhido	☐ ₁
▪ Eu já sabia que curso queria frequentar, por isso a orientação do Psicólogo/Conselheiro de Orientação Profissional não influenciou a minha decisão	☐ ₂
▪ Apesar de saber que curso gostaria de frequentar, o Psicólogo/Conselheiro de Orientação Profissional indicou-me outro curso	☐ ₃
▪ Eu não fazia ideia do curso que gostaria de frequentar e o Psicólogo/Conselheiro de Orientação Profissional ajudou-me a escolher	☐ ₄
▪ Não recebi orientação do Psicólogo/Conselheiro de Orientação Profissional	☐ ₅
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₆

18. O CURSO que frequentou no Sistema de Aprendizagem era aquele que queria inicialmente?

▪ Sim ☐₁ ▪ Não ☐₂

→ 19. Se não, porque não frequentou o curso que queria? (indique a razão principal)

▪ Não tinha habilitações suficientes	☐ ₁
▪ Não existia na área onde resido	☐ ₂
▪ Não tinha vaga	☐ ₃
▪ Foi-me aconselhado o que frequentei	☐ ₄
▪ Não sabia que me podia inscrever	☐ ₅
▪ Outra situação. Qual? _____	☐ ₆

→ 20. Se não, qual era o curso que queria frequentar?

Motivações para participação no Sistema de Aprendizagem

21. Indique a importância de cada um dos factores para ter optado por frequentar o CURSO do Sistema de Aprendizagem: (responda a todas as alíneas)

	Nada important e (1)	Pouco important e (2)	Muito Importante (3)	Importan- tíssimo (4)
a) Vocação/interesse pessoal pelo CURSO	☐	☐	☐	☐
b) Gosto pela profissão a que dá acesso	☐	☐	☐	☐
c) Aconselhamento da Orientação Profissional	☐	☐	☐	☐
d) Aconselhamento de professores	☐	☐	☐	☐
e) Aconselhamento da família	☐	☐	☐	☐
f) Aconselhamento dos amigos	☐	☐	☐	☐
g) Tradição familiar ou tradição na Região	☐	☐	☐	☐
h) Por acaso	☐	☐	☐	☐
i) Outros. Quais? _____	☐	☐	☐	☐

22. Indique a importância de cada um dos motivos para ter optado por frequentar o CURSO do Sistema de Aprendizagem: (responda a todas as alíneas)

	Nada important e (1)	Pouco important e (2)	Muito Importante (3)	Importan- tíssimo (4)
a) Seguir os colegas mais próximos	☐	☐	☐	☐
b) Arranjar emprego com maior facilidade	☐	☐	☐	☐
c) Ser mais fácil do que a escola	☐	☐	☐	☐
d) Ser uma formação prática	☐	☐	☐	☐
e) Aprender uma profissão	☐	☐	☐	☐
f) Receber uma bolsa de formação	☐	☐	☐	☐
g) Obter um diploma escolar	☐	☐	☐	☐
h) Obter um certificado de qualificação profissional	☐	☐	☐	☐
i) Retomar os estudos	☐	☐	☐	☐
j) Prosseguir os estudos no Ensino Superior	☐	☐	☐	☐
k) Para estar ocupado	☐	☐	☐	☐
l) Outros. Quais? _____	☐	☐	☐	☐

Avaliação do curso frequentado

23. Em geral como avalia a qualidade da formação no Sistema de Aprendizagem, nos seguintes aspectos? *(responda a todas as alíneas)*

	Muito Má (1)	Insuficiente (2)	Boa (3)	Muito Boa (4)
Formação em Sala				
a) Competência dos formadores na transmissão dos saberes (clareza, segurança, esclarecimento de dúvidas, método de ensino)	☐	☐	☐	☐
b) Instalações	☐	☐	☐	☐
c) Equipamentos disponíveis (vídeos, retroprojectores, equipamento informático, acesso à Internet, etc.)	☐	☐	☐	☐
d) Manuais, textos de apoio, etc.	☐	☐	☐	☐
e) Formas de avaliação dos formandos	☐	☐	☐	☐
Formação em Prática Simulada (na Entidade Formadora)				
f) Competência dos formadores na transmissão dos saberes (clareza, segurança, esclarecimento de dúvidas, método de ensino)	☐	☐	☐	☐
g) Instalações	☐	☐	☐	☐
h) Equipamentos disponíveis (vídeos, retroprojectores, equipamento informático, acesso à Internet, equipamentos específicos da área profissional do curso, etc.)	☐	☐	☐	☐
i) Manuais, textos de apoio, etc.	☐	☐	☐	☐
j) Formas de avaliação dos formandos	☐	☐	☐	☐
Formação em Posto de Trabalho (na Empresa)				
k) Competência dos tutores na transmissão dos saberes (clareza, segurança, esclarecimento de dúvidas, método de ensino)	☐	☐	☐	☐
l) Acompanhamento prestado pelo tutor durante o período de formação na empresa	☐	☐	☐	☐
m) Equipamentos disponíveis (equipamentos específicos da área profissional do curso, etc.)	☐	☐	☐	☐
n) Condições de trabalho (horário de trabalho, instalações, relacionamento de trabalho, etc.)	☐	☐	☐	☐
o) Formas de avaliação dos formandos	☐	☐	☐	☐

24. Em geral como avalia a relação entre cada uma das componentes da formação do CURSO? *(responda a todas as alíneas)*

	Muito Má (1)	Insuficiente (2)	Boa (3)	Muito Boa (4)
a) Relação entre a formação em sala e a formação em prática simulada	☐	☐	☐	☐
b) Relação entre a formação em sala e a formação em posto de trabalho	☐	☐	☐	☐
c) Relação entre a formação em prática simulada e a formação em posto de trabalho	☐	☐	☐	☐

25. Que grau de importância atribui à formação em contexto de trabalho?

- ☐₁ Nada importante
 ☐₂ Pouco importante
 ☐₃ Importante
 ☐₄ Muito importante
 ☐₅ Importantíssimo

26. Por favor, justifique a resposta à questão anterior:

27. Como avalia a actuação do seu coordenador da acção nos seguintes aspectos? (responda a todas as alíneas)

	Muito Má (1)	Insuficiente (2)	Boa (3)	Muito Boa (4)
a) Relação com a equipa de formadores	☐	☐	☐	☐
b) Relação com os formandos	☐	☐	☐	☐
c) Relação com os tutores	☐	☐	☐	☐
d) Conhecimento sobre a área profissional do curso	☐	☐	☐	☐

28. Quando expunha problemas ao seu coordenador da acção, o que acontecia? (indique apenas uma opção)

▪ Foram sempre resolvidos	☐ ₁
▪ Eram resolvidos de vez em quando	☐ ₂
▪ Nunca foram resolvidos	☐ ₃
▪ Nunca expôs nenhum problema	☐ ₄

29. Para cada componente do CURSO e para o CURSO em geral, diga se acha que o número de horas de cada componente deveria ser maior, menor ou idêntico ao que existiu:

	Menos tempo (1)	Igual (2)	Mais tempo (3)
a) Formação em sala	☐	☐	☐
b) Formação em prática simulada	☐	☐	☐
c) Formação em posto de trabalho	☐	☐	☐
d) Curso em geral	☐	☐	☐

30. Tirou o CURSO em quanto tempo?

- ☐₁ 3 anos ☐₂ mais de 3 anos

31. Na sua opinião, qual a melhor forma de articular a formação realizada na entidade formadora e a formação no posto de trabalho ao longo do CURSO? (indique apenas uma opção)

▪ Ter a formação em posto de trabalho concentrada no final de cada ano	☐ ₁
▪ Em cada ano ir alternado a formação na entidade formadora e a formação em posto de trabalho em períodos curtos (até duas semanas de cada vez no posto de trabalho)	☐ ₂
▪ Em cada ano ir alternado a formação na entidade formadora e a formação em posto de trabalho em períodos longos (mais de duas semanas no posto de trabalho)	☐ ₃

32. Qual a utilidade do CURSO frequentado, nos seguintes aspectos: (responda a todas as alíneas)

	Não teve utilidade (1)	Teve pouca utilidade (2)	Teve alguma utilidade (3)	Teve bastante utilidade (4)
a) Desenvolvimento pessoal	☐	☐	☐	☐
b) Melhoria da auto-estima	☐	☐	☐	☐
c) Ter um projecto de vida	☐	☐	☐	☐
d) Continuação dos estudos no ensino superior/politécnico	☐	☐	☐	☐
e) Obter um emprego	☐	☐	☐	☐
f) Ajuda ao desempenho profissional	☐	☐	☐	☐
g) Conclusão do ensino secundário	☐	☐	☐	☐
h) Obter uma qualificação profissional	☐	☐	☐	☐
i) Outro. Qual? _____	☐	☐	☐	☐

33. O CURSO correspondeu às suas expectativas iniciais?

▪ Não correspondeu nada	☐ ₁
▪ Correspondeu pouco	☐ ₂
▪ Correspondeu mais ou menos	☐ ₃
▪ Correspondeu muito	☐ ₄
▪ Correspondeu totalmente	☐ ₅

34. Se respondeu "nada" ou "pouco", diga porquê?

Situação do Formando Após o Curso

35. Indique a sua condição perante o trabalho em cada um dos seguintes momentos após o CURSO: (responda aos 4 momentos, na opção que corresponde à situação predominante em cada momento)

	1 mês após o CURSO estava: (1)	3 meses após o CURSO estava: (2)	6 meses após o CURSO estava: (3)	1 ano após o CURSO estava: (4)
a) Desempregado	☐	☐	☐	☐
b) A trabalhar por conta de outrem, prestador de serviços (recibos verdes), ou outra situação	☐	☐	☐	☐
c) A trabalhar por conta própria	☐	☐	☐	☐
d) A estudar	☐	☐	☐	☐
e) A trabalhar e a estudar	☐	☐	☐	☐
f) Outra. Qual? _____	☐	☐	☐	☐

36. Se já esteve desempregado uma ou mais vezes, após o CURSO, quanto tempo esteve nessa situação? (some todos os períodos em que esteve desempregado)
_____ anos e _____ meses

37. Quais as dificuldades que encontrou/encontra para arranjar emprego? (indique apenas uma opção)

▪ Há falta de emprego na área profissional do meu CURSO	☐
▪ A formação que obtive é pouco valorizada no mercado de emprego	☐
▪ Há falta de emprego em geral	☐
▪ Os níveis de remuneração que se praticam nos empregos relacionados com a área do meu CURSO são baixos	☐
▪ Os empregos que me têm sido propostos na área do meu CURSO não são aliciantes ao nível das tarefas a executar	☐
▪ A minha situação pessoal não permite aceitar um emprego na área do meu CURSO	☐
▪ Os empregos disponíveis na área do meu CURSO ficam muito longe da minha residência	☐
▪ Não encontrou/encontra dificuldades em arranjar emprego	☐
▪ Outra razão. Qual? _____	☐

38. Qual a sua condição actual perante o emprego: (indique apenas uma opção, a que corresponda à sua condição predominante)

▪ Desempregado	☐	▪ Se já trabalhou após o curso passe à P.39. ▪ Se nunca trabalhou mas continuou/voltou a estudar após o curso passe à P.52. ▪ Se nunca trabalhou nem continuou/voltou a estudar passe à P.58.
▪ A trabalhar por conta de outrem, prestador de serviços (recibos verdes), estágios profissionais, ou outra situação	☐	▪ Passe à P.39.
▪ A trabalhar por conta própria (empresário)	☐	▪ Passe à p.39.
▪ A trabalhar e a estudar	☐	▪ Passe à p.39.
▪ A estudar	☐	▪ Se já trabalhou após o curso passe à P.39. ▪ Se nunca trabalhou passe à P.52.
▪ Outra. Qual? _____	☐	▪ Se já trabalhou após o curso passe à P.39. ▪ Se nunca trabalhou mas continuou/voltou a estudar após o curso passe à P.52. ▪ Se nunca trabalhou nem continuou/voltou a estudar passe à P.60.

SE ESTÁ ACTUALMENTE A TRABALHAR OU JÁ TRABALHOU APÓS O CURSO DO SISTEMA DE APRENDIZAGEM RESPONDA ÀS PERGUNTAS SEGUINTES

39. Após a conclusão do CURSO no Sistema de Aprendizagem (ou ainda durante a sua frequência) quanto tempo levou a arranjar emprego: (indique apenas uma opção)

- Antes de terminar o curso ☐₁
- Até 1 mês após o curso ☐₂
- Entre 1 a 3 meses após o curso ☐₃
- Entre 4 a 6 meses após o curso ☐₄
- Entre 7 meses a 1 ano após o curso ☐₅
- Mais de 1 ano após o curso ☐₆

40. Como encontrou o seu primeiro emprego após o CURSO (que pode ser o actual)? (indique apenas uma opção)

▪ Foi contactado pela entidade empregadora	☐ ₁
▪ Através de relações pessoais/família	☐ ₂
▪ Resposta a anúncios	☐ ₃
▪ Colocação de anúncios	☐ ₄
▪ Através de um Centro de Emprego	☐ ₅
▪ Através da empresa em que fez formação prática	☐ ₆
▪ Criou o próprio emprego	☐ ₇
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₈

41. Quantos empregos já teve após a conclusão do CURSO (incluindo o actual/último emprego)?

▪ 1 emprego	☐ ₁
▪ 2 empregos	☐ ₂
▪ 3 empregos	☐ ₃
▪ Mais de 3 empregos	☐ ₄

42. Indique se já exerceu ou exerce uma profissão relacionada com a área de formação do seu CURSO?

- Sim ☐₁ ▪ Não ☐₂

➔ **43. Se não, indique a principal razão para nunca ter exercido uma profissão relacionada com a área de formação do seu CURSO? (indique apenas uma opção)**

▪ Há falta de emprego na área profissional do meu CURSO	☐ ₁
▪ Os níveis de remuneração que se praticam nos empregos relacionados com a área do meu CURSO são baixos	☐ ₂
▪ Os empregos que me têm sido propostos na área do meu CURSO não oferecem condições aliciantes ao nível das tarefas a executar	☐ ₃
▪ A minha situação pessoal não permite aceitar um emprego na área do meu CURSO	☐ ₄
▪ Os empregos disponíveis na área do meu CURSO ficam muito longe da minha residência	☐ ₅
▪ Outras razões. Quais? _____	☐ ₆

44. Qual a sua profissão no 1.º emprego que teve após a conclusão do CURSO e no seu emprego actual/último (se for a mesma, por favor, escreva-a 2 vezes)?

Profissão do 1º emprego: _____

Profissão actual/última: _____

45. Qual a dimensão da empresa/entidade onde começou a trabalhar após a conclusão do CURSO e onde trabalha actualmente (independentemente de se tratar da mesma empresa), ou em caso de estar desempregado, onde trabalhou pela última vez? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	Onde começou a trabalhar após a conclusão do CURSO a)	Actualmente (responda a esta questão, ainda que esteja na mesma empresa) ou última onde trabalhou b)
▪ 1 a 4 trabalhadores	☐ ₁	☐ ₁
▪ 5 a 9 trabalhadores	☐ ₂	☐ ₂
▪ 10 a 49 trabalhadores	☐ ₃	☐ ₃
▪ 50 a 249 trabalhadores	☐ ₄	☐ ₄
▪ Mais de 250 trabalhadores	☐ ₅	☐ ₅

46. Qual o ramo de actividade económica da empresa do seu 1.º emprego após o CURSO e na qual trabalha actualmente/última onde trabalhou? Caso seja trabalhador por conta própria indique o ramo da sua actividade económica? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	Onde começou a trabalhar após a conclusão do CURSO a)	Actualmente (responda a esta questão, ainda que esteja na mesma empresa) ou última onde trabalhou b)
▪ Agricultura, produção animal, caça e silvicultura e pescas	☐ ₁	☐ ₁
▪ Indústria extractiva	☐ ₂	☐ ₂
▪ Indústria transformadora	☐ ₃	☐ ₃
▪ Produção e distribuição de electricidade, gás e água	☐ ₄	☐ ₄
▪ Construção	☐ ₅	☐ ₅
▪ Comércio, serviços de reparação (inclui reparação automóvel)	☐ ₆	☐ ₆
▪ Alojamento e restauração (ex. hotéis, restaurantes, cafés)	☐ ₇	☐ ₇
▪ Transportes, armazenagem e comunicações	☐ ₈	☐ ₈
▪ Actividades financeiras (ex. bancos e seguros)	☐ ₉	☐ ₉
▪ Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas (ex. contabilidade, informática, publicidade, segurança, limpeza)	☐ ₁₀	☐ ₁₀
▪ Administração pública, defesa e segurança social	☐ ₁₁	☐ ₁₁
▪ Educação (ex. estabelecimentos de ensino, pré-escolas)	☐ ₁₂	☐ ₁₂
▪ Saúde e acção social (ex. hospitais, consultórios médicos, lares e creches)	☐ ₁₃	☐ ₁₃
▪ Outros serviços colectivos, sociais e pessoais (ex. cabeleireiro, lavandarias, ginásios, termas, bibliotecas, museus)	☐ ₁₄	☐ ₁₄

47. Qual o seu vínculo contratual no seu 1.º emprego e no actual/último emprego? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	1.º emprego após a conclusão do CURSO a)	Emprego actual (responda a esta questão, ainda que seja o mesmo emprego) ou último emprego b)
▪ Contrato de trabalho sem termo (efectivo)	☐ ₁	☐ ₁
▪ Contrato de trabalho com termo (a prazo)	☐ ₂	☐ ₂
▪ Prestação de serviços (recibos verdes)	☐ ₃	☐ ₃
▪ Contrato de estágio	☐ ₄	☐ ₄
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₅	☐ ₅

48. Indique qual o escalão de remuneração líquida que auferia no seu 1.º emprego após o CURSO e o que auferia actualmente/último emprego? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	1.º emprego (ou 1.º mês de emprego, se mantém o mesmo emprego)	Emprego actual/último emprego
▪ Até 400 €	☐ ₁	☐ ₁
▪ Entre 401 e 800 €	☐ ₂	☐ ₂
▪ Entre 801 e 1200 €	☐ ₃	☐ ₃
▪ Entre 1201 e 1600 €	☐ ₄	☐ ₄
▪ Mais de 1600 €	☐ ₅	☐ ₅

49. Relativamente à sua situação profissional actual, encontra-se:

▪ Nada satisfeito	☐ ₁
▪ Pouco satisfeito	☐ ₂
▪ Satisfeito	☐ ₃
▪ Muito satisfeito	☐ ₄
▪ Satisfeitíssimo	☐ ₅

50. Por favor, justifique a sua resposta:

51. Responda por favor às seguintes questões: (responda a todas as alíneas)

	Nada (1)	Pouco (2)	Em parte (3)	Bastante (4)
a) O meu curso contribuiu de alguma forma para a obtenção do meu emprego actual/último emprego?	☐	☐	☐	☐
b) As funções que desempenho actualmente/último emprego estão de acordo com a formação adquirida?	☐	☐	☐	☐
c) As aprendizagens desenvolvidas na formação em sala têm sido aplicadas na minha actividade profissional?	☐	☐	☐	☐
d) As aprendizagens desenvolvidas na formação em prática simulada têm sido aplicadas na minha actividade profissional?	☐	☐	☐	☐
e) As aprendizagens desenvolvidas na formação em contexto de trabalho têm sido aplicadas na minha actividade profissional?	☐	☐	☐	☐

Se Não continuou/voltou a estudar após o CURSO do Sistema de Aprendizagem e:

Se Continuou/voltou a estudar após o CURSO continue na Pergunta 52

Se está
desempregado(a):
Passe à Pergunta 58

Se não está
desempregado(a):
Passe à Pergunta
60

Se continuou/voltou a estudar após o CURSO do Sistema de Aprendizagem responda às perguntas seguintes

52. Indique qual o tipo de ensino/formação que frequentou/frequenta depois do CURSO do Sistema de Aprendizagem?

▪ Ensino regular (do 5.º ao 12.º ano)	☐ ₁	Passe à Pergunta 53
▪ Ensino Superior	☐ ₂	
▪ Ensino Tecnológico (Escolas tecnológicas)	☐ ₃	Passe à Pergunta 54
▪ Ensino Profissional	☐ ₄	
▪ Sistema de Aprendizagem (formação em alternância)	☐ ₅	
▪ Educação/Formação	☐ ₆	
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₇	

53. Indique o nível de ensino escolar que terminou e o que frequenta, caso ainda estude:
(indique apenas uma opção em cada coluna)

	Nível concluído	Nível que frequenta
▪ 7.º ano	☐ ₁	☐ ₁
▪ 8.º ano	☐ ₂	☐ ₂
▪ 9.º ano	☐ ₃	☐ ₃
▪ 10.º ano	☐ ₄	☐ ₄
▪ 11.º ano	☐ ₅	☐ ₅
▪ 12.º ano	☐ ₆	☐ ₆
▪ Bacharelato	☐ ₇	☐ ₇
▪ Licenciatura	☐ ₈	☐ ₈
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₉	☐ ₉

Passe à pergunta 55

54. Indique o nível de qualificação profissional que terminou e o que frequenta, caso ainda estude: (indique apenas uma opção em cada coluna)

	Nível concluído	Nível que frequenta
▪ Formação sem atribuição de nível de qualificação	☐ ₁	☐ ₁
▪ Qualificação profissional nível II	☐ ₂	☐ ₂
▪ Qualificação profissional nível III	☐ ₃	☐ ₃
▪ Qualificação profissional nível IV	☐ ₄	☐ ₄
▪ Qualificação profissional nível V	☐ ₅	☐ ₅
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₆	☐ ₆

55. Qual o nome do curso/área? _____

56. Quando iniciou o CURSO no Sistema de Aprendizagem, já pensava em prosseguir os estudos?

▪ Sim ☐₁ ▪ Não ☐₂

57. Indique qual a razão pela qual decidiu prosseguir os estudos: (indique apenas uma opção)

▪ Incentivo de formadores/coordenador de turma/tutor	☐ ₁
▪ Incentivo de colegas	☐ ₂
▪ Incentivo de outros familiares	☐ ₃
▪ O interesse pelas matérias leccionadas no Sistema de Aprendizagem	☐ ₄
▪ Tinha interesse em adquirir uma qualificação superior	☐ ₅
▪ Estava desempregado e a obtenção de emprego seria mais fácil com uma qualificação superior	☐ ₆
▪ Estava empregado, mas queria melhorar as condições de trabalho no mesmo emprego	☐ ₇
▪ Estava empregado, mas queria mudar de emprego	☐ ₈
▪ Outro motivo. Qual? _____	☐ ₉

Se actualmente NÃO está desempregado(a) → Passe à pergunta 60.

Se actualmente está Desempregado(a) responda às perguntas seguintes

58. Se está desempregado, diga há quanto tempo se encontra nessa situação? (indique apenas uma opção)

▪ Nunca trabalhou (desempregado à procura do 1.º emprego)	☐ ₁
▪ Menos de 1 mês	☐ ₂
▪ Entre 1 a 6 meses	☐ ₃
▪ Entre 7 meses a 1 ano	☐ ₄
▪ Entre 1 a 2 anos	☐ ₅
▪ Mais de 2 anos	☐ ₆

59. Tentou arranjar emprego nas últimas 4 semanas? (indique apenas uma opção)

▪ Foi ao Centro de Emprego	☐ ₁
▪ Foi contactar empresas	☐ ₂
▪ Respondeu a anúncios	☐ ₃
▪ Pôs um anúncio no jornal	☐ ₄
▪ Pediu ajuda a amigos ou parentes	☐ ₅
▪ Procurou criar o seu próprio negócio	☐ ₆
▪ Não efectuou tentativas nas últimas 4 semanas	☐ ₇
▪ Outra situação. Qual? _____	☐ ₈

Apreciação Global do Sistema de Aprendizagem

60. Da seguinte lista, escolha as 4 frases que melhor caracterizam o Sistema de Aprendizagem, tal como ele é hoje:

a) Um meio de obtenção, pelos jovens, de uma qualificação profissional	☐ ₁
b) Uma oportunidade dos jovens conhecerem os contextos e as relações de trabalho, antes de entrarem na vida activa	☐ ₂
c) Uma forma das empresas obterem mão-de-obra barata	☐ ₃
d) Um meio de subsidiar os jovens que não conseguem emprego	☐ ₄
e) Uma forma de atrair os jovens a conteúdos teóricos através de aprendizagens práticas	☐ ₅
f) Uma forma de envolver as empresas na formação profissional dos jovens	☐ ₆
g) Um meio de formação de profissionais qualificados para responder às necessidades do mercado de trabalho	☐ ₇
h) Uma forma de promover a melhoria da formação e dos desempenhos profissionais	☐ ₈
i) Uma forma de dar uma nova oportunidade de formação aos jovens que abandonaram o ensino regular	☐ ₉

61. Da seguinte lista, escolha as 4 frases que melhor caracterizam o que, na sua opinião, deveria ser o Sistema de Aprendizagem:

a) Um meio de obtenção, pelos jovens, de uma qualificação profissional	☐ ₁
b) Uma oportunidade de os jovens conhecerem os contextos e as relações de trabalho, antes de entrarem na vida activa	☐ ₂
c) Uma forma das empresas obterem mão-de-obra barata	☐ ₃
d) Um meio de subsidiar os jovens que não conseguem emprego	☐ ₄
e) Uma forma de atrair os jovens a conteúdos teóricos através de aprendizagens práticas	☐ ₅
f) Uma forma de envolver as empresas na formação profissional dos jovens	☐ ₆
g) Um meio de formação de profissionais qualificados para responder às necessidades do mercado de trabalho	☐ ₇
h) Uma forma de promover a melhoria da formação e dos desempenhos profissionais	☐ ₈
i) Uma forma de dar uma nova oportunidade de formação aos jovens que abandonaram o ensino regular	☐ ₉

62. Foi alguma vez convidado para falar da sua experiência no Sistema de Aprendizagem perante outros jovens?

▪ Sim, pelo Centro de Emprego	☐ ₁
▪ Sim, pela Entidade Formadora / Centro de Formação	☐ ₂
▪ Não	☐ ₃
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₄

Observações:

(se quiser escreva aqui sobre algum assunto não tratado no Questionário e que ache importante para este trabalho)

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

INQUÉRITO AOS (EX)FORMANDOS DO ENSINO PROFISSIONAL

Este inquérito coloca questões sobre o CURSO que frequentou constante na ETIQUETA no canto superior direito desta página. Quando neste inquérito está mencionada a palavra CURSO, este refere-se ao curso da Etiqueta.

Caracterização Pessoal

1. Antes de entrar no CURSO do Ensino Profissional que se encontra no canto superior direito desta página (sem contar com as férias), qual era a sua situação? (indique apenas uma opção)

▪ Estava a estudar	☐ ₁
▪ Estava a fazer formação profissional	☐ ₂
▪ Estava a trabalhar	☐ ₃
▪ Estava a trabalhar e a estudar	☐ ₄
▪ Estava à procura do 1.º emprego	☐ ₅
▪ Não estudava nem trabalhava por opção	☐ ₆
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₇

2. Qual o tipo de ensino/formação que frequentava/frequentou antes de entrar no CURSO do Ensino Profissional?

▪ Ensino regular (do 5.º ao 12.º ano)	☐ ₁	Passe à Pergunta 3
▪ Ensino Tecnológico (Escolas tecnológicas)	☐ ₂	
▪ Ensino Profissional	☐ ₃	
▪ Sistema de Aprendizagem (formação em alternância)	☐ ₄	Passe à Pergunta 4
▪ Educação/Formação	☐ ₅	
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₆	

3. Qual o ano de escolaridade que frequentava?

▪ 5.º ano (antigo 1.º ano do ciclo preparatório)	☐ ₁
▪ 6.º ano (antigo 2.º ano do ciclo preparatório)	☐ ₂
▪ 7.º ano	☐ ₃
▪ 8.º ano	☐ ₄
▪ 9.º ano	☐ ₅
▪ 10.º ano	☐ ₆
▪ 11.º ano	☐ ₇
▪ 12.º ano	☐ ₈

Passe à Pergunta 6

4. Qual o nível de qualificação da formação que frequentava?

▪ Formação sem atribuição de nível de qualificação	☐ ₁
▪ Qualificação profissional nível I	☐ ₂
▪ Qualificação profissional nível II	☐ ₃
▪ Qualificação profissional nível III	☐ ₄
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₅

5. Qual o nome do curso que frequentava?
- _____

6. Se não estava a estudar antes de entrar no CURSO, diga quanto tempo esteve sem frequentar a escola:
- _____ anos e _____ meses

7. Se não estava a estudar antes de entrar no CURSO, que idade tinha quando saiu da escola: _____

8. No último ano escolar que frequentou antes de entrar no CURSO do Ensino Profissional:

▪ Ficou aprovado(a)	☐ ₁
▪ Reprovou	☐ ₂
▪ Desistiu antes de acabar o ano	☐ ₃
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₄

9. Indique o número de vezes que reprovou até entrar no CURSO:

▪ Nenhuma vez	☐ ₁
▪ 1 vez	☐ ₂
▪ 2 vezes	☐ ₃
▪ 3 vezes ou mais	☐ ₄

10. Indique o grau de parentesco das pessoas com quem vivia quando iniciou o CURSO (pai, mãe, n.º de irmãos, avós....):
- _____

11. Indique a escolaridade dos seus pais:

	Pai a)	Mãe b)
▪ Não sabe ler nem escrever	☐ ₁	☐ ₁
▪ Sabe ler e escrever e tem o ensino primário incompleto	☐ ₂	☐ ₂
▪ Ensino primário completo (4.º ano)	☐ ₃	☐ ₃
▪ Ciclo preparatório (6.º ano)	☐ ₄	☐ ₄
▪ Ensino básico (9.º ano)	☐ ₅	☐ ₅
▪ Ensino secundário (12.º ano)	☐ ₆	☐ ₆
▪ Curso médio ou superior	☐ ₇	☐ ₇
▪ Mestrado ou doutoramento	☐ ₈	☐ ₈
▪ Outra situação	☐ ₉	☐ ₉

12. Indique em que situação terminou o seu CURSO do Ensino Profissional: (indique apenas uma opção)

▪ Concluiu a totalidade do CURSO	☐ ₁
▪ Tem o CURSO incompleto e não pensa vir a concluí-lo	☐ ₂
▪ Tem o CURSO incompleto mas ainda o quer concluir	☐ ₃

Acesso à formação

13. Se antes de iniciar o CURSO recebeu orientação dada por um Técnico de Orientação Profissional, indique os resultados dessa orientação: (indique apenas uma opção)

▪ A orientação do Técnico de Orientação Profissional veio reforçar a minha intenção em frequentar o curso que já tinha escolhido	☐ ₁
▪ Eu já sabia que curso queria frequentar, por isso a orientação do Técnico de Orientação Profissional não influenciou a minha decisão	☐ ₂
▪ Apesar de saber que curso gostaria de frequentar, o Técnico de Orientação Profissional indicou-me outro curso	☐ ₃
▪ Eu não fazia ideia do curso que gostaria de frequentar e o Técnico de Orientação Profissional ajudou-me a escolher	☐ ₄
▪ Não recebi orientação do Técnico de Orientação Profissional	☐ ₅
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₆

14. O CURSO que frequentou no Ensino Profissional era aquele que queria inicialmente?

▪ Sim ☐₁ ▪ Não ☐₂

→ 15. Se não, porque não frequentou o curso que queria? (indique a razão principal)

▪ Não tinha habilitações suficientes	☐ ₁
▪ Não existia na área onde resido	☐ ₂
▪ Não tinha vaga	☐ ₃
▪ Foi-me aconselhado o que frequentei	☐ ₄
▪ Não sabia que me podia inscrever	☐ ₅
▪ Outra situação. Qual? _____	☐ ₆

→ 16. Se não, qual era o curso que queria frequentar?

Motivações para optar pelo Ensino Profissional

17. Indique a importância de cada um dos factores para ter optado por frequentar o CURSO do Ensino Profissional: (responda a todas as alíneas)

	Nada importante (1)	Pouco importante (2)	Muito Importante (3)	Importan- -tíssimo (4)
a) Vocação/interesse pessoal pelo CURSO	☐	☐	☐	☐
b) Gosto pela profissão a que d� acesso	☐	☐	☐	☐
c) Aconselhamento da Orienta�o Profissional	☐	☐	☐	☐
d) Aconselhamento de professores	☐	☐	☐	☐
e) Aconselhamento da família	☐	☐	☐	☐
f) Aconselhamento dos amigos	☐	☐	☐	☐
g) Tradi�o familiar ou tradi�o na Região	☐	☐	☐	☐
h) Por acaso	☐	☐	☐	☐
i) Outros. Quais? _____	☐	☐	☐	☐

18. Indique a importância de cada um dos motivos para ter optado por frequentar o CURSO do Ensino Profissional: (responda a todas as alíneas)

	Nada importante (1)	Pouco importante (2)	Muito Importante (3)	Importan- tíssimo (4)
a) Seguir os colegas mais próximos	☐	☐	☐	☐
b) Arranjar emprego com maior facilidade	☐	☐	☐	☐
c) Ser mais fácil do que a escola regular	☐	☐	☐	☐
d) Ser uma formação prática	☐	☐	☐	☐
e) Aprender uma profissão	☐	☐	☐	☐
f) Obter um diploma escolar	☐	☐	☐	☐
g) Obter um certificado de qualificação profissional	☐	☐	☐	☐
h) Retomar os estudos	☐	☐	☐	☐
i) Prosseguir os estudos no Ensino Superior	☐	☐	☐	☐
j) Para estar ocupado	☐	☐	☐	☐
k) Outros. Quais? _____	☐	☐	☐	☐

Avaliação do curso frequentado

19. O seu CURSO incluiu formação em contexto de trabalho? (indique apenas uma opção)

▪ Sim, realizei um Estágio numa entidade/empresa	☐ ₁	▪ Sim, realizei na Escola actividades que simulavam situações profissionais	☐ ₂
▪ Não tive formação em contexto de trabalho	☐ ₃		

Se não realizou um Estágio numa entidade/empresa, responda à questão 20.1. e em seguida passe à Pergunta 24.

20. Em geral como avalia a qualidade da formação no Ensino Profissional, nos seguintes aspectos? (responda a todas as alíneas)

	Muito Má (1)	Insuficiente (2)	Boa (3)	Muito Boa (4)
20.1. Formação em Sala (na Escola Profissional)				
a) Competência dos formadores na transmissão dos saberes (clareza, segurança, esclarecimento de dúvidas, método de ensino)	☐	☐	☐	☐
b) Instalações	☐	☐	☐	☐
c) Equipamentos disponíveis (vídeos, retroprojectores, equipamento informático, acesso à Internet, etc.)	☐	☐	☐	☐
d) Manuais, textos de apoio, etc.	☐	☐	☐	☐
e) Formas de avaliação dos formandos	☐	☐	☐	☐
20.2. Formação na Entidade/Empresa (Estágio)				
f) Competência dos tutores/monitores da empresa na transmissão dos saberes (clareza, segurança, esclarecimento de dúvidas, método de ensino)	☐	☐	☐	☐
g) Acompanhamento prestado pelo tutor/monitor durante o período de formação na empresa (estágio)	☐	☐	☐	☐
h) Equipamentos disponíveis (equipamentos específicos da área profissional do curso, etc.)	☐	☐	☐	☐
i) Condições de trabalho (horário de trabalho, instalações, relacionamento de trabalho, etc.)	☐	☐	☐	☐
j) Formas de avaliação dos formandos	☐	☐	☐	☐

21. Em geral como avalia a relação entre a formação em sala e a formação em posto de trabalho (Estágio na Empresa)?

☐₁ Muito Má

☐₂ Insuficiente

☐₃ Boa

☐₄ Muito Boa

22. Que grau de importância atribui à formação em contexto de trabalho (Estágio na Empresa)?

- ☐₁ Nada importante ☐₂ Pouco importante ☐₃ Importante ☐₄ Muito importante ☐₅ Importantíssimo

23. Por favor, justifique a resposta à questão anterior:

24. Qual a utilidade do CURSO frequentado, nos seguintes aspectos: (responda a todas as alíneas)

	Não teve utilidade (1)	Teve pouca utilidade (2)	Teve alguma utilidade (3)	Teve bastante utilidade (4)
a) Desenvolvimento pessoal	☐	☐	☐	☐
b) Melhoria da auto-estima	☐	☐	☐	☐
c) Ter um projecto de vida	☐	☐	☐	☐
d) Continuação dos estudos no ensino superior/politécnico	☐	☐	☐	☐
e) Obter um emprego	☐	☐	☐	☐
f) Ajuda ao desempenho profissional	☐	☐	☐	☐
g) Conclusão do ensino secundário	☐	☐	☐	☐
h) Obter uma qualificação profissional	☐	☐	☐	☐
i) Outro. Qual? _____	☐	☐	☐	☐

25. O CURSO correspondeu às suas expectativas iniciais?

- ☐₁ Não correspondeu nada
☐₂ Correspondeu pouco
☐₃ Correspondeu mais ou menos
☐₄ Correspondeu muito
☐₅ Correspondeu totalmente

26. Se respondeu "nada" ou "pouco", diga porquê?

Situação do Formando Após o Curso

27. Indique a sua condição perante o trabalho em cada um dos seguintes momentos após o CURSO: (responda aos 4 momentos, na opção que corresponde à situação predominante em cada momento)

	1 mês após o CURSO estava: (1)	3 meses após o CURSO estava: (2)	6 meses após o CURSO estava: (3)	1 ano após o CURSO estava: (4)
a) Desempregado	☐	☐	☐	☐
b) A trabalhar por conta de outrem, prestador de serviços (recibos verdes), ou outra situação	☐	☐	☐	☐
c) A trabalhar por conta própria	☐	☐	☐	☐
d) A estudar	☐	☐	☐	☐
e) A trabalhar e a estudar	☐	☐	☐	☐
f) Outra. Qual? _____	☐	☐	☐	☐

28. Se já esteve desempregado uma ou mais vezes, após o CURSO, quanto tempo esteve nessa situação? (some todos os períodos em que esteve desempregado)

_____ anos e _____ meses

29. Quais as dificuldades que encontrou/encontra para arranjar emprego? (indique apenas uma opção)

▪ Há falta de emprego na área profissional do meu CURSO	☐ ₁
▪ A formação que obtive é pouco valorizada no mercado de emprego	☐ ₂
▪ Há falta de emprego em geral	☐ ₃
▪ Os níveis de remuneração que se praticam nos empregos relacionados com a área do meu CURSO são baixos	☐ ₄
▪ Os empregos que me têm sido propostos na área do meu CURSO não são aliciantes ao nível das tarefas a executar	☐ ₅
▪ A minha situação pessoal não permite aceitar um emprego na área do meu CURSO	☐ ₆
▪ Os empregos disponíveis na área do meu CURSO ficam muito longe da minha residência	☐ ₇
▪ Não encontrou/encontra dificuldades em arranjar emprego	☐ ₈
▪ Outra razão. Qual? _____	☐ ₉

30. Qual a sua condição actual perante o emprego: (indique apenas uma opção, a que corresponda à sua condição predominante)

▪ Desempregado	☐ ₁	▪ Se já trabalhou após o curso passe à P.31. ▪ Se nunca trabalhou mas continuou/voltou a estudar após o curso passe à P.44. ▪ Se nunca trabalhou nem continuou/voltou a estudar passe à P.50.
▪ A trabalhar por conta de outrem, prestador de serviços (recibos verdes), estágios profissionais, ou outra situação	☐ ₂	▪ Passe à P. 31.
▪ A trabalhar por conta própria (empresário)	☐ ₃	▪ Passe à p. 31.
▪ A trabalhar e a estudar	☐ ₄	▪ Passe à p. 31.
▪ A estudar	☐ ₅	▪ Se já trabalhou após o curso passe à P. 31. ▪ Se nunca trabalhou passe à P.44.
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₆	▪ Se já trabalhou após o curso passe à P.31. ▪ Se nunca trabalhou mas continuou/voltou a estudar após o curso passe à P.44. ▪ Se nunca trabalhou nem continuou/voltou a estudar passe à P.53.

SE ESTÁ ACTUALMENTE A TRABALHAR OU JÁ TRABALHOU APÓS O CURSO DO ENSINO PROFISSIONAL RESPONDA ÀS PERGUNTAS SEGUINTES

31. Após a conclusão do CURSO no Ensino Profissional (ou ainda durante a sua frequência) quanto tempo levou a arranjar emprego: (indique apenas uma opção)

▪ Antes de terminar o curso	☐ ₁
▪ Até 1 mês após o curso	☐ ₂
▪ Entre 1 a 3 meses após o curso	☐ ₃
▪ Entre 4 a 6 meses após o curso	☐ ₄
▪ Entre 7 meses a 1 ano após o curso	☐ ₅
▪ Mais de 1 ano após o curso	☐ ₆

32. Como encontrou o seu primeiro emprego após o CURSO (que pode ser o actual)? (indique apenas uma opção)

▪ Foi contactado pela entidade empregadora	☐ ₁
▪ Através de relações pessoais/família	☐ ₂
▪ Resposta a anúncios	☐ ₃
▪ Colocação de anúncios	☐ ₄
▪ Através de um Centro de Emprego	☐ ₅
▪ Através da empresa em que fez formação prática	☐ ₆
▪ Criou o próprio emprego	☐ ₇
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₈

33. Quantos empregos já teve após a conclusão do CURSO (incluindo o actual/último emprego)?

▪ 1 emprego	☐ ₁
▪ 2 empregos	☐ ₂
▪ 3 empregos	☐ ₃
▪ Mais de 3 empregos	☐ ₄

34. Indique se já exerceu ou exerce uma profissão relacionada com a área de formação do seu CURSO?

▪ Sim ☐₁ ▪ Não ☐₂

35. Se não, indique a principal razão para nunca ter exercido uma profissão relacionada com a área de formação do seu CURSO: (indique apenas uma opção)

▪ Há falta de emprego na área profissional do meu CURSO	☐ ₁
▪ Os níveis de remuneração que se praticam nos empregos relacionados com a área do meu CURSO são baixos	☐ ₂
▪ Os empregos que me têm sido propostos na área do meu CURSO não oferecem condições aliciantes ao nível das tarefas a executar	☐ ₃
▪ A minha situação pessoal não permite aceitar um emprego na área do meu CURSO	☐ ₄
▪ Os empregos disponíveis na área do meu CURSO ficam muito longe da minha residência	☐ ₅
▪ Outras razões. Quais? _____	☐ ₆

36. Qual a sua profissão no 1.º emprego que teve após a conclusão do CURSO e no seu emprego actual/último (se for a mesma, por favor, escreva-a 2 vezes)?

Profissão do 1º emprego: _____

Profissão actual/última: _____

37. Qual a dimensão da empresa/entidade onde começou a trabalhar após a conclusão do CURSO e onde trabalha actualmente (independentemente de se tratar da mesma empresa), ou em caso de estar desempregado, onde trabalhou pela última vez? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	Onde começou a trabalhar após a conclusão do CURSO a)	Actualmente (responda a esta questão, ainda que esteja na mesma empresa) ou última onde trabalhou b)
▪ 1 a 4 trabalhadores	☐ ₁	☐ ₁
▪ 5 a 9 trabalhadores	☐ ₂	☐ ₂
▪ 10 a 49 trabalhadores	☐ ₃	☐ ₃
▪ 50 a 249 trabalhadores	☐ ₄	☐ ₄
▪ Mais de 250 trabalhadores	☐ ₅	☐ ₅

38. Qual o ramo de actividade económica da empresa do seu 1.º emprego após o CURSO e na qual trabalha actualmente/última onde trabalhou? Caso seja trabalhador por conta própria indique o ramo da sua actividade económica? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	Onde começou a trabalhar após a conclusão do CURSO a)	Actualmente (responda a esta questão, ainda que esteja na mesma empresa) ou última onde trabalhou b)
▪ Agricultura, produção animal, caça e silvicultura e pescas	☐ ₁	☐ ₁
▪ Indústria extractiva	☐ ₂	☐ ₂
▪ Indústria transformadora	☐ ₃	☐ ₃
▪ Produção e distribuição de electricidade, gás e água	☐ ₄	☐ ₄
▪ Construção	☐ ₅	☐ ₅
▪ Comércio, serviços de reparação (inclui reparação automóvel)	☐ ₆	☐ ₆
▪ Alojamento e restauração (ex. hotéis, restaurantes, cafés)	☐ ₇	☐ ₇
▪ Transportes, armazenagem e comunicações	☐ ₈	☐ ₈
▪ Actividades financeiras (ex. bancos e seguros)	☐ ₉	☐ ₉
▪ Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas (ex. contabilidade, informática, publicidade, segurança, limpeza)	☐ ₁₀	☐ ₁₀
▪ Administração pública, defesa e segurança social	☐ ₁₁	☐ ₁₁
▪ Educação (ex. estabelecimentos de ensino, pré-escolas)	☐ ₁₂	☐ ₁₂
▪ Saúde e acção social (ex. hospitais, consultórios médicos, lares e creches)	☐ ₁₃	☐ ₁₃
▪ Outros serviços colectivos, sociais e pessoais (ex. cabeleireiro, lavandarias, ginásios, termas, bibliotecas, museus)	☐ ₁₄	☐ ₁₄

39. Qual o seu vínculo contratual no seu 1.º emprego e no actual/último emprego? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	1.º emprego após a conclusão do CURSO a)	Emprego actual (responda a esta questão, ainda que seja o mesmo emprego) ou último emprego b)
▪ Contrato de trabalho sem termo (efectivo)	☐ ₁	☐ ₁
▪ Contrato de trabalho com termo (a prazo)	☐ ₂	☐ ₂
▪ Prestação de serviços (recibos verdes)	☐ ₃	☐ ₃
▪ Contrato de estágio	☐ ₄	☐ ₄
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₅	☐ ₅

40. Indique qual o escalão de remuneração líquida que auferia no seu 1.º emprego após o CURSO e o que auferia actualmente/último emprego? (indique apenas uma opção em cada coluna)

	1.º emprego (ou 1.º mês de emprego, se mantém o mesmo emprego)	Emprego actual/último emprego
▪ Até 400 €	☐ ₁	☐ ₁
▪ Entre 401 e 800 €	☐ ₂	☐ ₂
▪ Entre 801 e 1200 €	☐ ₃	☐ ₃
▪ Entre 1201 e 1600 €	☐ ₄	☐ ₄
▪ Mais de 1600 €	☐ ₅	☐ ₅

41. Relativamente à sua situação profissional actual, encontra-se:

▪ Nada satisfeito	☐ ₁
▪ Pouco satisfeito	☐ ₂
▪ Satisfeito	☐ ₃
▪ Muito satisfeito	☐ ₄
▪ Satisfeitíssimo	☐ ₅

42. Por favor, justifique a sua resposta:

43. Responda por favor às seguintes questões: (responda a todas as alíneas)

	Nada (1)	Pouco (2)	Em parte (3)	Bastante (4)
a) O meu curso contribuiu de alguma forma para a obtenção do meu emprego actual/último emprego?	☐	☐	☐	☐
b) As funções que desempenho actualmente/último emprego estão de acordo com a formação adquirida?	☐	☐	☐	☐
c) As aprendizagens desenvolvidas na formação em sala têm sido aplicadas na minha actividade profissional?	☐	☐	☐	☐
d) As aprendizagens desenvolvidas na formação em contexto de trabalho (estágio) têm sido aplicadas na minha actividade profissional?	☐	☐	☐	☐

Se Não continuou/voltou a estudar após o CURSO do Ensino Profissional e:

Se Continuou/voltou a estudar após o CURSO continue na Pergunta 44

Se está
desempregado(a):
Passe à Pergunta 50

Se não está
desempregado(a):
Passe à Pergunta 53

Se continuou/voltou a estudar após o CURSO do Ensino Profissional responda às perguntas seguintes

44. Indique qual o tipo de ensino/formação que frequentou/frequenta depois do CURSO do Ensino Profissional?

▪ Ensino regular (do 5.º ao 12.º ano)	☐ ₁	Passe à Pergunta 45
▪ Ensino Superior	☐ ₂	
▪ Ensino Tecnológico (Escolas tecnológicas)	☐ ₃	Passe à Pergunta 46
▪ Ensino Profissional	☐ ₄	
▪ Sistema de Aprendizagem (formação em alternância)	☐ ₅	
▪ Educação/Formação	☐ ₆	
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₇	

45. Indique o nível de ensino escolar que terminou e o que frequenta, caso ainda estude: (indique apenas uma opção em cada coluna)

	Nível concluído	Nível que frequenta
▪ 7.º ano	☐ ₁	☐ ₁
▪ 8.º ano	☐ ₂	☐ ₂
▪ 9.º ano	☐ ₃	☐ ₃
▪ 10.º ano	☐ ₄	☐ ₄
▪ 11.º ano	☐ ₅	☐ ₅
▪ 12.º ano	☐ ₆	☐ ₆
▪ Bacharelato	☐ ₇	☐ ₇
▪ Licenciatura	☐ ₈	☐ ₈
▪ Outra. Qual? _____	☐ ₉	☐ ₉

49. Indique qual a razão pela qual decidiu prosseguir os estudos: (indique apenas uma opção)

▪ Incentivo de formadores/coordenador de turma/tutor/monitor da empresa	☐ ₁
▪ Incentivo de colegas	☐ ₂
▪ Incentivo de outros familiares	☐ ₃
▪ O interesse pelas matérias leccionadas no Ensino Profissional	☐ ₄
▪ Tinha interesse em adquirir uma qualificação superior	☐ ₅
▪ Estava desempregado e a obtenção de emprego seria mais fácil com uma qualificação superior	☐ ₆
▪ Estava empregado, mas queria melhorar as condições de trabalho no mesmo emprego	☐ ₇
▪ Estava empregado, mas queria mudar de emprego	☐ ₈
▪ Outro motivo. Qual? _____	☐ ₉

Se actualmente NÃO está desempregado(a) →

Passe à pergunta 53.

Se actualmente está Desempregado(a) responda às perguntas seguintes

50. Se está desempregado, diga há quanto tempo se encontra nessa situação? (indique apenas uma opção)

▪ Nunca trabalhou (desempregado à procura do 1.º emprego)	☐ ₁
▪ Menos de 1 mês	☐ ₂
▪ Entre 1 a 6 meses	☐ ₃
▪ Entre 7 meses a 1 ano	☐ ₄
▪ Entre 1 a 2 anos	☐ ₅
▪ Mais de 2 anos	☐ ₆

51. Tentou arranjar emprego nas últimas 4 semanas? (indique apenas uma opção)

▪ Foi ao Centro de Emprego	☐ ₁
▪ Foi contactar empresas	☐ ₂
▪ Respondeu a anúncios	☐ ₃
▪ Pôs um anúncio no jornal	☐ ₄
▪ Pediu ajuda a amigos ou parentes	☐ ₅
▪ Procurou criar o seu próprio negócio	☐ ₆
▪ Não efectuou tentativas nas últimas 4 semanas	☐ ₇
▪ Outra situação. Qual? _____	☐ ₈

Passe à pergunta 47

46. Indique o nível de qualificação profissional que terminou e o que frequenta, caso ainda estude: (indique apenas uma opção em cada coluna)

	Nível concluído	Nível que frequenta
▪ Formação sem atribuição de nível de qualificação	☐ ₁	☐ ₁
▪ Qualificação profissional nível II	☐ ₂	☐ ₂
▪ Qualificação profissional nível III	☐ ₃	☐ ₃
▪ Qualificação profissional nível IV	☐ ₄	☐ ₄
▪ Qualificação profissional nível V	☐ ₅	☐ ₅
▪ Outro. Qual? _____	☐ ₆	☐ ₆

47. Qual o nome do curso/área?

48. Quando iniciou o CURSO no Ensino Profissional, já pensava em prosseguir os estudos?

▪ Sim ☐₁ ▪ Não ☐₂

52. Indique, por favor, a sua idade:_____ anos

53. Observações:

(se quiser escreva aqui sobre algum assunto não tratado no Questionário e que ache importante para este trabalho)

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!